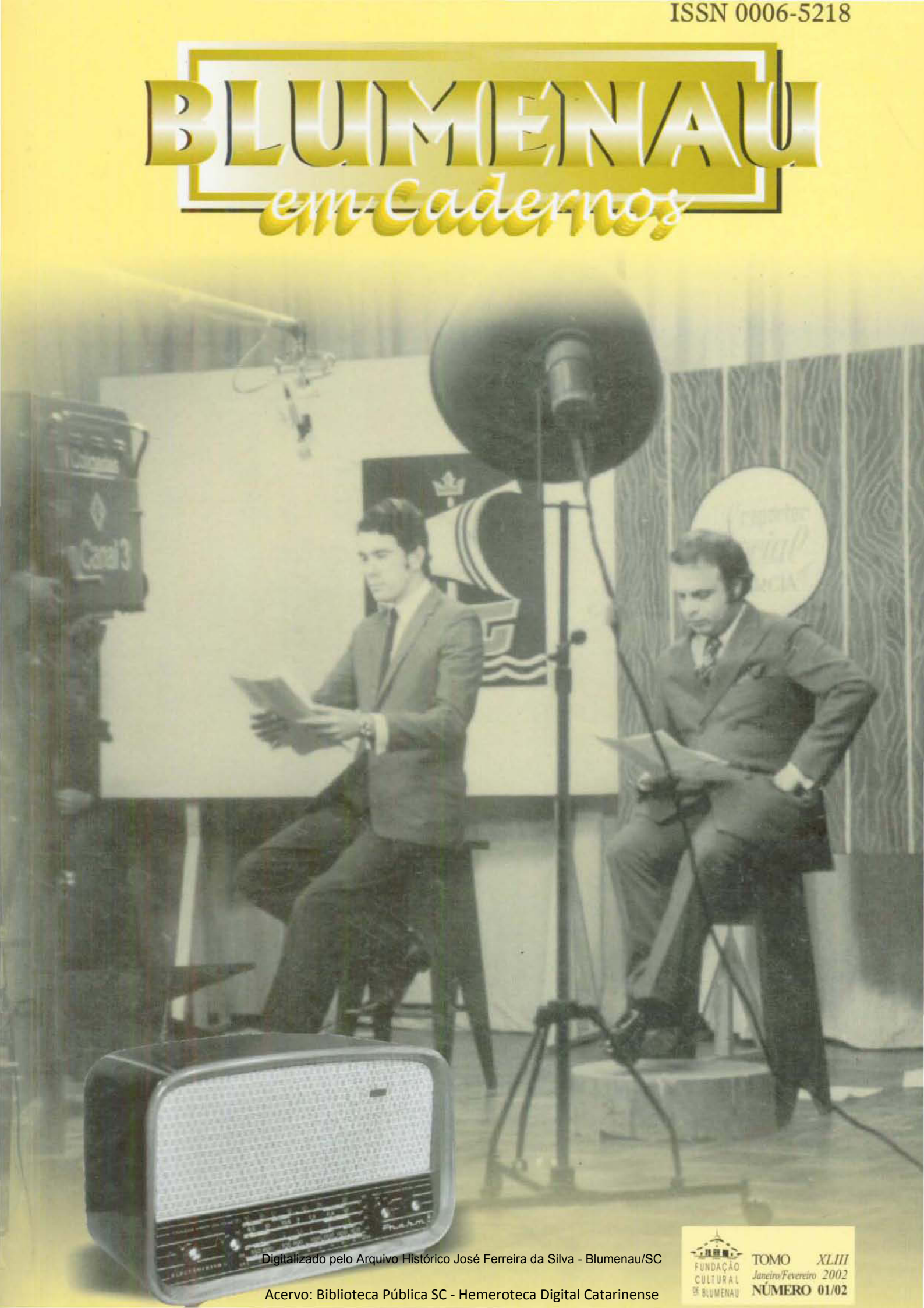
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

TOMO XLIII
Janeiro/Fevereiro 2002
NÚMERO 01/02

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura
Vilarino Wolff

CULTURA EM MOVIMENTO editora

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC
Fone/fax: (47) 326-6990
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA
Pioneirismo de Blumenau na Comunicação Catarinense.
PRC-4 - Rádio Clube de Blumenau (1935) e TV Coligadas Canal 3 (1969)

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Ivo Marcos Theis (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Cristina Ferreira,
Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO
Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos Originais – Crônicas

A primeira expedição de Karl à mata virgem, como ajudante na demarcação de terras 007
O encontro de Karl com Katharina Jensen 015
O casamento - um porto seguro 019
Karl Kleine

Artigos

A Roda Mítica e o Arco-Íris da Tecnologia: Diferenças do olhar alemão e brasileiro em relação à tecnologia na década de 1930
Roberto Marcelo Caresia 020

Artigos

Lágrimas e risos na fundação de Camboriú
José Ferreira da Silva *032*

Fragmentos de Nossa História Local

Sociedade de Artífices 037
Estrada para Blumenau 040
Caixa Econômica de Iniciativa particular em Blumenau 041

Burocracia & Governo

Documentos da Colônia Blumenau
Dr. Hermann Blumenau 043

Entrevistas

História de Vida - Nelson Rosembrock
Urda Alice Klueger 049

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

História & Historiografia

As Escolas Paroquiais: meta para a Igreja afirmar sua presença na sociedade
Claricia Otto 071

Memórias

Meus tempos de Colégio - III - O Ginásio (2)
Armando Luiz Medeiros 082
Carnaval em Blumenau
Grete Baumgarten Medeiros 086

Crônicas do Cotidiano

Coisas Tenebrosas
Divertimento de blumenauenses
Urda Alice Klueger 089

Esporte & Lazer

Brasil Sport Club: em 18 anos três fundações / G.E. Olímpico - Sede Própria
Aurélio Sada 093
Blumenau Cidade Limpa 101
Jovem Cabeludo: este formidável controvertido homem do amanhã 105
Clube de Xadrez de Blumenau 1917-1947 107

Autores Catarinenses

Crispim Mira / O publicitário do Diabo / São João Maria e outros assuntos
Enéas Athanázio 119

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Documentos Originais – *Crônicas*

– A primeira expedição de Karl à mata virgem, como ajudante na demarcação de terras

- O encontro de Karl com Katharina Jensen

- O casamento – um porto seguro

*AUTOR: KARL KLEIN**

Com o texto "A primeira expedição de Karl à mata virgem", damos prosseguimento à publicação das crônicas escritas por Karl Kleine. Neste texto o autor relata a sua experiência como ajudante na demarcação de terras. Nesta sua vivência de mateiro trabalhou inicialmente como cozinheiro.

Ao exercer esta função, enfrentou na solidão da floresta muitos medos, os quais eram fomentados pelos colegas mateiros que sentiam prazer em deixá-lo apavorado pelos possíveis perigos que poderiam suceder por uma eventual visita ao acampamento pelos nativos ou animais selvagens. Em outro momento, descreve o seu primeiro encontro com a sua futura esposa Katharina Jensen.

A primeira expedição de Karl à mata virgem, como ajudante na demarcação de terras

Minha primeira expedição à mata virgem teve como destino o Warnow, um afluente do rio Itajaí consideravelmente grande. Naquela época este lugar não era povoado, porém, uma parte já estava demarcada e algumas áreas haviam sido derrubadas para roças. Nós precisamos seguir um bom trajeto rio acima, até chegarmos às terras devolutas. Éramos seis mateiros incluindo o agrimensor, distribuídos em duas canoas junto às provisões. No momento, o nível do rio se encontrava bastante baixo e, em várias ocasiões, precisamos puxar as canoas por sobre as pedras e bancos de areia. Apesar de tudo conseguimos avançar rapidamente.

Os mateiros eram alemães e todos, menos eu, conheciam muito bem o modo de vida na mata virgem durante a demarcação de terras.

Confesso que tive um medo enorme durante a minha primeira expedição à mata e suspeitava que poderia haver um bugre ou um tigre atrás de cada tronco de árvore. Um veado grande veio em nossa direção

Tradução: Annemarie Fouquet Schünke

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Karls erste Urwaldreise als Vermessungsgehilfe

Meine erste Urwaldreise ging nach dem Warnow, einem ziemlich großen Nebenflusse des Itajahy. Der war damals noch nicht bewohnt, aber am unteren Teile schon vermessen. Auch waren schon einige Roças geschlagen. Wir mußten also ein gutes Stück den Fluß hinauffahren, um an das devolute Land zu gelagen. Mit dem Feldmesser waren wir unsere sechs Waldläufer, die mit der Proviant auf zwei Canoas verteilt wurden. Der Wasserstand war gerade sehr niedrig, wir mußten oft aussteigen und die Canoas über Felsen und Sandbänke ziehen. Dennoch kamen wir ziemlich schnell vorwärts. - Sämtliche Waldläufer waren Deutsche und kannten - außer mir - das Leben bei den Vermessungen im Urwald zur Genüge.

Ich muß hier gestehen, daß ich bei dieser meiner ersten Waldreise gewaltige Angst ausgestanden habe. Hinter jedem dicken Baum vermutete ich einen Buger oder einen Tiger. Zum Unglück kam uns auch noch ein großer Rehbock im Wasser entgegen, den wir schossen und nun erst sahen, daß derselbe einen abgebrochenen Pfeil im Leibe hatte. Nun war es natürlich mit meinem bißchen Courage ganz vorbei. - Um das Maß meines Unbehagens voll zu machen, wurde ich zum Koch ernannt, das heißt: ich sollte allein im Rancho (Waldhütte) bleiben und die Kocherei besorgen. Ich versuchte es nun mit allerlei Ausflüchten, um meinen, wie ich damals dachte, höchst gefährlichen Posten einem anderen aufzuhalsen, aber es wollte niemand anbeißen. Ich war der Jüngste und noch dazu ein Anfänger, also verstand es sich ganz von selbst, daß ich die Kochgeschichte aufgehängt bekam. Ich ergab mich in mein trauriges Schicksal und machte mich auf das Schlimmste gefaßt. Schade war es doch um mein junges Leben!

Eine Flußfahrt mitten durch den Urwald in einem Canô gehört zu den romantischsten Partien, die man sich denken kann. Selbst auf einen gänzlich prosaisch veranlagten Menschen muß die Majestät des jungfräulichen Urwaldes einen gewissen erhabenen Eindruck hervorbringen. Trotz meiner fürchterlichen Angst konnte ich mich dieses Eindrucks nicht erwehren. Freilich sah ich bei dieser Reise mehr nach den braunen Rehjägern aus als nach der eingentümlichen Pracht des Urwaldes, aber ich empfand sie doch. - Später habe ich noch viele hundert Mal bei einer solchen Fahrt die zauberische Schönheit des Urwalds bewundert. Sie wiegt manche Beschwerde des Urwaldlebens auf und gibt demselben einen Reiz, den man nicht beschreiben, sondern nur erfühlen kann.

Gegen vier Uhr nachmittags kamen wir an die Stelle, wo wir unser Rancho bauen wollten. Zuerst wurde ein geeigneter Platz für den Bau der Hütte ausgesucht, eine Stelle, die nicht zu weit vom Wasser weg war und an der keine abgestorbenen oder sehr großen Bäume standen, die uns bei Sturm oder Gewitter sehr gefährlich werden konnten. Dann wurde der Platz von allem Buschwerk freigemacht und der Boden geebnet. Zum Bau des Ranchos wurden mannshohe Astgabeln von jungen

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dentro da água e, depois que o abatemos, para nosso azar, verificamos que havia uma flecha quebrada em seu ventre. Bem, agora não restava mais nada da pouca coragem que eu tinha. Para completar meu mal-estar fui nomeado cozinheiro, isto significava que precisaria ficar sozinho no rancho e preparar a comida. Tentei desvencilhar-me deste cargo com inúmeras desculpas, tentando passá-lo para outra pessoa, pois o considerava de alto risco. Mas ninguém caiu na conversa. Eu era o mais novo e, portanto, natural que a cozinha sobrasse para mim. Eu me conformei com meu triste destino, preparando-me para o pior. Contudo, era lastimável para minha vida tão jovem. Uma jornada de canoa através da mata virgem é uma das coisas mais românticas que se pode imaginar. Mesmo para uma pessoa de caráter prático, a majestade da mata virgem deve transmitir um certo encanto. Eu não consegui me esquivar desta impressão, apesar do meu medo aterrador. Nesta jornada, sem dúvida, eu estava mais preocupado com os morenos caçadores de veados, do que com a singular magnitude da mata virgem.

Mais tarde, em outras expedições, admirei centenas de vezes a fascinante beleza da mata virgem. Ela compensa muitos desconfortos, dando-lhe um encanto impossível de descrever e que apenas pode ser sentido.

Por volta das quatro horas da tarde chegamos ao lugar onde queríamos erguer nosso rancho. Escolhemos um lugar adequado para a construção, que não fosse muito longe do rio e onde também não houvesse árvores muito grandes ou mortas, as quais poderiam tornar-se perigosas para nós durante uma tempestade ou trovoada. Então o lugar foi limpo e o solo aplainado. Para a construção do rancho, foram fincados no chão galhos bifurcados da altura de um homem, e sobre estes foram colocadas travessas. Tudo foi bem escorado e amarrado com cipó no topo do galho central. Isto mais parecia uma tenda forte, com uma cobertura espessa de folhas do palmiteiro. Caso, mais tarde, as folhas encolhessem seria possível colocar mais, pois não havia falta deste material. Estas folhas também eram usadas como cama.

Cozinhava-se a céu aberto. Como cozinheiro, fui liberado da construção do rancho, mas, precisei assumir logo meu novo cargo, quer dizer: buscar lenha e água, acender o fogo para colocar a chaleira com água, pois primeiro era preciso preparar um café. Depois de feito isto, meu trabalho continuou: colocar de molho a carne-seca, pôr o feijão para cozinhar, preparar carne no espeto, etc. Como cozinheiro novato, era bastante desajeitado nos primeiros tempos, mas isto foi apenas nos primeiros dias, pois depois tudo foi muito bem. No entanto, tanto eu quanto os utensílios de cozinha estavam totalmente lambuzados. Bem, tudo precisa ser aprendido, se não quiseres ser chamado de lambão. Mas, minha

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Bäumen in die Erde gerammt, auf die eine starke Querstange gelegt wurde. Daran wurden nun andere Stangen schräg angestellt und unten in den Boden gestoßen, oben aber mit Lianen an der Giabelstange befestigt. Das sah wie ein starker Zeltbau aus, der nun ein dichtes Blätterdach von den Wedeln der schlanken Palmiten bekam. Wenn die Blätter später zusammenschrumpften, konnten immer wieder neue daraufgelegt werden; an Material fehlte es ja nicht. Auch als Bettunterlage wurden diese Palmenblätter benutzt. - Gekocht wurde unter freiem Himmel. Als Koch brauchte ich beim Bau des Ranchos nicht zu helfen, sondern mußte gleich mein neues Amt antreten, Holz und Wasser holen, Feuer machen und einen Kessel mit Wasser aufsetzen; denn es mußte erst einmal ein starker Kaffee gekocht werden. Danch ging meine Arbeit dann weiter: Dörrfleisch einweichen, Bohnen aufsetzen, Spießbraten machen usw. Als neugebackener Koch stellte ich mich in der ersten Zeit noch sehr ungeschickt an, aber nur in den ersten Tagen, hernach ging alles wie geschmiert. Geschmiert, beschmiert und verschmiert war ich aber auch selber mitsamt meinem Kochgeschirr. Man muß eben alles erst von Grund auf lernen, und wenn man nicht den Titel "Schmierpeter"davontragen will, muß man sich schon anstrengen. Doch wie bei Muttern zu Hause sah meine Küche doch nicht aus. Aber es ging, wenn nur die Angst nicht gewesen wäre! Keine Stunde, ja, keine Minute verging ohne diese schreckliche Angst, wenn ich allein im Rancho war. Des Morgens früh schon ging der Feldmesser mit seinen Leuten an seine Arbeitsstelle, die, je länger es dauerte, immer weiter entfernt war. Nachmittags um 3 oder 4 Uhr kehrten sie wieder zurück; aber manchmal wurde es auch Abend. So lange mußte ich mit meiner Angst am Bohnentopf sitzen. Aber ich machte das so: das Essen wurde so schnell wie möglich abgekocht und warm gestellt. Dann begab ich mich wohlbewaffnet auf eine kleine Flußinsel, die dem Rancho gerade gegenüber lag. Hier verkroch ich mich in ein Versteck von Buschwerk und lugte nun stundenlang nach Bugres aus. Natürlich ging ich auch beim Rancho nur mit der Pistole im Gürtel oder in der Hand. Diese Pistole war mein Eigentum und ein wahres Monstrum von Feuerwaffe. Unser Feldmesser behauptete immer, daß Tilly diese Pistole in der Schlacht bei Lutter verloren habe, und nannte sie nicht anders als Tillykanone. Aber daß die Gefahr beim Abfeuern der Waffe für mich weit größer war als für die rothäutigen Skalpjäger, überzeugte mich später die Entladung derselben.

Wegen meiner Angst wurde ich von allen meinen Waldgenossen weidlich ausgespottet und gehörig damit aufgezogen. Es verging kein Tag, an dem sie nicht mindestens 50 Bugres im Walde aufgespürt hatten, und ich glaubte ihnen natürlich aufs Wort. Abends erzählten sie sich schreckliche Indianergeschichten, die mich so aufregten, daß ich des Nachts davon träumte und noch am Tage genug davon hatte.

Es war am dritten Tag meiner jungen Waldlaufbahn. Ich hatte gerade abgekocht und wollte mich nun wieder auf meine Inselwacht begeben, als ich hinter mir dicht am Rancho ein verdächtiges Geräusch vernahm und in demselben

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cozinha não tinha a mesma aparência daquela da minha mãe.

No mais tudo ia bem, se não fosse o medo! Quando me encontrava sozinho na cabana, não passava um minuto sequer sem sentir este terrível medo. O agrimensor e seus ajudantes iam de manhã bem cedo para o trabalho, e eu sabia que quanto mais demoravam a voltar, mais longe se encontravam. Eles retornavam pelas três ou quatro horas da tarde, mas às vezes somente à noite. Eu ficava sentado todo este tempo junto à panela de feijão, sentindo muito medo. Mas procedia assim: cozinhava o mais rápido possível e deixava a panela em fogo baixo. Então me dirigia bem armado à ilha, que ficava em frente à cabana. Aqui me enfiava em um esconderijo no meio de arbustos e ficava horas a fio espreitando os bugres. Evidentemente, também no rancho, só andava com a pistola no cinto ou na mão. Esta pistola era minha, porém uma verdadeira aberração de arma de fogo. Nosso agrimensor dizia que Tilly* devia ter perdido esta pistola na batalha de Lutter, e a chamava de canhão de Tilly. Mais tarde, ao descarregar a pistola, convenci-me de que o perigo era bem maior para mim do que para os peles-vermelhas, caçadores de escalpo.

Por causa deste medo, todos os meus camaradas constantemente debochavam demais de mim. Não passava um dia sem que tivessem visto, no mínimo cinqüenta bugres, e eu acreditava em cada palavra que diziam. À noite contavam histórias terríveis sobre indígenas, que me deixavam profundamente impressionado. Durante a noite eu sonhava com estas histórias, que me deixavam abalado no dia seguinte.

Foi no terceiro dia, no início de minha carreira como mateiro! Eu havia acabado de cozinhar e queria ficar à espreita na ilha, quando escutei atrás do rancho um barulho estranho, vendo um par de pés morenos e descalços que, de acordo com minha opinião, só poderiam ser de bugre.

Apenas mais um segundo e o suposto indígena estaria deitado em seu próprio sangue. Para sua e minha sorte ele saiu na hora certa detrás dos arbustos, revelando-se como um inocente brasileiro, que estava caçando e procurando pelos seus cachorros, desaparecidos desde ontem. Eu tremia de medo e também de alegria, porque este incidente terminou bem. Porém, o brasileiro tremeu ainda mais, quando soube quão perto esteve da morte. Quando ele examinou minha pistola, que eu havia preenchido com pólvora e chumbo, aconselhou-me a não atirar, pois ela poderia explodir ou ricochetear e assim machucar-me ou até me matar. Eu sabia o que tinha dentro da pistola e entendi o que ele quis dizer. Por isso amarrei a pistola em uma árvore e prendi uma linha de pescar no gatilho, posicionando-me em um lugar seguro. Quando puxei a linha o tiro detonou com

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Augenblick zwei nackte braune Füße gewahrte, die meiner Meinung nach nur einem Buger angehören konnten. - Nur eine Sekunde noch, und der vermeintliche Indianer hätte in seinem Blute gelegen. Zu seinem und meinem Glück trat er noch rechtzeitig hinter dem Gebüsch hervor und entpuppte sich als ein harmloser Brasilianer, der sich hier auf der Jagd befand und nach seinen Hunden suchte, die ihm seit gestern schon abhanden gekommen waren. - Ich zitterte vor Angst und auch vor Freude, weil die Geschichte gut abgelaufen war. Der Brasilianer zitterte aber noch mehr, als er erfuhr, wie nahe er dem Tode gewesen. Als er meine Pistole untersuchte, die ich mit Pulver und Schrot völlig überladen hatte, gab er mir den guten Rat, dieselbe nicht aus freier Hand abzuschießen; denn sie könne leicht zerplatzen oder zurückschlagen und mich verletzen oder sogar töten. Ich wußte ja, was darinnen steckte, und die Geschichte leuchtete mir ein. Darum band ich sie an einem Baumstamm fest, machte eine lange Angelschnur am Drücker fest und brachte mich in Sicherheit. Als ich die Schnur anzog, donnerte der Schuß los mit einen wahren Höllenlärm. Als ich die hinzutrat, war die Pistole verschwunden. Wir suchten eine ganze Weile, bis wir sie wiederfanden. Sie war ein großes Stück weggeschleudert worden, mit dem Lauf in die Erde gefahren und ganz voll Lehm. Wir reinigten sie wieder, und der Brasilianer lud sie nun mit einer normalen Ladung, wie es sich gehörte. Ein Gutes hatte der Donnerschlag aber doch gehabt. Die verlaufenen Hunde hatten ihn vernommen und meldeten sich jetzt in der Ferne. Der Brasilianer gab fortwährend Pfeifsignale, und so stellten sie sich bald bei uns ein. Der Fremde, der sich João Baptista nannte, schoß noch an demselben Tage eine fette Anta (Tapir), von der er uns ein Viertel abgab. Das war das erste Antenfleisch, welches ich zu essen bekam. Ein Spießbraten davon ist selbst für einen verwöhnten Gaumen ein Leckerbissen.

Am anderen Tag kamen noch zwei Kameraden von Baptista mit einem leichten Boot an, um mit ihm weiter zu jagen und ihm bei dem Trocknen des Fleisches zu helfen. Da diese Prozedur aber nicht schnell geht, blieben die Brasilianer noch fünf Tage bei uns. Sie schossen noch eine Anta, mehrere wilde Schweine und einige Rehe. Wild gab es hier noch genug, aber da das Canô nicht mehr fassen konnte, mußten sie aufhören. Es war so vollgeladen, daß einer der Jäger mit den Hunden über Land zu Fuß nach Hause mußte.

Auch wir zogen nun wieder den Fluß weiter hinauf, um der Arbeit näher zu sein. Noch dreimal zogen wir um, dann ging es wieder nach Hause. Vorläufig hatte ich Ruhe vor den wilden Menschen und Tieren des Waldes - bis zum nächsten Mal. Mein erster Lehrmeister im Walde hieß Schmaucher, er war der Adjudant des von der Regierung angestellten Feldmessers Breithaupt, welcher allein die Arbeit nicht mehr bewältigen konnte, denn die Einwanderung wurde immer stärker. Schmaucher war sehr gut zu seinen Leuten, ein echter Waldläufer. Manche Reise habe ich noch bei ihm gearbeitet, aber nie habe ich oder ein anderer über schlechte

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estrondo e, ao chegar perto, vi que a pistola havia desaparecido. Procuramos durante algum tempo até a acharmos. Ela fora lançada para longe, o cano estava enterrado na terra e a arma toda suja de barro. Nós a limpamos e o brasileiro a carregou corretamente. Mas, o estouro teve seu lado bom. Os cachorros o ouviram e se manifestaram bem ao longe. O brasileiro sinalizou assobiando ininterruptamente e logo eles estavam conosco. O estranho, que se chamava João Batista, no mesmo dia ainda caçou uma anta gorda da qual nos deu a quarta parte. Foi a primeira vez que comi carne de anta. Esta carne no espeto é uma iguaria, mesmo para um paladar aguçado.

No dia seguinte mais dois companheiros de João Batista vieram de canoa para continuarem a caçar com ele, e também para ajudá-lo no preparo da carne seca. Como este procedimento não é tão rápido permaneceram mais cinco dias conosco. Ainda caçaram uma anta, vários javalis e alguns veados. Aqui ainda havia caça de sobra, mas como a canoa não comportava mais nada, tiveram de parar. Ela estava tão carregada, que um dos caçadores foi obrigado a ir a pé com os cachorros.

Também nós fomos rio acima, para ficarmos mais próximos do local de trabalho. Mudamos ainda três vezes, então voltamos para casa. No momento eu tinha sossego de indígenas e de animais selvagens, pelo menos até a próxima vez. Meu primeiro mestre na mata se chamava Schmaucher e era ajudante de Breithaupt, agrimensor designado pelo Governo. Como a imigração estava aumentando, ele sozinho não dava mais conta do trabalho. Schmaucher tratava bem seus subalternos, era um verdadeiro mateiro. Eu o acompanhei em várias expedições, mas nenhum de nós podia se queixar de um tratamento inadequado. Mais tarde demarcamos terras no vale dos rios Benedito e Cedros. O primeiro é um belo e grande afluente do rio Itajaí, e o rio dos Cedros um braço vigoroso do rio Benedito.

As viagens para a região destes dois rios sempre eram de canoa, e foram minhas mais belas jornadas pela mata virgem. Em ambos os vales destes rios nós encontramos terra muito boa e, hoje em dia, estes distritos são os melhores da Colônia Blumenau. Antigamente, havia caça e peixes em abundância naqueles vales.

Schmaucher nunca levava mais de cinco a seis homens, mas todos deviam ser mateiros experientes. O medo que eu tinha de bugres já havia passado, também avancei de cozinheiro para mateiro, aquele que abria picadas na mata.

* N.T. Johann, Conde de Tilly (1559-1632), general da Liga Católica durante a Guerra dos Trinta Anos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Behandlung klagen können. Später vermaßen wir in den Tälern der Flüsse Benedito und Cedro. Ersterer ist ein schöner, großer Nebenfluß des Itajahy und der Cedro ein starker Arm des Benedito. Die Reisen in diesen beiden Flußgebieten wurden stets zu Wasser unternommen und gehörten zu meinen schönsten Waldreisen. In beiden Flußtälern fanden wir sehr gutes Land, und diese Distrikte gehören heute zu den besten in dem großen Siedlungsgebiet Blumenau. Wild und Fische gab es damals noch die Hülle und Fülle in diesen schönen Tälern.

Schmaucher nahm nie mehr als fünf bis sechs Mann mit, die aber alle eingearbeitete Waldläufer sein mußten. Mein Bugerfieber war schon längst gänzlich verschwunden, auch war ich vom Koch zum Waldschneisenhauer avanciert. Schmaucher verlangte von uns nicht mehr, als wir gut leisten konnten. Gewönlich gab er uns eine gewisse Meterzahl auf, die wir meistens bis 2 oder 3 Uhr nachmittags fertig hatten. Die übrige Zeit hatten wir dann frei. Schmaucher bekam für den laufenden Meter bezahlt und hätte uns weit mehr anstrengen oder ausnutzen können, aber er blieb gemütlich und verlangte nur, was recht und billig war. Er konnte aber trotzdem gut bestehen, denn wir arbeiteten mit Lust für ihn, auch wenn es einmal schlimmer kam.

Karl beschreibt noch mehrere Waldreisen, u. die zuallerletzt geschilderte war besonders mißglückt. Auf diese bezieht er sich im ersten Satz des folgenden Kapitels.

Karls Begegnung mit Katharina Jensen

Nach dieser unglücklichen Reise machte ich noch einige Waldtouren am Benedito, Cedro, Itajahy und anderen Flüssen mit. Dann kam ein Zwischenfall, der meinem Leben eine andere Wendung brachte. Wenn ich bei meinen Eltem war und die Ingenieure ihre Karten anfertigten und sich erst wieder vorbereiten mußten für neue Waldreisen, so suchte ich in den Zwischenpausen anderen Verdienst. Ich übemahm wieder Fährdienste an die Barra do Itajahy, ging in Tagelohn oder besorgte dies und das für andere. - Eines schönen Tages schickte mich Dr. Blumenau nach dem Distrikt Itoupava zu einem gewissen Jensen, bei dem ich für Dr. Blumenau ein Dienstmädchen mieten sollte. Jensen war ein Schleswiger von der Insel Pellworm und seines Zeichens ein ehrsamer Schneidermeister. Damals ging es ihm nicht gut. Er war noch nicht lange im Lande, war krank und hatte eine zahlreiche Familie. Zudem gab es noch wenig zu schneidern, und andere Arbeit war er noch nicht gewöhnt. Trotzdem schlug er sich rechtschaffen durch, wacker unterstützt von seiner Frau, die gar manch liebes Mal die Last allein tragen mußte. Wir kannten die Verhältnisse dieser Familie ganz genau, weil Frau Jensen oft in unser Haus kam, um entweder ein paar Tage zu nähen oder ihre Tochter zu besuchen, welche bei meinen Eltern diente; eben die Schwester davon sollte ich jetzt für Dr. Blumenau besorgen.

Ich machte mich also auf den Weg, um meinen Auftrag auszurichten, und

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Schmaucher não exigia mais de nós, do que podíamos realizar. De um modo geral estipulava uma certa extensão, normalmente concluída entre três e quatro horas da tarde. O restante do tempo era livre. Schmaucher recebia o pagamento por metro corrido. Ele poderia ter exigido mais trabalho, e ter-se aproveitado da situação, mas permanecia calmo e somente exigia o que era de direito. Mas ele podia subsistir bem, pois trabalhávamos com vontade para ele, mesmo que, às vezes, as coisas se complicavam.

O encontro de Karl com Katharina Jensen

Depois desta expedição desastrosa[1] eu ainda participei de várias pelos rios Benedito, Cedros e Itajaí.

Então aconteceu algo inesperado, que daria um rumo diferente à minha vida.

Enquanto os engenheiros preparavam seus mapas e organizavam outra jornada à mata, eu ficava na casa de meus pais e, neste meio tempo, procurava obter algum ganho. Assumi mais uma vez o serviço na balsa da Barra do Itajaí, trabalhava como diarista ou ainda prestava serviço aqui e acolá.

Um belo dia, Dr. Blumenau enviou-me à casa de um certo Jensen, no distrito Itoupava, onde deveria contratar uma empregada doméstica para trabalhar em sua casa. Jensen era natural da Silésia, da ilha Pellworm, e pelo visto um honrado alfaiate. Naquela época ele não estava bem de saúde. Fazia pouco tempo que se encontrava no país, estava doente e tinha uma família numerosa. Além disso, havia pouco trabalho em seu ramo e ele ainda não se acostumara a outro serviço. Mesmo assim conseguiu manter-se com dignidade, apoiado corajosamente por sua mulher que, muitas vezes, precisou carregar sozinha todo fardo.

Nós conhecíamos muito bem as condições de vida desta família, isto porque a Sra. Jensen muitas vezes veio à nossa casa, seja para costurar durante alguns dias, ou para visitar sua filha que era empregada de meus pais. Era a irmã dela que eu deveria providenciar para Dr. Blumenau.

Bem, segui meu caminho para executar minha missão, e cheguei lá exatamente ao meio-dia. A Sra. Jensen acabara de dar à luz ,e o marido estava doente e acamado. Eu vi apenas a filha mais velha e mais ninguém. Não diria que naquela época tivesse medo de uma moça, ainda mais com uma aparência como a dela. Mas, não sei porque me senti como um palerma, ou melhor, como um tolo, ficando encabulado e portando-me como um abobalhado, tanto que mal conse-

[1]NT. O autor se refere a uma expedição que não foi feliz.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

kam gerade zu Mittag dort an. die Frau lag im Wochenbett und der Mann lag, wie gesagt, krank danieder. Ich bekam niemanden zu sehen als das älteste Mädchen. - Nun kann ich nicht gerade sagen, daß ich damals große Angst vor einem Mädchen hatte, überhaupt wenn es so aussah wie dieses hier. Aber ich weiß nicht, was es war, hier wurde ich zum blöden Schäfer oder viel mehr zum Schaf und benahm mich so linkisch, daß ich kaum mein Anliegen vorbringen konnte. Das Mädchen hingegen war sehr unbefangen, nötigte mich freundlich in die Stube, wo ich Platz nehmen mußte, während sie in die Kammer ging, um mit ihren Eltern über die Sache zu sprechen. Dann brachte sie nach einer kleinen Weile einen Teller voll Hühnersuppe für mich. Ich hatte zwar Hunger, dachte aber an etwas ganz anderes und ließ meine Suppe kalt werden. Ich war nämlich damit beschäftigt, mir in Gedanken ein rosiges Zukunftsbild auszumalen, worin dieses Mädchen (Katharina) die Hauptrolle übernehmen sollte, als sie mich aus meinen Träumen aufschreckte. - "Na, essen Sie doch", mahnte sie freundlich und schob mir den Teller noch näher hin. Ich sah sie an, als verstände ich kein Deutsch. Sie wurde rot und lief hinaus. Endlich erbarmte ich mich über die Suppe. - Es war etwas darin, ich weiß nicht, war es Fleisch oder Reis, oder beides zusammen. Ich sah nur immer das Gesicht der kleinen Hexe, die mich so hinterlistig verzaubert hatte, vor mir. Dann brachte sie mir auch noch Kaffee und Brot, goß eine Tasse voll, schnitt Brot ab, legte Butter und Käse darauf und schob es mir wieder hin mit den Worten: "Na, essen Sie doch!" - Ich hatte das alles wie im Traum beobachtet und griff jetzt nach der Tasse, um ihre Bitte zu erfüllen. Ich verbrannte mir aber den Schnabel gründlich dabei. Dadurch kam ich wenigstens so weit wieder zur Besinnung, daß ich wieder vernünftig sprechen konnte. Sie sagte mir jetzt, daß sie wohl nach Blumenau ziehen wollte, aber noch so lange zu Hause bleiben müsse, bis ihre Mutter wieder aufstehen könnte, da sonst niemand da sei, der ihren kranken Vater pflegen könne.

Dem Orakelspruch in Delphi ist nicht so aufmerksam gelauscht worden, wie ich jetzt auf ihre Worte lauschte. - Also, sie wollte kommen, wenn ihre Mutter wieder auf wäre. Niemand hat wohl ihrer Mutter die Gesundheit aufrichtiger gewünscht als ich verliebte Seele. Freilich war etwas Egoismus dabei im Spiele. - Beim Abschied reichte Katharina mir ihre Hand, die ich wohl etwas länger in der meinigen festhielt, als gerade nötig war. Sie wurde feuerrot und entzog sie mir leise. "Sind Sie böse?" fragte ich sehr dumm. Sie schüttelte den Kopf. - "Auf Wiedersehen?" fragte ich jetzt mutig. Sie nickte nur - und fort war sie. - Ich ging und machte mir allerlei Gedanken. Warum hatte sie genickt? Vielleicht wollte sie mich nur los sein? War ich vielleicht zu aufdringlich gewesen? Hielt Sie mich am Ende für einen Don Juan? - Ich schalt mich selber, daß ich nicht noch dies und das und jenes gesagt und gefragt hatte. Aber es war jetzt zu spät zu solchen Selbstvorwürfen.

Wie ich nach Hause gekommen bin, weiß ich nicht genau anzugeben, aber das weiß ich genau, daß es an dem Tage bei mir nicht mehr ganz richtig im

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

gui dizer porque vim. Mas a moça, ao contrário, portou-se com naturalidade, convidou-me para entrar na sala e sentar, enquanto ela foi falar com seus pais no quarto. Após um tempo trouxe um prato com canja de galinha para mim. Apesar de estar com fome fiquei pensando em outra coisa, deixando esfriar a canja.

Estava concentrado, imaginando um futuro cor-de-rosa, onde esta moça, Katharina, desempenharia o papel mais importante, quando ela me fez voltar à realidade. Advertiu-me gentilmente dizendo: "coma" empurrando o prato para mais perto de mim. Eu a olhei como se não entendesse alemão. Ela ficou vermelha e saiu rapidamente. Enfim, compadeci-me da canja. Havia alguma coisa dentro desta canja, era carne ou arroz, ou ambos, mas eu apenas via o rosto da pequena bruxa diante mim, que sorrateiramente havia me encantado. Então ela ainda trouxe café e pão, serviu uma xícara, cortou o pão, colocou manteiga e queijo sobre o mesmo, empurrou-o para mim dizendo: "Veja se come!"

Tudo parecia mais um sonho, mas agora peguei a xícara para atender ao seu pedido. Acabei escaldando o bico, no entanto, assim consegui raciocinar e conversar com juízo. Agora ela falou que provavelmente viria morar em Blumenau, mas permaneceria em casa até que sua mãe se restabelecesse, pois senão não haveria ninguém para cuidar do pai doente.

Certamente o Oráculo de Delfos não foi ouvido com tanta atenção como eu fiquei ouvindo suas palavras. Então ela viria assim que sua mãe pudesse se levantar. Tenho certeza que ninguém desejou tanta saúde para sua mãe como meu coração apaixonado. Evidentemente, havia um pouco de egoísmo de minha parte.

Na despedida, Katharina estendeu sua mão e eu a segurei na minha, um pouco além do necessário. Ela ficou ruborizada e tirou sua mão.

Perguntei: "Você está aborrecida?" Mas ela apenas balançou a cabeça.

Então perguntei corajosamente: "Até à vista?" E ela apenas inclinou a cabeça e sumiu.

Fui andando pensativo. Por que ela inclinou a cabeça? Será que ela queria que eu fosse embora? Será que fui inoportuno? Será que no final das contas ela me considerava um Don Juan? Eu fiquei me xingando que não havia dito e perguntado mais isto e aquilo. Mas agora era tarde para censuras.

Não sei mais dizer como cheguei em casa, mas eu sei muito bem que naquele dia tanto meu raciocínio quanto meu coração não estavam bem.

Tudo estava se desenrolando de modo regular. Eu a vi três semanas depois na casa do Dr. Blumenau, semanas que me pareceram três anos. Naturalmente eu vinha observando tudo com olhos de Argos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Oberstübchen war - und im Herzen auch nicht! - Na ja, die Sache nahm ihren regelrechten Verlauf. Nach drei Wochen, die mir wie drei Jahre vorkamen, sah ich sie im Hause von Dr. Blumenau wieder. Ich hatte natürlich mit Argusaugen aufgepaßt. - Es dauerte nicht lange, so traf ich "zufällig" mit ihr zusammen. Bald darauf wieder so "zufällig"; und so führte uns der "Zufall" so oft "zufällig" zusammen, bis wir beide ganz "zufällig" entdeckten, wie gut wir einander waren. Als wir das erst sicher wußten, brauchten wir den Zufall nicht mehr und kamen auch ohne ihn zusammen. - Also waren wir verlobt. Vier Jahre lang dauerte unser Brautstand, ehe ich der platonischen Liebe überdrüssig war und meinen blonden Krauskopf heimführte.

Im Hafen der Ehe

Rüstig schritt ich voraus. Der kleine Kerl trippelte unverdrossen mit. Noch vor Abend erreichten wir unser Ziel. - Meine Eltern empfingen mich mit offenen Armen - und ein gewisser blonder Krauskopf auch. –

Ich war jetzt 25 Jahre und alt genug zum Heiraten. Also wurde die alte Mode mitgemacht: eine Kolonie genommen, Roça gehauen - zugepflanzt und eine kleine Palmitenhütte gebaut. - Ehe ein Jahr um war, befand ich mich mit meiner jungen Frau inmitten des Urwaldes als neuer Anfänger. Wie alle anderen auch mußte ich jetzt sehen, mit meiner Hände Arbeit voran zu kommen.

Meine Kolonie war eine der besten im ganzen Distrikt, lag aber nach damaligen Begriffen - am Ende der Welt. Wir waren damals die letzten Bewohner am oberen Itajahy. Nur flußabwärts hatten wir Nachbarn, nach oberhalb zu war Wald, unermeßlicher Urwald. Meine Frau, die sozusagen als armes Dienstmädchen am Stadtplatz aufgewachsen war, wäre mit mir überall hingezogen; aber das Leben im Urwald wurde ihr doch unendlich schwerer als mir altem Waldläufer. Auch war sie die Arbeit in der Roça nicht gewöhnt.

Dazu kam noch, daß unser nächster Nachbar geradezu menschenfeindlich gesinnt war und jede freundschaftliche Beziehung auf die schroffeste Weise von sich wies. - Aber es mußte halt gehen - und es ging auch. Unsere kleine Palmitenhütte stand vorläufig noch fest, und unter dem Palmendach schlief es sich gar schön nach des Tages Last und Hitze.

Das Fleisch lieferte uns der Wald und der Fluß in überreicher Weise die Fische. Alles andere, was zum Leben nötig war, holten wir aus der Roça.

Es war bei aller schweren Arbeit und sonstigen Schwierigkeiten, die jeder Anfänger im Urwald durchzumachen hat, doch eine schöne Zeit, die nicht ohne eigentümliche Reize war. Ja, ich möchte fast sagen daß sie die schönste Zeit meines Lebens gewesen ist.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Não demorou muito e a encontrei "por acaso". Pouco tempo depois, encontrei-a outra vez "por acaso" e assim o "acaso" provocou tantos "por acaso", que descobrimos "por acaso" o quanto nós dois tínhamos em comum. Quando entendemos isto, não precisamos mais do "acaso" e nos encontrávamos mesmo assim.

Enfim estávamos noivos. Nosso noivado durou quatro anos, até que cansamos do amor platônico. Então resolvi casar com minha lourinha de cabelos encaracolados.

O casamento – um porto seguro

Eu andava vigorosamente. O homenzinho me acompanhava infatigável com seus passos curtos. *(Era um antigo conhecido a quem chamavam de Espoletinha).* Antes do anoitecer alcançamos nosso objetivo.

Meus pais me receberam de braços abertos e uma certa cabecinha loira e encaracolada também. Eu tinha vinte e cinco anos e idade suficiente para casar. Então agimos de acordo com a tradição: adquirimos uma colônia, preparamos uma roça, plantamos e construímos uma pequena choupana de palmito.

Antes de completar um ano eu me encontrava em meio à mata com minha jovem esposa, como pioneiro. Como todos os outros, também eu precisava progredir por meio do meu trabalho. Minha colônia era uma das melhores do distrito, mas pela concepção da época ficava no fim do mundo. Nós éramos os últimos moradores no alto Itajaí. Tínhamos vizinhos somente rio abaixo, mais acima havia mata, uma vasta mata virgem. Minha mulher, que por assim dizer cresceu no Statdplatz como empregada doméstica, teria ido comigo para qualquer lugar, mas a vida na mata se tornou muito mais difícil para ela do para mim, que havia sido mateiro. Ela também não estava acostumada à vida na roça. A isto se somou, que nosso vizinho mais próximo era insociável e afastava de maneira rude qualquer tipo de aproximação gentil.

Mas nós tínhamos de ir em frente e também fomos. Por enquanto, nossa pequena choupana de palmito estava firme. Era bom dormir debaixo da cobertura de folhas de palmito após o calor e a lida do dia. A mata nos fornecia a carne, e o rio os peixes em abundância. Todas as outras coisas das quais necessitávamos para viver tirávamos da roça.

Apesar do trabalho pesado e demais dificuldades, às quais todo iniciante precisa se sujeitar na mata virgem, foi um tempo bom e de encanto peculiar. Posso até dizer que foi o melhor tempo de minha vida.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– A Roda Mítica e o Arco-Íris da Tecnologia: Diferenças do olhar alemão e brasileiro em relação à tecnologia na década de 1930.

*TEXTO: ROBERTO MARCELO CARESIA**

Um cartaz, sem muitas palavras, anuncia uma exposição internacional de automóveis e motocicletas em Berlim, entre 18 de fevereiro e 06 de março de 1938 com desconto nas passagens para a capital alemã[1]. O preço das mesmas parece tentador, mas a imagem utilizada para ilustrar tal evento parece ser muito mais interessante do que aparenta. O pneu de um veículo, devidamente amparado pelo seu paralamas, desce por um caminho e aponta para uma grande cidade ao longe, indicando o caminho do evento. Mas a imagem parece dizer algo mais.

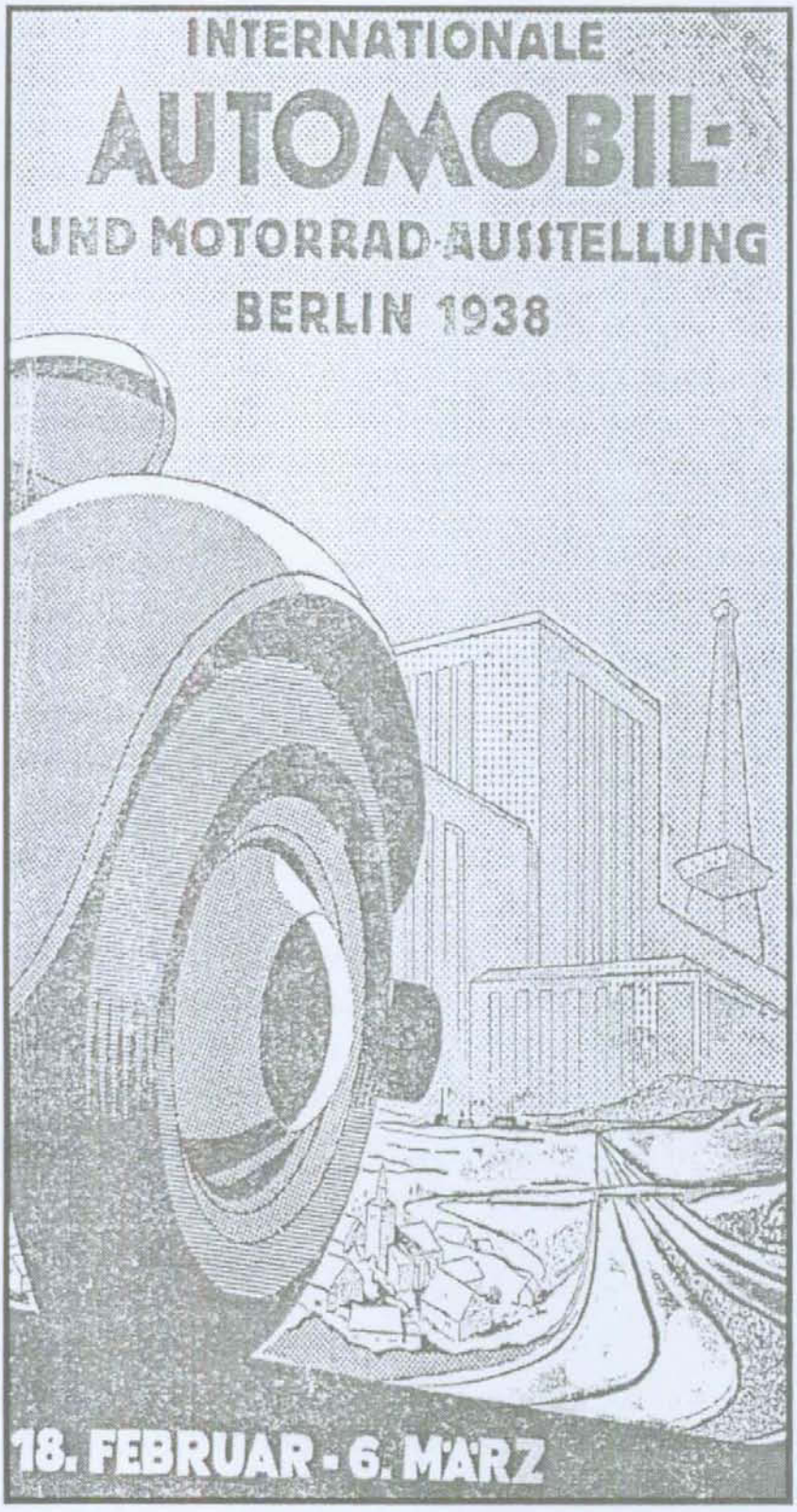
Antes da metrópole há uma cidadezinha com pequenas casas e uma igrejinha em seu centro, onde ao fundo se avista um rio que serpenteia e atravessa a cidade. Ela apresenta um estereótipo de cidade pequena, pacata, aconchegante, onde todos se conhecem e é seguro viver por lá, podendo-se inclusive trabalhar na metrópole que se avista no horizonte e voltar para casa no fim do dia. Mas o enorme pneu do automóvel parece querer "atropelar" a maquete da pequena cidade, ou apenas eclipsá-la, passando em sua frente e ocultando-a da vista dos leitores. Porém, a pacata cidade parece não ser o foco da atenção, pois a estrada aponta mais adiante, para a grande cidade, onde a distância faz com que sejam vistas apenas as pequenas silhuetas de fábricas e chaminés. Mas, pairando sobre ela, está o gigantesco espectro dos arranha-céus monolíticos e suas torres de transmissão que ocupam todo o horizonte, como sendo uma prévia do que a cidade grande guarda para os olhos dos visitantes dentro do automóvel. Um cartaz com poucas palavras, mas com uma imagem que rende inúmeros significados.

A distinção entre campo e cidade é evidente, onde as torres da igreja são substituídas pelas torres de energia e as pequenas casas pelos imponentes edifícios.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Não por acaso, a pequena cidade se localiza onde a estrada faz uma curva, o que sugere uma mudança de direção, e a estrada toma então o rumo reto e certeiro à metrópole.

A estrada, aliás uma rodovia duplicada, guarda semelhança próxima com um arco-íris, e a partir daí é irresistível compará-la com *Bifrost*, a "ponte do arco-íris" que, na mitologia nórdica, é o caminho que liga o mundo dos mortais a *Asgard*, a "cidade dos deuses". Só que esta rodovia liga o interior da Alemanha a Berlim, ela não é colorida e etérea como um arco-íris e sim dura e pétrea, sendo que as únicas cores que a preenchem vêm dos automóveis e dos sinais de trânsito.

Há na Alemanha nazista, durante a década de 1930, uma grande exaltação da tecnologia, iniciada já durante a República de Weimar[2], onde ideólogos e engenheiros conclamavam a adoção da tecnologia ao conceito de *Kultur*. Jeffrey Herf, em seu estudo sobre tecnologia e cultura na Alemanha[3], nos informa que ao contrário do romantismo nacionalista alemão do século XIX — o qual buscava voltar a uma sociedade pré-industrial com paisagens bucólicas — esta nova noção de tecnologia não rejeitava a máquina, antes a adotava como parte da cultura e da tradição alemã, incorporando a tecnologia moderna "*sem lhe diminuir os aspectos românticos e anti-*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

racionais" (HERF; p.14). Tais ideólogos e engenheiros foram denominados por Herf de "*modernistas reacionários*" os quais eram "*nacionalistas que desviaram do bucolismo voltado para o passado o anticapitalismo romântico da direita alemã, apontando em lugar disso para os contornos de uma ordem nova e bela que substituiria o caos disforme devido ao capitalismo em uma nação unida, tecnologicamente adiantada*" (HERF; p.14). Ou seja, compreendiam a tecnologia sob uma perspectiva que a diferenciava da noção de tecnologia do ocidente capitalista e da Rússia comunista: uma tecnologia que não pertencesse ao sistema econômico e financeiro capitalista e nem a uma elite política, como na Rússia, mas sim, que estivesse integrada à sociedade de forma cultural, e não de forma comercial ou econômica como na sociedade de massa nos Estados Unidos.

Tais modernistas sugeriam que se abraçasse a tecnologia e ao mesmo tempo se rejeitassem os preceitos iluministas de progresso e desenvolvimento. Ou seja, desejavam que a Alemanha continuasse sob o sistema político e social antigo, instituído nos dois séculos anteriores, mas para voltar a ser uma nação forte teria que ser tecnologicamente avançada, visto terem percebido, principalmente na Primeira Guerra, que "*pontos de vista antitecnológicos eram a mula da impotência nacional*" (HERF; p.15).

Mas se tais ideólogos eram modernistas como poderiam ser ao mesmo tempo reacionários? Herf explica que eram modernistas de duas maneiras. Primeiro, por que queriam a modernização tecnológica e industrial da Alemanha o mais rápido e sistemático possível e, segundo, por darem vez a temas associados com a vanguarda modernista, sendo que o modernismo do início do século XX não era exclusivamente político, mas também artístico, filosófico, científico, social, deixando a criatividade humana livre para romper todas as amarras que comprimem seu espírito (HERF; p.24-5). No sentido contrário a este, o modernismo exaltava o novo em detrimento de qualquer forma de tradição, o que evidentemente soa paradoxal nestas teses analisadas por Herf, as quais sustentam uma modernização atrelada às tradições culturais de um povo, ou seja, ao seu passado.

Neste ponto, as rodovias (*Autobahnen*) construídas no início da década de 1930 expressavam conforme Herf a "*alma racial*" da Alemanha, popularizando conceitos antes reservados à vanguarda cultural (HERF; p.25). Através da análise dos textos de Fritz Todt[4], Herf percebe uma noção de tecnologia como forma de arte presente nas estradas construídas no período da Alemanha nazista, as quais além de serem belas deveriam estar em harmonia com o ambiente, sendo que "*a direção das linhas é amarrada à terra*" e "*a construção é fiel às formas naturais*" (HERF; p.227), acompanhando os relevos. Ou seja, a paisagem alemã não deixava de ser bucólica como queriam os românticos do século XIX, mas a tecnologia agora está

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

presente nela, formando uma nova paisagem ao mesmo tempo bucólica e tecnologicamente moderna, representada pela rodovia que atravessa o campo interagindo com o ambiente, sem descaracterizá-lo e conceituando-a como um elemento intrínseco à cultura. É neste ponto que Herf denomina tais modernistas de reacionários, pois os mesmos sugeriam a modernização tecnológica do século XX mas em contrapartida queriam voltar à estrutura política e social do século XIX, ou seja, uma modernização que não fosse voltada ao futuro, mas sim ao passado.

Partindo desta interpretação, percebe-se que a cidadezinha do cartaz da exposição internacional é muito mais do que aparenta. Colocando-a ao lado da moderna *Autobahn* de arco-íris ela evoca não apenas a tradição e o bucolismo da Alemanha aliada à tecnologia, mas principalmente ao passado nórdico dos alemães, o lugar que nunca se deve esquecer mesmo quando se vive na metrópole decadente. A distinção entre campo e cidade existe, mas não como sendo opostos que se repelem e sim como sendo complementos de um e de outro, como membros de uma família que apesar da distância mantêm-se unidos.

É por este motivo que a cidade grande só aparece ao longe, não estando em evidência como a cidade pequena do campo, onde o pneu do automóvel não mais a ocultará, mas passará por ela como um lugar de apreciação obrigatória. A cidade, conforme Herf, é o "*mundo do espírito (Geist), isto é, do intelecto e da abstração*", enquanto a casa do campo representa o "*símbolo de enraizamento*" que evoca o sangue e a tradição, os quais existem no "*reino da alma, do sentimento e da intuição*" (HERF; p.70). É isto o que se percebe nos edifícios etéreos que pairam pelo horizonte: um mundo abstrato, porém transitório, visto a permanência, na cultura alemã, estar representada nas raízes do campo e não na velocidade das metrópoles.

Herf afirma também sobre a diferença entre *Kultur* e *Zivilisation*, onde a primeira estava expressa nas raízes do povo e a segunda era sinônimo de cosmopolitismo, de vida urbana e desregrada, onde Berlim era vista como a "*metrópole sem amor dos intelectuais esquerdistas, da pornografia e do consumo de massas*" (HERF; p. 49). Norbert Elias foi, talvez, o sociólogo que mais debateu a respeito da formação do nacionalismo e do habitus do povo alemão[5]. Em seus estudos, ele aponta que o conceito anglo-francês de *Zivilisation*[6], no século XVII, estava por demais imbricado nos modos de ser e pensar da Corte Real alemã, a qual por sua vez também estava "afrancesada" e distante dos modos do povo alemão. Os intelectuais e artistas do romantismo alemão dos séculos XVIII e XIX optaram por difundir o conceito de *Kultur* não apenas por ser mais compreensível popularmente, mas principalmente por constituir-se numa identidade nacional para o povo ale-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mão, unificado como nação em 1871. Elias comenta que a noção de "progresso" associada a *Zivilisation* sugere "evolução", "mudanças", "melhorias", dinamismo enfim, voltados para o futuro de uma forma universal, enquanto que a noção de "nacionalismo" em *Kultur* sugere um conceito de imutabilidade, de crer que bom é estar como se está, de olhar para o passado glorioso da nação, dando ênfase a esse passado, sendo que o futuro é vislumbrado apenas como continuidade deste presente voltado para a nostalgia de tempos heróicos e românticos (ELIAS; 1997, p. 130-1). Portanto, a adoção do termo *Kultur* passa a ser realçado na década de 1920 como sendo um conceito essencialmente alemão o qual remete-se à identidade do povo, conclamando-o a não abandonar de forma alguma suas tradições do passado e voltar as costas ao progresso e ao modernismo da decadente *Zivilisation*, a qual exprimia conceitos políticos e culturais estrangeiros dos vencedores da Grande Guerra (franceses, ingleses e estadunidenses), ou seja, conceitos universais mas não-alemães. Com o ascensão do Partido Nazista em 1933 e as promessas hitleristas de um novo império germânico no mundo, a noção de *Kultur* passou a identificar tal suposto império como duradouro, quase eterno, ou seja, sem mudanças ou evoluções voltadas ao futuro, dedicando-se às tradições da antigüidade, congelando as flutuações culturais e mantendo o poder inalterado.

Já as noções de tecnologia que circulavam no Brasil estavam, desde o século XIX, vinculadas às noções de civilização oriundas do pensamento anglo-francês, onde o caminho ininterrupto do progresso *"passaria a significar, cada vez mais, um caminho inelutável em direção ao bem-estar social através da produção de riquezas e da aquisição e consumo de bens materiais"*[7], uma vez que o surto desenvolvimentista do início do século XX visava transformar os grande centros urbanos do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre) comparáveis a Paris, Londres e Nova York, modernizando não apenas a arquitetura, o saneamento urbano e a malha viária das cidades, mas também incutindo novos modos de sociabilidade e higiene na população brasileira, aproximando-as de um modo de ser "civilizado". Ou seja, "progresso" neste contexto passou a ser entendido como algo semelhante a "evolução", algo que não pode voltar atrás, sugerindo a crença de que no futuro a humanidade sempre terá melhores condições de vida e desenvolvimento do que teve no passado.

A publicidade encontrada no jornal blumenauense *Der Urwaldsbote* revela aspectos interessantes a serem considerados. Tomemos o exemplo de um anúncio publicitário de um automóvel, em contrapartida ao cartaz da exposição de Berlim. Falando sobre a perspectiva do "novo" e da tecnologia, a *Ford* anuncia que o novo modelo V8 para 1935 oferece *"nova belleza, nova segurança e novo conforto em marcha"*[8].

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

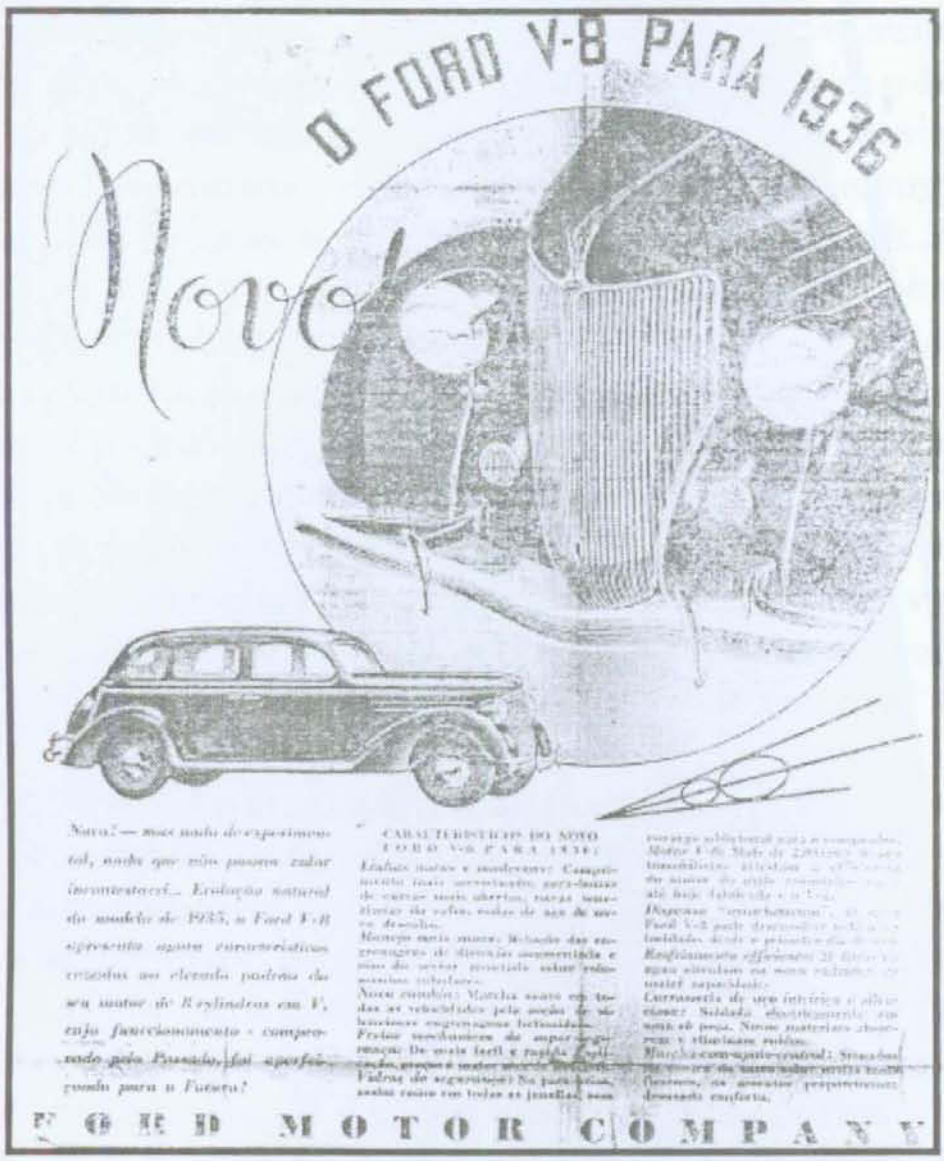
Ou seja, o automóvel é apresentado não apenas como o modelo de 1935, mas também como o relicário de uma nova beleza tecnológica a ser conquistada, seguida, padronizada e consumida; é apresentado também como sendo o portador de uma segurança que até então não se conhecia em termos de tecnologia para automóveis. E além de "*primoroso*" na aparência, "*é de linhas modernas e sumptuoso acabamento*", contando ainda com um "*motor moderno*" (Idem).

A publicidade deste período caracteriza-se também pelos extensos textos sobre o produto. No caso que acabamos de ver, a *Ford* insiste em explicar o funcionamento dos freios, da embreagem e da marcha, incluindo, não raro, termos técnicos de mecânica, para demonstrar todos os avanços e novidades que o "novo" modelo V8 proporciona, mencionando até mesmo em quantos centímetros foram acrescentados à largura dos bancos. Em tal texto, as palavras "*novo*" e alusões à "*moderno*" são repetidas à exaustão, além das referências à "*mais*" — tudo é "mais" amplo, "mais" espaçoso, "mais" confortável, "mais" cômodo, "mais" forte, "mais" fácil[9].

O curioso fica por conta da publicidade para o *Ford V8* de 1936: "*Novo! Mas nada de experimental, nada que não possua valor incontestável... Evolução natural do modelo de 1935...*"[10], sugerindo que a ciência, representada aqui pela tecnologia automobilística, "evolui" de forma "natural", sem a interferência dos processos e dos interesses humanos. Neste ponto, percebe-se a presença marcante de uma perspectiva evolucionista, oriunda do final do século XIX, onde o termo "evolução" tem o sentido de um caminho único e ininterrupto rumo à perfeição, sendo que permanecer onde se está significa estacionar o progresso e não evoluir. "Evolução" e "progresso", portanto, são tidos na virada do século XIX ao XX como leis imutáveis da natureza e da sociedade. É indisfarçável a influência do pensamento social-evolucionista de Herbert Spencer, onde o mesmo afirma que o progresso não é um mero acidente, nem mesmo algo que pode ser controlado pelo homem, mas constitui-se numa "*necessidade benéfica*"[11]. Ou seja, tais discursos de evolução associados ao desenvolvimento tecnológico mostram a apropriação de discursos cientificistas e técnicos não apenas pela publicidade mas também por diversos segmentos que vão desde a empresa de onde se origina tal produto até as políticas desenvolvimentistas e econômicas do país, ao mesmo tempo em que propõe a metáfora da evolução natural em relação à máquina, como sendo o caminho para a perfeição tecnológica, não em benefício da ciência mas em um suposto benefício do consumidor.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Evolução no Motor: conceitos evolucionistas e discursos técnicos e científicos na publicidade da década de 1930.

Quanto ao anúncio, o mesmo diz ainda que o motor V8 tem o seu funcionamento "*comprovado pelo Passado*" e foi "*aperfeiçoado para o Futuro!*". O V8 era um motor relativamente recente[12] mas já fazia parte do "*Passado*", enquanto o atual 1936 representava o "*Futuro*", havendo portanto uma intenção de nunca situar o produto no tempo presente, mas sim distanciando-o deste em direção ao futuro. Note-se que as palavras "Passado" e "Futuro" são escritas no anúncio com iniciais em letra maiúscula, ressaltando a importância para o leitor que se trata não de uma vaga noção de tempo mas sim de um lugar específico que se está falando: como o termo "presente" não é citado no texto, a única contrapartida para "Passado" é o próprio "Futuro", em função do qual as pessoas devem orientar-se. Em outras palavras, é como se dissessem que o futuro é hoje e agora, pois

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

amanhã ele já será o passado. Neste ponto, Le Goff afirma que "*mais do que uma ruptura com o passado*" o termo "novo" "*significa um esquecimento, uma ausência de passado*"[13], onde "moderno" situa-se no mesmo campo de "progresso".

É um tanto irônico que um produto que representa o futuro seja consumido para suprir as necessidades do presente, sendo que amanhã ele já será considerado obsoleto, mas isto faz parte do discurso evolucionista que ainda tinha certa influência sobre a idéia do progresso ser inerente ao desenvolvimento tecnológico, onde aquilo que ainda estava por vir (o futuro) exercia uma importante expectativa sob o ponto de vista da perfeição: quanto mais próximos do futuro idealizado hoje, mais próximos estaremos de uma sociedade perfeita. Ou seja, o hoje (o presente) só importa enquanto projeto do futuro, enquanto que tudo aquilo que já foi (o passado) não merece mais tanta importância devido seu distanciamento cada dia maior do futuro, distante, portanto, da perfeição.

Mas, voltando ao cartaz, há algo ainda que me intriga na imagem que o preenche: o pneu do automóvel.

É óbvio que, sendo uma exposição de automóveis, deve-se apresentar pelo menos algo que lembre um. No entanto, esta representação é feita apenas através do pneu, uma vez que a roda é um dos maiores ícones da caminhada da humanidade rumo ao progresso, significando também a conquista e o avanço do ser humano sobre a natureza através da tecnologia, utilizando-a para obter não apenas rapidez e conforto no dia a dia mas também uma qualidade maior dos meios de produção. Simboliza também o movimento, pois uma roda não foi feita para ficar parada e sim para girar, para que a caminhada humana rumo à perfeição da ciência nunca cesse. A roda, portanto, ao mesmo tempo em que é mítica por ter tantos significados para a empreitada humana, é também tecnologia aplicada ao trabalho humano. O automóvel, no início do século XX, é um dos aparatos mais representativos para mostrar-se o apuro tecnológico de uma determinada sociedade, pois é este aparato que torna nossa "caminhada" literalmente mais rápida e confortável.

A roda, portanto, evoca ao mesmo tempo seu passado mítico como propulsora da tecnologia agrícola — e posteriormente industrial — da sociedade humana, bem como o presente científico, mantendo-se ligado a um passado bucólico rumo ao passado/presente, transitando por uma rodovia tecnológica que lembra um arco-íris.

O cartaz não é a publicidade de um produto, é a propaganda de um evento. No entanto, os detalhes presentes em sua imagem são cheios de significados, os quais exprimem a noção de tecnologia do período da Alemanha nazista.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Se nos detivermos por mais tempo diante dele poderemos extrair muito mais do que as páginas escritas até aqui. Até mesmo cada leitor poderá encontrar outros significados despercebidos por este artigo. Porém, a relação entre tecnologia e bucolismo é feita de forma intrigante, fazendo com que a imagem desperte uma série de significados, sejam estes de mudanças ou de afirmações, que refletem o período e a cultura da sociedade que não apenas a produziu mas que também é destinatária e consumidora de tal propaganda.

Christian Ferrer[14] aponta que não causa surpresa perceber a tecnologia a favor de diversas formas políticas, lembrando que o socialismo soviético utilizou a eletricidade como propaganda ideológica com o slogan "*sovietes mais eletricidade*" ou "*verdade ideológica mais modernidade industrial e tecnológica*" (FERRER; p.07). Assim como o rádio serviu tanto à democracia como ao nazismo, ao fascismo e ao socialismo como propaganda política e ideológica; a televisão durante a Guerra Fria, a derrubada do muro de Berlim e a queda do socialismo russo; bem como a Internet na atualidade globalizada também constitui-se em forte veículo de divulgação política por parte dos governos e grupos dominantes, os quais se valem como os arautos de tal democratização tecnológica. Isto tudo sem ressaltar o papel fundamental da imprensa em todos estes períodos e inclusive anteriores a eles.

A própria cidade moderna, afirma Ferrer, "*se constituiu a si mesma dentro de um espaço de comunicação e numa retórica visual desde o século XIX*", onde a imprensa, o veículo que propagandeia o cartaz da exposição em Berlim e o anúncio do *Ford V8* em Blumenau, surge não apenas transformando a notícia em mercadoria como também sendo o próprio "*bastidor textual da retórica publicitária*" (FERRER; p.08). Ou seja, a imprensa foi sendo construída a partir da noção de notícia, enquanto interpretação de um fato que pode ser transformado em mercadoria para ser vendida. Para a propaganda política, todo evento ou mercadoria servem aos propósitos da divulgação de sua dominação ideológica. Já a publicidade comercial fez o caminho inverso da imprensa, onde o produto não só é mercadoria mas também se constitui em *notícia* não apenas para ser vendida, mas principalmente para ser consumida de todas as formas possíveis pela sociedade de massas. É por isto que o lançamento de um *Ford V8* em 1937 ou um refrigerador *GE* em 1940 serão apresentados como *notícia* e não como mero *produto*. Dentro desta perspectiva, a publicidade é o leito de parto e de morte de muitos produtos e modelos, sendo que aquilo que ontem era por ela exaltado como "moderno" hoje é idealizado como sendo "ultrapassado", e o amanhã se constitui em berço e espelho do que será considerado novamente moderno. Não se trata de um eterno retorno, mas sim de substituir as materializações do ideal de moderno de acordo com os inte-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

resses do presente. Este ideal parece-nos hoje imutável, ele tende a estar presente como ponto de referência de uma contemporaneidade, o que se altera é *o que* hoje é considerado moderno ou não.

A partir destas nossas considerações, percebe-se que as noções de tecnologia entre Alemanha e Brasil nos anos 1930 são opostas entre si. Na Alemanha nazista vigorava a perspectiva de uma nação que pretendia-se tecnologicamente forte e avançada mas sem romper com os laços políticos, sociais e culturais de séculos anteriores, guardando portanto uma visão conservadora do presente e adotando uma postura desconfiada a tudo o que representasse o progresso e o futuro, percebendo o passado como algo mais aconchegante e seguro do que as incertezas do provir. No Brasil, a noção de tecnologia orientava-se pela noção anglo-americana e francesa (leia-se ocidental) de progresso e desenvolvimento rumo ao futuro, onde o passado não é apresentado como sendo algo mítico ou heróico, mas sim algo a ser aperfeiçoado e melhorado constantemente pelo futuro, onde, curiosamente, o presente, o novo, é apenas transitório, ou a ponte entre um e outro, pois as esperanças de um futuro melhor estavam nos projetos do provir. Ao fim e ao cabo, ambos os países queriam o mesmo: a modernização tecnológica; mas enquanto a Alemanha espelhava-se no seu nostálgico passado para atingir tais objetivos, o Brasil espelhava-se nos países do Ocidente para garantir o seu futuro. Apesar da tentativa frustrada de incorporar a tecnologia aos aspectos culturais alemães na década de 1930, é nos EUA que isto ocorrerá de forma sintomática pela sociedade de consumo (logo depois no Brasil), onde a tecnologia se funde a um *american way of life* como sinônimo de prosperidade, modernidade e futuro.

Como já mencionei em artigos anteriores, não pretendo apontar que um país é melhor ou pior que o outro, mas sim, compreender — através da modesta análise comparativa do contexto de duas imagens (o cartaz de uma exposição de automóveis e um anúncio do *Ford V8*) com as quais me deparei no jornal *Der Urwaldsbote* dos anos 1930 — as diferenças culturais que cercavam a sociedade blumenauense com características que perduram até a atualidade, onde temos a dualidade destes dois discursos simultaneamente.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Notas

1 DER URWALDSBOTE. Blumenau; ano 45, nº 58, 18 de janeiro de 1938.

2 Regime parlamentar constituído logo após a derrota alemã na Primeira Guerra. A República de Weimar, como ficou conhecida, transformou-se num grande símbolo de humilhação e vergonha para a grande maioria da população alemã na década de 1920, pois a mesma fora obrigada a acatar os términos do Tratado de Versalhes, imposto em 1919 pelos aliados vitoriosos, o qual responsabilizava a Alemanha pelos danos causados durante a guerra. Vários grupos de intelectuais e engenheiros formularam teses e projetos de como tornar a Alemanha uma grande nação novamente. Paralelo a eles, vários grupos para-militares se formaram entre a população mais jovem, praticando atos de terrorismo contra políticos do parlamento alemão e contra os judeus. No início da década de 1930, tais grupos para-militares se integraram ao Partido Nazista, o qual adota grande parte das teses e propostas dos ideólogos da tecnologia.

3 HERF, Jeffrey. O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich. Tradução de Claudio Frederico da S. Ramos. São Paulo: Ensaio/EdUNICAMPI; 1993, 283 p.

4 Mais precisamente, *Leistung und Schönheit: Der Technik im Dritten Reich: Bil-Beilage zur Zeitschrift 'Deutsche Technik'*, de 1939.

5 Ver suas principais obras *O Processo Civilizador Vol1: uma história dos costumes* (Jorge Zahar; 1990), *O Processo Civilizador Vol.2:* (Jorge Zahar; 1993) e *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* (Jorge Zahar; 1997)

6 Tal conceito, sem ser necessariamente nacionalista, diz respeito ao orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade, ou seja, assumindo um caráter universal, algo que os filósofos alemães rejeitavam a favor de um conceito mais regional e nacionalista: *Kultur* (ELIAS; 1990)

7 TURAZZI, Maria Inez. A Euforia do Progresso: cientificismo e progresso técnico nas transformações urbano-industriais do RJ na virada do século XIX ao XX. in D'AMBROSIO, Ubiratan (org.). Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo: Nova Stella; 1989, p.402.

8 DER URWALDSBOTE. Blumenau: ano 42, nº 76, 22/03/1935.

9 Outro anúncio para o caminhão Ford V8 1935, também apresenta a palavra "novo" repetida 17 vezes, além das demais alusões a "moderno" e "mais" repetidas várias vezes.

10 DER URWALDSBOTE. Blumenau: ano 43, nº 53, 31/12/1935.

11 MOTA, Maria Aparecida Rezende. Cientifização da Sociedade: um projeto para a modernização do Brasil. in D'AMBROSIO, Ubiratan (org.) Op.Cit. (1989, p. 382).

12 O motor V8 foi inventado no início do século XX (1903) sendo utilizado por caminhões e automóveis de luxo. Henry Ford popularizou o V8 lançando em 09 de março de 1932, o primeiro motor V8 de baixo custo, substituindo o modelo A. Portanto, para 1935 ele teria apenas três anos de consumo popular, sendo que antes tinha seu uso elitizado pelos automóveis de luxo. Muito esperta, em 1935 a Ford lança o motor V12 elitizando seu uso nos modelos mais caros. Os Ford V8 dos anos 30 e 40 são tidos hoje como grandes clássicos. Pode-se pensar que, hoje, em cinco anos a tecnologia avance indiscutivelmente, no entanto, estamos tratando dos anos 1930, onde a tecnologia não avançava tão rápido quanto no final do século XX. O V8 foi relacionado ao "Passado" devido a sua elitização, e quando se diz que foi "aperfeiçoado", leia-se que baixaram os custos de sua produção popularizando-o para o consumo da sociedade.

13 LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. 4ª edição. Campinas: EdUNICAMPI; 1996, p.173.

14 FERRER, Christian. Informática y Sociedad: a modo de teórico. Buenos Aires – Arg.: fotocópia; primeiro semestre de 2000, 20 p.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Referências Bibliográficas

D'AMBROSIO, Ubiratan (org.). Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo: Nova Stella; 1989, 531 p.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Prefácio de Renato Jaime Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Vol. I, 1990, 271 p.

ELIAS, Norbert. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1997, 431 p.

FERRER, Christian. Informática y Sociedad: a modo de teórico. Buenos Aires – Arg.: fotocópia; primeiro semestre de 2000, 20 p.

HERF, Jeffrey. O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3° Reich. Tradução de Claudio Frederico da S. Ramos. São Paulo: Ensaio/EdUNICAMPI; 1993, 283 p.

JORNAL DER URWALDSBOTE. Blumenau; ano 42, n° 76, 22 de março de 1935.

JORNAL DER URWALDSBOTE. Blumenau; ano 43, n° 53, 31 de dezembro de 1935.

JORNAL DER URWALDSBOTE. Blumenau; ano 45, n° 58, 18 de janeiro de 1938.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. 4ª edição. Campinas: EdUNICAMPI; 1996, p.173.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– Lágrimas e risos na fundação de Camboriú

TEXTO:
*JOSÉ FERREIRA DA SILVA (1893-1973)**

O povoamento da costa catarinense, entre Porto Belo e Itajaí, onde se situam os atuais municípios de Balneário Camboriú e de Camboriú, segundo autorizados pesquisadores, começou a ser feito por volta de 1758, com casais provindos de Ericeira, destinados também à fundação da Colônia Nova Ericeira, na Enseada das Garoupas, estabelecidos ao longo das várias praias ali existentes. A foz do rio Camboriú, no extremo sul da praia do mesmo nome, no Atlântico, formou-se um arraial que se foi desenvolvendo a passo de tartaruga, pois só em 1840, oitenta e três anos após a chegada dos primeiros povoadores, foi permitida a construção, ali, de uma capela, dedicada à Nossa Senhora do Bom Sucesso, filiada à matriz de Bom Jesus dos Aflitos de Porto Belo.

E, nove anos depois, o arraial foi elevado à freguesia, tendo por limites, ao Norte, as vertentes dos morros do Canto da Praia, ao Sul as do Morro do Boi, a Leste o Oceano. Ao Oeste, os limites ficariam por explorar. Anos depois, esses limites foram alterados, indo os de Oeste até as vertentes das Serras dos Pitões, dos Macacos e da Tapera (Itapema), ao Norte até o Ribeirão da Praia Brava e, para o Sul estendiam-se até o Ribeirão dos Bobos, na divisa entre Porto Belo e Tijucas. Em abril de 1884, a freguesia foi elevada à categoria de Município, continuando com a sua sede à beira do Oceano, ao lado sul da foz do rio, cujo nome era grafado, em vários mapas, de maneiras diversas: Cambriaçu, Cambiriú Açu, Cambarigu-Açu, Cambriú-Guaçu, e outros. Em 1890, a sede do município foi transferida para o lugar então denominado Garcia, ficando a antiga póvoa da Barra, como sede de um distrito de paz e, posteriormente, também policial. Esses são, em linhas gerais, os principais dados históricos do Município de

* Fundador da Revista Blumenau em Cadernos.
Fonte: Jornal de Santa Catarina. Ano I Nº 320 de 7 e 8 de outubro de 1972.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Camboriú, antes da separação do Balneário, hoje muito mais importante do que aquele. Mas há casos interessantes nos fastos[1] de Camboriú, principalmente nos da fundação do povoado do Garcia, onde o município passou a ter sede, e que merecem ser narrados, em detalhes, porque entremeados de cenas jocosas e de verdadeiras tragédias. Mesmo porque, de certo modo, esses fastos estão, de alguma forma ligados à toponomástica blumenauense: o nome do nosso bairro do Garcia teve sua origem nos primeiros possuidores de terras às margens desse ribeirão, moradores que provinham da futura cidade, sede do município de Camboriú.

Capela Nossa Senhora do Bom Sucesso foi construída por Tomaz Francisco Garcia, em 1840.

Na primeira metade do século passado, havia um rábula chamado José Mendes da Costa Rodrigues que andou prestando seus serviços profissionais às Câmaras de Porto Belo, Tijucas e Itajaí. Foi secretário nas duas primeiras edilidades e advogou muitas causas cíveis e criminais. Mas, o que deixou seu nome gravado nos anais daqueles municípios, e não seria avançar muito dizer-se que, até mesmo nas letras catarinenses ele pode ocupar lugar destacado, foi o de ter ele deixado dois alfarrábios (senão mais) em que retratou muitas personalidades do seu tempo e registrou muitos fatos e acontecimentos que, sem isso, teriam ficado ignorados

[1] Registros públicos de fatos ou obras memoráveis.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para sempre. Tivemos, em mãos, um desses alfarrábios, justamente aquele em que Costa Rodrigues conta umas Histórias bem curiosas sobre a fundação da atual cidade de Camboriú. Devemos dizer antes que o saudoso mestre José Boiteux, no seu "Dicionário Histórico e Geográfico", dá como significado da palavra "Camboriú": "rio de Camboas". E para os que não queiram se dar ao trabalho de consultar o dicionário, informamos que "Camboa" significa "pequeno lago artificial junto ao mar em que com a preamar entra o peixe miúdo".

Para o cientista Von Martins o significado é outro. Ele afirma que o nome do município vem de Cambi, leite, *iri*, mel e *u*, água, ou seja, lugar onde há leite, mel e água. E, para Teodoro Sampaio, o nome vem de "Camby-ri-i", ou "rio por onde corre leite". O leitor que escolha com quem quer ficar, porque nas divergências entre esses grandes nomes da etnologia nacional, não queremos e nem podemos meter a nossa colher. Não nos afastemos, porém, do fio da nossa narrativa.

Pelos começos do século passado, veio estabelecer-se em Camboriú, Tomaz Francisco Garcia, natural da freguesia do Ribeirão, da Ilha de Santa Catarina e que era filho de pobres roceiros, residentes na Ponta de Caiacanga. A pobreza dos pais foi óbice à prosperidade de alguns dos filhos. Assim é que Tomaz tinha dois irmãos, José Francisco Garcia, que foi rico proprietário e lavrador muito abastado, e Francisco José Garcia, próspero comerciante em Rio Grande e duas irmãs, Dona Maria, casada com Inácio Simas e outra casada com um português, de sobrenome Amorim, todos muito bem de vida.

Tomaz Francisco escolheu a vida do mar, na qual, entretanto, não se deu bem. Daí o motivo de ter regressado à Província natal, depois de casado, no Rio de Janeiro, com uma senhora de excelente educação. Em Desterro, abriu uma casa de negócio, mas não foi feliz. Endividou-se e teve que abandonar o comércio.

Seu irmão, José, era proprietário de uma vasta sesmaria à margem do rio Camboriú, uns quilômetros acima da barra desse rio, onde fora construída a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso e que ainda hoje lá está, alvo de constantes visitas dos freqüentadores do conhecido balneário, e que o governo já deveria ter incorporado ao Patrimônio Histórico Nacional. Devido às constantes incursões dos botocudos, José não havia encontrado jeito de aproveitar essa sesmaria e ofereceu-a, então, ao irmão Tomaz Francisco. Este, não vendo outra maneira de escapar da difícil situação econômico-financeira em que se encontrava, adquiriu a sesmaria do irmão, para pagá-la a prazo, quando pudesse. Animado e acompanhado do cunhado Simas, veio então tomar posse do terreno onde fez as primeiras derrubadas e plantações. Quando as coisas iam de vento em popa, eis que os botocudos apareceram nas imediações da fazenda e levaram a efeito uma chacina, que ficou na memória do povo como das mais horrorosas até então acontecidas na Província.

Enquanto isso, o destemido pioneiro havia deixado a família, a mulher e os sete filhos, no povoado sede do distrito, na barra.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ali foi encontrá-los em 1858, o médico e viajante alemão, Dr. Roberto Ave Lallemant que contou a respeito, em seu conhecido livro "Reise durch Süd-Brasilen" o seguinte, depois de descrever a sua viagem de Tijucas em diante: "Vem em seguida à aldeia Bom Sucesso, romanticamente situada, onde se tem de passar um belo e largo rio, o Cambiriú Açu. Lugar evidentemente pobre. Em casa de família brasileira, fizemos pequena pausa ao meio-dia, enquanto Adão passava o rio com os animais. As filhas do casal tinham sido educadas no Desterro, e davam impressão muito agradável, mas me despertaram também certa compaixão. Moças bonitas, especialmente uma delas, e tinham que viver em Bom Sucesso, no Cambiriú Açu, como num degredo..." Foi Garcia quem construiu a capela da Barra. O lugar da fazenda de Tomaz Garcia foi crescendo. Vieram outros moradores para as imediações, atraídos pela fertilidade das terras. Garcia, segundo o seu biógrafo, tornou-se o homem de maior lavoura. Fabricava três a quatro mil alqueires de farinha, possuía cerca de 50 escravos. Só uma preta, de nome África, lhe deu mais de 20 cativos. Um certo Marcelino José da Silva, velho, rico e sem família, construíra às suas expensas, nas terras de Garcia, uma capelinha dedicada a Santo Amaro, no local em que hoje se ergue a matriz da cidade de Camboriú, levantada em substituição a uma outra construída por Garcia.

Em 1890, a sede da freguesia foi mudada da povoação de Bom Sucesso, Barra, para a Vila fundada por Garcia, e que por este nome era conhecida. Bom Sucesso, passou a fazer parte do município, como seu distrito de paz. Há, entre muitos outros, um episódio cômico na vida de Garcia, quando era Juiz de Paz da Freguesia, que o seu biógrafo, Costa Rodrigues, conta assim: O escrivão do distrito era um tal João Apolinário, um "cabo de trapaçaria". Havia muitos casais, no lugar, que não estavam legitimamente casados. Viviam amigados.

O escrivão meteu na cabeça de Garcia que ele, como juiz de paz, podia obrigar todos os casais a se unirem legalmente, bastando para tanto, que designasse uma audiência a que todos deveriam comparecer. Mandou-se fazer as intimações. No dia designado, o terreiro da casa do Garcia estava coalhado de gente amasiada e o escrivão ia apregoando os que deviam entrar, obrigando-os a que se casassem e, naturalmente, pagando as custas legais, que regulavam entre 5 e 10 mil réis por casamento. Havia, entretanto um "Fulano barbudo", na expressão do biógrafo, "mariola português", que era representante do grande comerciante desterrense, Anacleto José Pereira, que fazia compras e vendas para aquele capitalista. Esse português tinha um depósito na Barra e uma sumaca atracada no porto do rio. O português era amasiado com uma cabocla muito feia e, atendendo à intimação, também compareceu com a amásia. Garcia quis que os dois se casassem. O português, que não era nenhum trouxa, e tinha as costas quentes pelo poderoso patrão, não esteve pelos autos e deu o estrilo. Que juiz, escrivão, casamento e tudo fossem para o diabo! Ele é que nunca casaria com uma tralha daquelas, que ele usava apenas para desfastio. E, protestando por perdas e danos, dando murros na mesa,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ali, deixou as chaves do depósito e os papéis da sumaca e botou-se porta a fora, puxando a tralha pelo braço. Ora, Garcia não era só amigo de Anacleto. Respeitava-o pelo seu prestígio pessoal e político. Ficou surpreso e temeroso pela atitude do barbudo. E, tomando das chaves e dos papéis, saiu correndo atrás do português. Gritos daqui, desculpas dali, a coisa foi apaziguada e com a chegada e a intervenção de pessoas do lugar, tudo voltou às boas. Também, depois daquela, nunca mais o escrivão Apolinário procurou sugerir providências legais ao honrado senhor juiz de paz da Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Rio Cambiriú.

Vista da vila de Camboriú.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fragmentos de nossa história local

– Sociedade de Artífices

Artífices, sejam unidos, unidos, unidos[1]!

Finalmente! dirão muitos artífices, sim, finalmente e através dos nossos interesses de classe. Artífices, sejam unidos, não olhem para a esquerda ou direita, ingressem na nossa associação para que formemos uma só força!

Nosso objetivo é criar uma associação de artífices que abranja todo o município de Blumenau. Nós queremos representar os interesses de nossa classe, nós queremos dizer com orgulho: " Somos artífices". Queremos lutar contra aqueles que tiram o nosso pão.

Queremos representar os interesses. Por muito tempo fomos a bigorna, queremos agora ser o martelo.

Nós, artífices, queremos estar unidos tanto na alegria como na dor!

A união fortalece! Por isto ingressem na nossa associação, sejamos unidos, unidos, unidos!!!

Em todos os lugares, menos aqui, as classes se unem e se organizam.

E nós artífices, iremos ficar para trás? Não, não e não!

Por isto, organizem-se!

C.S.

Sociedade de Artífices[2]

A fundação da Sociedade de Artífices em nada agradou ao "Urwaldsbote" e a seus fiéis.

O jornal escreve que a reunião realizada no salão Paupitz ocorreu sem qualquer resultado.

Falta acrescentar que a mesma "ocorreu sem resultado para o Volksverein".

Na reunião, o secretário do Volksverein, Senhor Hinsch, empenhou todos os esforços procu-

[1] Fonte: "Blumenauer Zeitung", 22 de março de 1902
[2] Fonte: "Blumenauer Zeitung", 29 de março de 1902
Tradução: Edith Sopha Eimer

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rando levar a "sociedade de artífices" para as águas do "Volksverein". Como o seu propósito não obteve sucesso em meio às "cabeças duras" dos artífices, vê-se que é este o "sem resultado"mencionado.

A sociedade de artífices não tem fins políticos. No entanto, se quiser alcançar parte dos seus objetivos, tem toda razão em dar-se bem com o governo, e seria um grande erro unir-se a uma sociedade que, até hoje, nada alcançou e está em oposição ao governo.

Estamos cientes que esta sociedade de artífices enfrentará obstáculos, mas, certamente, também será possível encontrar meios e caminhos que possibilitem desviar-se destes obstáculos e, quanto mais amarga for a luta, tanto mais doce será a vitória.

Sendo o "Urwaldsbote" o representante do capitalismo, era de se prever que seriam parcas as simpatias, e só os otimistas poderiam esperar o contrário.

"Todas as boas coisas são três", mas se a terceira reunião ainda não trouxe resultados, tentaremos uma quarta ou quinta reunião. Coisas boas demoram.

Sociedade de Artífices[3]

Domingo, dia 6 de abril, com numerosa participação aconteceu no salão do senhor Freygang, a terceira reunião da Sociedade de Artífices. Constavam da ordem do dia: conferência sobre os estatutos, ingresso de novos associados e eleição da diretoria.

O resumo dos estatutos é o seguinte:
Tempo de aprendizagem ,um semestre;
Prova de oficial, juiz, proteção dos direitos, caixa doença.
Foram aceitos 13 novos sócios.
A eleição da diretoria ficou assim constituída:
Anton Gaenj - 1°. presidente
Richard Parucker - 2°. presidente
Wilhelm Dreer – escriturário
Wilhelm Behnke - contador.

O programa registrado nos estatutos foi feito um pouco apressadamente, não podendo ser considerado definitivo em todas as suas partes.

Ainda não se pode prever se a instituição, de acordo com a velha classe profissional em uma república de grandes indústrias, terá proveito como nos séculos passados, que era de livre profissão.

Mas uma coisa é certa: a sociedade de Artífices não desenvolverá uma

[3] Fonte: "Blumenauer Zeitung", 12 de abril de 1902 - Tradução: Edith Sophia Eimer

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

atividade infrutífera na área da política, dispersando suas forças.

Uma sólida união de todos os artífices do município formará, portanto, uma instituição profissional em grande estilo, para a qual a Sociedade de Artífices colocará o primeiro degrau para cada um, como para todo o município.

Mas precisa desaparecer um mau costume do alemão: o "juramento de Rüttli", proclamada ultimamente em diversas e pomposas variações. Tal união não deve constar só no papel.

Nós precisamos aprender a trabalhar fraternalmente, um por todos e todos por um. Este é o objetivo final da sociedade de artífices.

Sociedade de Artífices[4]

Depois que participei das duas últimas reuniões da sociedade de artífices, cheguei à conclusão de que a sua fundação foi aqui muito precipitada para que se constituísse.

Uma sociedade de artífices não é uma sociedade recreativa, exige muita reflexão e para que cumpra o seu objetivo, não é nada fácil, o que já se pode constatar após alguns meses.

Os estatutos esboçados não servem em absoluto, e os chamo de estatutos "galope", uma vez que o seu teor na maioria, foi extraído de outros estatutos e possui pouco ou nenhum valor.

Os estatutos não devem ser colocados no papel, assim sem mais nem menos, precisam de muitas reuniões e discussões com os associados, e aos poucos, então, podem ser mesclados.

Acredito que neste caso, em 1-2 anos a sociedade tenha estatutos úteis e nenhuma imitação de fabricação por minuto. Também a escolha da diretoria não deveria ser por tempo determinado, mas apenas provisoriamente, apesar de que foram eleitas pessoas honestas, nas quais tenho confiança de que cumpram seu dever e não gastem seu tempo com declarações inúteis.

Seria interessante que esta sociedade não se denominasse "sociedade de artífices" mas sim, "sociedade profissional". Seria melhor que se discutisse isso nas próximas reuniões. No mais, digo a todo mestre artífice que se associe à sociedade, mesmo que por ora não aconteçam bailes, mas se a sociedade permanecer sem nenhuma política, com certeza a mesma será uma das sociedades mais fortes de Blumenau e de utilidade para todos.

Portanto, fraternalmente e pacificamente, a obra continua com sangue tranqüilo, pois, se não é útil, pelo menos não prejudica ninguém.

Ernst Liem - Mestre Seleiro

[4] Fonte: "Blumenauer Zeitung", 19 de abril de 1902 - Tradução: Edith Sophia Eimer

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fragmentos de nossa história local

- Estrada para Blumenau

- Caixa econômica de iniciativa particular em Blumenau

Estrada para Blumenau [1]

A favor da realização de tão importante melhoramento como é o de que trata a epígrafe acima, e que há muito é um velho anseio dos habitantes de Itajaí como também de Blumenau, vamos a partir de agora empenhar nossos esforços, confiando no amor à causa pública daqueles a quem nos dirigimos, esperamos, sejam coroados de êxito.

Não é mais possível se permitir que dois municípios, como Itajaí e Blumenau, largamente habitados, ambos considerados desenvolvidos pela sua exportação e importação, valendo um e outro pelas extraordinárias e elevadas cotas com que em todos os anos enriquece o Tesouro do Estado, núcleos estes de populações diligentes, cultas e progressistas, continuem por mais tempo sem uma fácil comunicação por meio de boa estrada de rodagem!!

Mantida por uma linha de dois pequenos vapores existe entre um e outro município a navegação fluvial, que é sem contestação a causa de não ter sido ainda até agora realizada aquela medida; mas a navegação fluvial apesar dos grandes serviços que presta, está ainda aquém da aspiração do progresso dos que ocupamos este Vale do Itajaí e das necessidades que nosso desenvolvimento tem criado.

Demais uma estrada entre Itajaí e Blumenau – estrada que só é preciso construir em uns vinte quilômetros, até Ilhota, nos limites com Blumenau por já se achar feita dali à sede do vizinho município – não terá por fim exclusivo, como poderá parecer, a facilidade de comunicação entre os dois municípios.

O intuito principal que se deve ter com a construção da semelhante estrada, é atrair população para esta parte até agora quase deserta do Vale do Itajaí; é valorizar terrenos férteis jazendo até agora no mais triste abandono; é impulsionar ... não é criar – pois o que existe atualmente é de tal primitividade e decadência que é como se não existisse ainda – é criar uma lavoura e um comércio nessa zona ribeirinha do

1 Fonte: Jornal "Novidades" Ano III Nº 125-Itajaí, 21 de outubro de 1906.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Itajaí-Açu; é finalmente trazer para esta zona do município, que for por ela servida, elementos de vida, adiantamento e progresso.

Nem se diga que uma boa estrada ligando Itajaí a Blumenau prejudicará a Companhia Fluvial que trabalha entre a nossa e aquela cidade.

Neste caso, se alguém quisesse construir uma estrada de ferro daqui para Florianópolis, teria de ceder este argumento de que tal empreendimento faria mal ao Lloyd Brasileiro e as empresas particulares de navegação que entretêm comércio, entre os dois portos?!

Como a segunda é igualmente especiosa, é absurda a primeira destas razões. Em todo o tempo e em toda parte tem-se visto que linhas de navegação prosperam sempre, quando têm boas estradas marginando-as.

E dado mesmo que a Companhia de Navegação Fluvial Itajaí Blumenau fosse prejudicada com a abertura da referida via de comunicação, ainda assim não se devia deixar de realizar tão urgente melhoramento; por enquanto os interesses da coletividade é que não podem nem devem ser sacrificados aos interesses de particulares.

Desde 1898 que existe verba votada para ser levada a efeito tão necessário melhoramento, conforme se vê na lei do Congresso Estadual nº 325 de 22 de setembro daquele ano, autorizando o governo de então a despender até 30 contos de réis com a construção de uma estrada que a partir da freguesia de Gaspar, em Blumenau viesse à cidade de Itajaí.

É lamentável que até agora não tenha sido aproveitada semelhante autorização!!

A Assembléia Legislativa do Estado está funcionando. Entre os ilustres congressistas, que a compõem, algum haverá sem dúvida que o município de Itajaí alguma causa merece!

E deste modo esperamos que o orçamento estadual para 1907 não se organizará sem que nele figure a verba necessária para a construção de uma estrada ligando Itajaí a Blumenau.

Caixa econômica de iniciativa particular em Blumenau [2]

Em uma de nossas últimas edições nos referindo ao progresso de Blumenau, escrevemos que um espírito curioso e indagador, se quisesse podia escrever um livro sobre aquele município, tantas são as causas dignas de nota que ali existem, como suas cooperativas de produção e consumo, suas caixas econômicas populares, suas sociedades para a manutenção de escolas, suas companhias de seguros marítimos etc. Hoje devido à publicação de um relatório tocante ao ano de 1908, podemos entrar em detalhes a respeito de uma daquelas instituições. Trata-se de uma verdadeira caixa econômica sem garantia do governo, anexa à cooperativa rural, ali existente e onde os colonos podem depositar suas economi-

2 Fonte: Jornal "Novidades" Ano V Nº 249-Itajaí, 7 de fevereiro de 1909.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

as, percebendo os juros anuais de 4 por cento.

Foi inaugurada em 28 de fevereiro do ano passado(1908). Para poder avaliar o tamanho da prosperidade em que se acha aquela instituição, após apenas um ano de vida basta saber-se que a 1º de janeiro último, havia em caixa, de depósitos realizados, a quantia de 185:115$180.

Essa caixa possui um fundo de garantia de 6:450$000, sendo essa quantia reunida pelos sócios da cooperativa rural. O balanço acusa na conta de juros o saldo de 1:705$625 e os descontos de letras 432$540, verificando-se assim, um lucro total de 2:138$165.

Durante o ano de 1908 foram distribuídas 541 cadernetas, sendo 161 até 50$, 54 de 50$ a 100$, 194 de 100$ a 500$, 76 de 500$ a 1000$, 43 de 1000$ a 2000$ e 13 de 2000$ a 4000$.

Foram devolvidas 15 cadernetas, estando assim em circulação 526.

Não deixam de ter interesse as diversas propostas, a respeito de empréstimo de dinheiro dentro dos municípios, apresentada e discutida na última reunião da diretoria.

1º) Aos colonos que agora iniciam sua vida, a caixa faz empréstimos até dois terços do valor das terras que queiram comprar ao governo. Quando se tratar de compra de terras particulares, o empréstimo não poderá exceder da metade da quantia por que esses terrenos foram adquiridos. Todas essas quantias assim emprestadas vencem a juro anual de 6% sendo amortizáveis depois de 3 anos à razão de 4% ao ano.

2º) Aos colonos desde tempo estabelecidos e que possuam bens imóveis a caixa adianta dinheiro até a terça parte do valor desses bens, sendo a avaliação dos mesmos feita por uma comissão nomeada pela diretoria; vencendo tal empréstimo a juro de 6% e começando a amortização, desde o primeiro ano, à razão de 4% ao ano.

3º) Aos profissionais e industriais que possuam terrenos ou prédios onde funcionam seus estabelecimentos e seguros em boas companhias, a caixa adianta dinheiro até a quarta parte do valor dos mesmos, sendo os juros e amortização como nos casos anterior.

4º)Fazem-se também empréstimos sobre prédios localizados no perímetro urbano, devidamente segurados até 50% do valor dos mesmos, sendo os juros e amortização conforme também o caso anterior.

5º) Empresta-se ainda dinheiro a comerciantes e industriais sobre letras e títulos de dívida, sendo as condições fixadas pela diretoria.

6º) Dos que contraírem empréstimo e deixarem de cumprir suas obrigações a Diretoria tem o direito de exigir o pagamento total da dívida. Em casos especiais estando a caixa ameaçada de prejuízo, os diretores de acordo com o conselho fiscal, podem denunciar imediatamente o contrato existente.

7º) Os empréstimos acima referidos, com exceção apenas do nº 1, só poderão ser concedidos aos sócios da cooperativa rural, criadora da caixa econômica.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Burocracia & Governo

– Documentos da Colônia

Dr. Hermann Blumenau

Com esta coluna procuramos trazer ao leitor da revista a publicação de atos administrativos que tramitaram na segunda metade do séc.XIX entre a Colônia Blumenau e os diversos órgãos da administração Provincial e Imperial.

Os documentos ora levados ao conhecimento do público fazem parte de um lote de correspondências (reservadas e confidenciais), avisos, relatórios, telegramas, solicitações entre outros, cujos originais encontram-se no Arquivo Público do Estado.

Resistindo a acanhados espaços e a várias mudanças ao longo da sua existência, esta documentação tem resistido, no entanto, sua fragilidade inviabiliza a reprodução de cópias, fazendo-se necessário realizar um paciente trabalho paleográfico e transcrição.

A façanha foi em parte, conseguida graças ao empenho do Instituto Blumenau 150 Anos, responsável pelos festejos do sesquicentenário da cidade, que se dispôs, através do Projeto de Resgate da Memória Documental, manter um pesquisador, pelo período de um ano, investigando e selecionando no acervo do Arquivo Público do Estado, documentos de interesse para a História de Blumenau.

Assim, foi possível chegar aproximadamente a dois mil documentos que estão à disposição dos pesquisadores.Com a entrada dos mesmos no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, pesquisadores e usuários terão oportunidade de desenvolver produções científicas contendo novas abordagens, olhares e perspectivas da História Regional.

Para manter a autenticidade do documento respeitamos a linguagem da época.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Doc.587
Il^mo e Ex^mo Sr.

Reservado e urgente
Recentes novidades, que neste momento recebo de Itajaí, me impõem o dever de importunar a V^a Ex^a com o seguinte pedido tão respeitoso, quão constante.

A nova Câmara Municipal de Itajaí tem a intenção, de não só arrematar no decurso do corrente mês a passagem do rio Itajaí mirim no lugar, onde principia a estrada, de que fiz uma parte, e que se dirige à Colônia Blumenau, mas ainda remover o próprio passo do lugar, que eu havia escolhido com muito esmero e que é o mais próprio possível, para outro lugar muito menos e conveniente. A câmara se arroga assim o direito, de já extorquir ao povo uma contribuição por uma estrada, para cuja fatura não contribuiu nem moral – e muito menos pecuniariamente como um só ceitil, sendo esta estrada apenas feita pela terça parte e oferecendo a falta de pontes ao povo transeunte as maiores dificuldades. A câmara pois, para argumentar sua renda, antecipa um imposto que no atual estado das causas da justiça e equidade ainda não lhe pode competir.

Além disto, quer ainda deslocar ou remover o passo sem utilidade alguma e até com prejuízo público, só, como parece, com o fim de servir interesses particulares de um rendeiro alemão e dirigir os viajantes de maneira tal, para que passem pela porta da sua venda. O lugar, que com o maior cuidado, e alheio a qualquer interesse, além do público, escolhi, e para o qual já fiz e dirigi o caminho, é não só o maior conveniente, como quase o único comado, que existe para tal fim na barra do Itajaí mirim, bem difícil a transitar. O caminho com ruas estivas se dirige ao mesmo passo em linha direita e nele, como no próprio passo, fiz trabalhos, que custarão bastante dinheiro, com algum melhoramento maior e pouco custoso este passo não deixará a desejar e achando-se em ambas as margens em terras de brasileiros pobres, que de bom grau se hão de prestar à passagem, e de certo e bom serviço do público melhor garantido, do que quando um dia um rendeiro pode impor sua vontade, para regular o serviço a seu gosto.

A principal razão, que se levanta contra a remoção do atual passo, é porém, que o novo lugar é muito menos conveniente, muito mais difícil, a estabelecer nele uma cômoda da passagem para o gado, e que o caminho por causa deste mau lugar tem de fazer uma volta considerável e completamente inútil em terre-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

no mau e pantanoso ou úmido, em que ainda preciso é, fazer uma ponte, ficando finalmente feita em pura perda a despesa, que já fiz com o caminho e passo, que estabeleci no mais conveniente lugar que possível foi achar.

Por todos estes motivos e no público interesse, ouso pois respeitosamente rogar, Vª Exª queira dignar-se de interceder neste negócio, que não passa de um mesquinho capricho, afim de que a Câmara:

1°. já não levante imposto de uma estrada e passagem, que ainda está muito longe de servir e ser acabada tendo de demorar-se até que a mesma estrada seja acabada e entregada à mesma Câmara; e

2°. que fique conservado o atual passo do rio no lugar em que se acha e finda a estrada, em que estou trabalhando.

Deus guarde a Vª Exª – Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1865.

Ilmo e Exmo Sr.
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dmo Presidente da Província de Santa Catarina etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc.593

Ilmo e Exmo Sr.

Autorizado como fui pelo aviso de Vª Exª de 30 de julho pr. ps., para mandar fabricar 1500 cadernetas de contas, para o uso dos devedores do Governo, existentes nas colônias desta província, só há pouco tempo podia encomendá-las, porque tive em pessoa de cuidar na corte do papel convenientemente pautado. Encontram-se, porém, neste momento na minha mão já umas 200 e para os meados do mês de abril todas elas serão enviadas ao Delegado das terras públicas, como Vª Exª me ordenou.

Como tive a satisfação de contratá-las pelo preço extraordinariamente razoável de 270 réis cada um exemplar, em lugar de 350 à 400 réis, como a princípio havia calculado, a despesa importa em 405$000 pelas cadernetas mais 5$000 pelas despesas vindas de caixão etc. e o transporte à vila, em cujo posto devem ser embarcadas para essa capital.

Rogo pois respeitosamente Vª Exª queira mandar pagar ao meu procurador a quantia supra de Rs 410$000, visto que já adiantei ao encadernador 200$000

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e que ele tem de receber o resto em proporção do número das cadernetas, que em cada semana me entrega.

Este número de 1.500 exemplares, sendo 550 para Blumenau, 375 para Teresópolis, 375 para Itajaí mirim e 200 para SSª Isabel[1], chegará contudo apenas ou nem mesmo chegará para as atuais necessidades e não hão de ficar algumas ou número muito insuficiente para a necessidade dos imigrantes, que nos próximos anos se podem esperar. É porém, de suma conveniência, que o imigrante desde sua chegada se ache na posse da sua caderneta e para prevenir a sua falta no momento, em que com maior urgência se careça delas, era sem dúvida conveniente, mandar fabricar ainda uns mil ou mil e quinhentos exemplares e confiá-las à guarda da Delegacia das Terras, a quem os diretores logo haviam de pedir o número, de que ainda necessitarem desde já ou no futuro.

Se acaso Vª Exª aprovar minha proposição, da melhor vontade me prestarei em encomendar desde já o necessário papel pautado /:na corte:/ e dispor todos os arranjos, para que as próprias cadernetas no mais breve fiquem aprontadas. Em tal caso não posso porém deixar, de respeitosamente pedir breve resposta e ainda, Vª Exª queira dignar-se, de mandar pagar a correspondente quantia ao meu procurador, visto que não posso bem expor-me ao perigo, de ver cair nos exercícios findos e logo com muita pena dever reclamar a mesma quantia, se meu substituto aqui, ou meu procurador na capital acaso se esquecerem, de pedir a tempo o pagamento, ou ainda a remessa das cadernetas se demorar por algumas semanas além do fim do corrente exercício financeiro.

Deus guarde a Vª Exª – Colônia Blumenau, 15 de fevereiro de 1865.

Ilmo e Exmo Sr.
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dmo Presidente da Província
Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc.594

Ilmo e Exmo Sr.

Em adiantamento ao meu ofício de 15 deste mês, em que referi sobre as cadernetas de contas de colonos, cumpre-me retificar um erro, que cometi. Não

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

podendo conferir naquela data o contrato concluído com o encadernador, por se achar sob as chaves (sic) do guarda-livro, que naquele dia foi ausente na inspeção de algumas pontes em construção, não havia tomado em conta, que eu devia fornecer o papel especialmente pautado para este mister. A importância do mesmo, sendo 4 resmas a 5$000 e 2$000 despesas de caixão, frete etc.., em suma Rs:34$000 deve pois ainda ser ajuntada a que solicitei à Vª Exª com 410$000, de maneira que a quantia de despesa total é de 444$000.

Rogo portanto, Vª Exª queira dignar-se de mandar ao meu procurador esta mesma quantia de 444$000, em lugar de 410$000 que havia solicitado.

O preço das cadernetas assim é de 293 rs por cada um exemplar, o que ainda assim se pode considerar como muito razoável, sendo que anteriormente em diferentes lugares me pediram 320 a 340 rs com inferior papel em branco.

O preço (293 rs) regulará também, se Vª Exª quiser encomendar ainda novas cadernetas em maior número, como propus no meu referido oficio.

Tomo a liberdade de juntar um exemplar das cadernetas como amostras.

Deus guarde a Vª Exª – Colônia Blumenau, 19 de fevereiro de 1865.

Ilmo e Exmo Sr.
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dmo Presidente da Província
Etc. etc. etc

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc.600

Ilmo e Exmo Sr.

Em aditamento ao ofício, em que solicitei à Vª Exª o pagamento de 410$000 por conta das cadernetas de colonos, tenho a dizer, que por engano nesta conta não foi intuído o preço do papel pautado para este fim, sendo quatro resmas a 5$000 e as desprezas de despacho, frete, etc., na importância de 2$000.

Venho pois, respeitosamente pedir Vª Exª queira mandar pagar esta quantia de 34$000 ao meu procurador nesta capital por conta e como saldo das referidas cadernetas de que entreguei agora 500 ao Delegado das Terras públicas, sendo o resto de mil exemplares remetido até o mês de maio.

Deus guarde a Vª Exª – Desterro, 31 de março de 1865.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Il^mo e Ex^mo Sr.
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
D^mo Presidente da Província
Etc. etc. etc.

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Doc.604
Il^mo e Ex^mo Sr.

Em conformidade com as últimas ordens de V^a Ex^a, mandei pautar aqui o papel necessário para mais 750 cadernetas de contas de colonos e comprei os demais materiais de papelão e algodão para as mesmas, o que tudo nestes dias remeto à colônia Blumenau, esperando assim, que as cadernetas em breve fiquem prontas e remetidas à Delegacia das Terras da mesma maneira, como a primeira encomenda de 1500 exemplares, de que já trouxe comigo 500.

Rogo portanto V^a Ex^a queira dignar-se, de expedir as convenientes ordens, afim de que pela Tesouraria da Fazenda seja paga ao procurador meu e do atual diretor interino da colônia a meu cargo, o Sr. Fernando Hachradt a quantia de Rs 222$000, correspondente ao preço da primeira encomenda e ao número de 750 exemplares.

Deus guarde a V^a Ex^a – Rio de Janeiro, 15 de abril de 1865.

Il^mo e Ex^mo Sr.
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
D^mo Presidente da Província de Santa Catarina
Etc. etc. etc.

O Diretor da Colônia de Blumenau
Dr. H. Blumenau

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Entrevistas

– História de Vida

Nelson Rosembrock

ENTREVISTADORA: URDA ALICE KLUEGER

A entrevista selecionada neste bimestre foi dada por um dos mais notáveis e populares profissionais da radiodifusão catarinense. Nelson Rosembrock, fez e continua fazendo história em nossa cidade. O seu depoimento é um retrato falado das suas vivencias, pioneirismos e lutas na área da comunicação.

A gravação desta fala foi realizada em 1999, pela então acadêmica do curso de História da FURB, Urda Alice Klueger, na disciplina Técnicas de Pesquisa. Os originais e fita K7 fazem parte do acervo do A.H.J.F.S.

U: Hoje é 12 de maio de 1999. Estamos falando dos estúdios da rádio Nereu Ramos, à rua Ângelo Dias , antiga casa do seu Lazinho[1] , e o nosso entrevistado é o seu Nelson Rosembrock, que vai nos contar a sua história. Seu Nelson, gostaria que o senhor contasse tudo da sua vida.

N: Certo. Nós vamos começar pelo nascimento. Não é melhor?

U: Sim.

N: Nasci em 1927, dia 21 de março, às duas horas da manhã, na cidade de Brusque. Sou filho de Reinoldo e Margarida Maria Rosembrock. Deste casamento, nasceram sete filhos, sendo: Ruth, Hildegard, Nelson, Osni, Celso, José Reinoldo e Ema Maria. As primeiras letras eu aprendi já a partir dos cinco anos de idade, também na cidade de Brusque, no Grupo Escolar Feliciano Pires. Lá, eu estudei até os doze anos. Porque naquela época o primário compreendia o primeiro, segundo, terceiro e o quarto ano. Foi criado o Curso Complementar, com mais três anos. Eu fiz esse curso. Urda, eu te conto que ali só foi o início, porque desde pequenino, todo pedacinho de papel que eu encontrava, mesmo na rua, na calçada, em qualquer lugar, e que estivesse escrito, eu juntava e lia. E eu fui aprendendo com isto. Fui

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aprendendo, aprendendo de tal maneira, que quando eu completei 15 anos de idade, eu já era aficionado em livros. Aficionado de tal maneira, Urda, que conseguia ler um livro inteiro em uma noite, deitado. Tanto que hoje não posso ler sentado – o costume é ler deitado. Eu li, em minha vida, aproximadamente 3.500 volumes. É muito livro. Aprendi muita coisa que eu não sabia. Foi ali que eu busquei aquele saber que o autodidata consegue; sem um professor, sem um instrutor, aprendi sozinho. Então, aprendi a escrever as palavras certas. Aprendi a pronunciar as palavras certas com a leitura. Você, como escritora, Urda, sabe disso: que a leitura é o principal caminho para a vitória em qualquer setor da vida de uma pessoa. A pessoa que não lê jamais vai chegar a uma vitória mais na frente. Não chega, porque ele é um desinformado. E a pessoa desinformada não consegue atingir aquele caminho que almeja, porque ele não tem recursos. E eu consegui com a leitura chegar até aí onde estou agora.

Então, depois do Curso Complementar, no Grupo Escolar Feliciano Pires, fui freqüentar o Tiro de Guerra, lá na cidade de Brusque, que ainda funciona hoje, tanto que os jovens de Brusque não precisam vir servir no Batalhão, aqui em Blumenau. Servem o Tiro de Guerra. Depois do Tiro de Guerra, minha família mudou-se para Rio Negrinho. Meu pai era construtor de igrejas, aí levou-me junto. Claro, eu não tinha onde ficar, tinha 18 anos. Cheguei em Rio Negrinho por volta de 1948, quando o seu Egon Ussmann, que era gerente do Banco Inco, estava instalando a Rádio Rio Negrinho. Eram 100 watts de potência, naquele tempo era uma coisa muito importante, um aparelho muito bonito, igual aos de hoje, só mais fraco. E o seu Egon Ussmann convidou-me para auxiliá-lo. Fui ajudá-lo, não ganhava nada, só ajudando, o que fazer? Ajudei-o, a rádio foi para o ar, e a locutora era a Dona Irene Ussmann, esposa do seu Egon. Ele não tinha locutor. Quando foi um dia, um dia de inverno muito forte, porque em Rio Negrinho dá invernos muito fortes, a esposa do seu Egon, Dona Irene, adoeceu, e ele não tinha quem falasse no rádio. Ele era o técnico de som e o dono. Então ele me perguntou:

- Escuta, não queres apresentar o programa das Massas Alimentícias Stein?

- Mas eu nunca falei nesse negócio aí, o que é que eu vou fazer aí? Nem sei se sei falar!

- Não, tu sabes, sim. Vai lá!

Peguei os textos, primeiro dei uma lida, uma meia hora antes.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- As músicas eu vou dizendo para ti.

Eu comecei e apresentei o programa durante uma hora. Sabe que eu gostei de apresentar, de estar na frente do microfone, muito nervoso, é verdade, mas gostei de estar em contacto com o grande público. Quando terminou o programa, o seu Egon disse para mim

- Eu vou contratar um locutor para vir aqui a Rio Negrinho e te ensinar os segredos da locução.

- Ah! Ótimo!
- Eu quero te mostrar a voz dele, eu tenho gravada aqui.

U: *Conta um pouquinho sobre o gravador.*

N: O gravador, naquela época, não era o gravador de fita magnética, entende, Gilvan?[2] Era de fio, fio de cobre. Um fiozinho fino de cobre, que gravava, mas gravava com perfeição. Era perfeita a gravação. Aí ele soltou a gravação, eu comecei a escutar e disse:

- Mas é esse que o senhor vai trazer? Puxa, mas tem uma voz bonita! Esse locutor aí é bom!

- O que é que tu achas?

- Ah! É bom, tem uma voz linda! Barbaridade!

Eu nunca tinha ouvido a minha voz, então não sabia que era a minha voz. Aí ele disse:

- Essa voz é tua, quem eu vou contratar és tu. O locutor que eu vou contratar és tu. Com essa voz aí, nós vamos dar jeito na estação. A partir de amanhã, tu és locutor da rádio.

- Tá certo!

Nunca perguntei quanto ia ganhar. Ele disse:

- Eu vou te dar 700 cruzeiros por mês, e tu vais trabalhar das dez até a uma hora da tarde, e depois, das cinco até às dez da noite.

- Tá bom!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

U: Isso significava quanto?

N: Nem sei. Urda, eu não sei, porque faz 50 anos. Era um dinherinho bom. Dava para pagar a pensão, porque a minha família tinha vindo embora, dava para pagar a pensão, no melhor hotel da cidade, dava para mandar lavar a roupa, comprar uma roupinha, e outras coisas e sobrava um dinheirinho. Comecei a trabalhar, e fui trabalhando, e já fui visitando também alguns clientes. Ele me instruiu como fazer. Fui, mas não consegui nada. Eu era meio fraco ainda no negócio. Era calouro, tinha medo, ficava com um certo receio de chegar, não sabia o que apresentar. Então, fiquei na rádio. Inaugurei um jornal falado, mas jornal falado, lia do jornal a notícia, ao meio-dia. Era interessante, dava a notícia, e aí batia duas vezes, assim, em cima da mesa, para separar uma da outra, entende? Um negócio diferente. O rádio, naquele tempo, era igual ao de hoje. A diferença é só o aparelhamento que hoje o rádio tem. Hoje a Nereu Ramos está com 10.000 watts de potência, vai até no sul do estado, vai lá no norte, vai lá no oeste, não é? Naquele tempo, a estação tinha 100 watts, ia até Jaraguá, tinha horas em Mafra, em São Bento, em Campo Alegre, certo? Em Rio Negrinho fiquei três anos e pouco. Vi que não estava mais aprendendo, no rádio. Eu queria aprender a trabalhar no rádio. Pedi um conselho para o seu Egon, e ele disse: "Olha, se eu fosse tu, eu iria para São Paulo". Eu disse: "É, está certo!". Antes, eu tinha recebido um convite para trabalhar em Curitiba, na Rádio Guaracá, mas eu não aceitei. Fui para São Paulo. Levei cem cruzeiros no bolso, e fui. Fui arriscar. Eu pensei: "Tenho que ir para a universidade da vida, porque se não tenho condições nem de fazer o ginásio, vou para a universidade da vida. Porque a universidade da vida ensina! Ensina a viver e a ganhar a vida." Fui para São Paulo. Cheguei lá, fui na Rádio Piratininga, andei por ali, "namorando", observando. Lá me deram uma pequena oportunidade. Conheci gente importante, hoje é gente importante: o Chico Anísio, que era locutor, o Cid Moreira, que era locutor, estava iniciando, mas já era feito um locutor, entende? Já era o "seu" Cid Moreira. Ele não falava com qualquer um. Também o Sílvio Santos, que já tinha o Baú da Felicidade. Eu os conheci assim, mais ou menos. Aí, fiquei um tempo ali, me botaram a trabalhar no comércio. Fui trabalhar no comércio, em São Paulo.

U: Comércio de rádio?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

N: Não, não! Comércio em si. Visitar lojas para conseguir anúncios de rádio. Mas era isso que eu queria aprender. Fui trabalhar no comércio junto com outro moço, que já tinha experiência. Então comecei a adquirir experiência de chegar num anunciante. Chegar num anunciante, conhecer um anunciante, olhando para ele na primeira vez. Olhar para ele, saber quem é ele. Tem que se conhecê-lo, para poder conseguir aquilo que se almeja. Aprendi a trabalhar no comércio, a fazer anúncios e a levar anúncios para a rádio. E fazia um programa de noite. Passou um tempo, e vi que estava pronto. Eu disse: "Eu vou embora, porque aqui é pesado demais." Muito pesado, trabalhava a noite toda, e depois, durante o dia todo. Eu aprendi. Vim, voltei para Santa Catarina, para Brusque. Cheguei em Brusque em 1956. Lá, já existia há muito tempo a Rádio Araguaia de Brusque, que pertencia às Emissora Coligadas de Santa Catarina, que eram: Rádio Clube de Blumenau, Rádio Difusora , Rádio Araguaia de Brusque, Rádio Clube de Itajaí, Rádio Clube de Gaspar e Rádio Clube de Indaial. Fui trabalhar como locutor comercial na Rádio Araguaia de Brusque, e também, como corretor. Aí, comecei a trabalhar os clientes; mas eu vim com uma experiência de São Paulo, então, cheguei com uma mensagem diferente em Brusque. Aquela mensagem diferente que eu trouxe, daquele rádio mais moderno, começou a prejudicar o que era gerente da rádio. Ele vivia do faturamento da rádio. Sem saber, comecei a tirar o faturamento dele, porque eu ia com outra mensagem, com outra conversa. Tudo o que é novo é melhor. Até uma vassoura, não é mesmo? Vassoura, quando é nova, varre nos cantos. E assim também eu era. Tive sucesso absoluto em Brusque, no comércio. Tanto que, depois de seis ou sete meses, eu já faturava mais do que o gerente da rádio. Então o gerente da rádio começou a delimitar o meu trabalho. Aí não gostei mais. Fiquei, fui ficando, quando completou um ano o diretor da Emissoras Coligas foi lá, e eu lhe disse que queria sair, que não podia ficar... "Não, não, eu vim hoje aqui mesmo para falar, para te levar para Blumenau. Amanhã você vai para Blumenau, lá na Rádio Clube. Vai falar com o Sr. Flávio Rosa." Vim, falei com o seu Flávio. Ele disse: "Olha, vamos fazer a tua carteira."

U: A profissional?

N: É. 1957. Lá em Brusque. Ele completou: "Você vai primeiro para Indaial. Na Rádio Clube de Indaial, nós vamos dar férias para o nosso gerente". Era o Jeser Joci Reinert, que você conheceu, infelizmente, já falecido, um grande amigo meu, também. Eu fui para Indaial. Fiquei dois meses. Recuperei a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estação financeiramente. Aí os diretores das Coligadas me buscaram em Indaial, e me levaram, para a Rádio Clube de Gaspar, que também ia mal. Eu fui para a Rádio Clube de Gaspar, lá fiquei três anos. Recuperei-a financeiramente, em três ou quatro meses ela estava recuperada. Ela até concorria com a Rádio Clube daqui. Nisto, apareceu a Rádio Nereu Ramos.

U: O senhor não foi a Itajaí primeiro?

N: Sim, mas eu quero lhe contar que eu estava em Gaspar, e a Rádio Nereu Ramos entrou com um rádio novo, um rádio de informação, um rádio bonito, não é? Foi um corre-corre. Não me prejudicou em Gaspar, mas as estações daqui sofreram. Aí chegou o diretor e me convidou para ir para a Rádio Clube de Itajaí. Lá não ia bem; eu fui. Cheguei em Itajaí e formei uma equipe minha, porque eu tinha o costume de, onde eu dirigia uma estação, formava uma equipe minha. A equipe que então funcionava, eu simplesmente demitia e criava uma equipe minha, com pessoas da cidade. Lá encontrei, hoje meu compadre, o Marino Lopes Stringari, um grande radialista. Ele trabalhou em Itajaí 35 anos, e eu pude botar em ação aquele meu projeto, um projeto que eu sempre tive desde que voltei de São Paulo: de levar o microfone da rádio para junto do povo. E lá, então, inauguramos este projeto, eu, o Marinho Stringari e outros colegas. Levávamos o microfone da Rádio Clube de Itajaí às portas dos cinemas, aos portões dos campos de futebol para ouvirmos a opinião deles sobre vários assuntos. Itajaí não tinha Corpo de Bombeiro, a Rádio Clube conseguiu o Corpo de Bombeiros com esse trabalho, um trabalho sistemático e diário em cima, não é? Conseguimos. E o trabalho foi tão profícuo, que a Rádio Difusora de Itajaí teve que encerrar as suas atividades. Ela não conseguia acompanhar o nosso desenvolvimento. Ela encerrou as atividades, mas encerrou por três meses, comprou novos aparelhos. Um fato interessante. A estação fechou, aí compraram aparelhos novos, Phillips. Quando veio para o ar era uma maravilha! Mas ficou três meses fechada. E buscou, então, locutores de fora. Quando ela entrou outra vez no ar, entrou com uma categoria muito forte, mas não conseguiu dominar a Rádio Clube de Itajaí, porque nós continuávamos com aquele trabalho junto ao povo. Eu já tinha um programa apresentado nas casas: "O Café Nelson visita a sua casa". Lá havia o café, com o nome Nelson, e eu ia todo dia numa casa gravar um programa do Café Nelson. Foi lá que se tornou amigo meu, o Dr. Humberto Narciso. Conheces? É, o Humberto Narciso cantou no meu programa!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

U: *Deve ser o pai desse médico...*

N: Não, é esse médico mesmo! É ele mesmo! Ele cantava no meu programa, o Dr. Humberto!

U: *Humberto Rebelo Narciso.*

N: Isso mesmo! E assim foi. Transcorrido um ano, me transferiram para Blumenau. A Rádio Nereu Ramos, na época, estava mandando sozinha. Havia as Rádios Clube, Difusora e a Nereu. E a Nereu, com aquele sistema que o Lazinho colocou no ar, era um sistema vitorioso. Vim para Blumenau, fiquei um tempo observando, tinha que observar e estudar, para ver o que eu ia fazer. Trabalhava na Difusora um pouquinho, um pouquinho na Rádio Clube. Em 1961 aconteceu uma enchente do rio Itajaí-Açu. Fui destacado para dar cobertura à enchente, juntamente com outros colegas, pela Rádio Clube. Mas, esses outros colegas, quando começou a escurecer, todos eles foram para casa, e me deixaram sozinho na Rádio. Eu não podia ir embora. Tinha que ficar, porque tinha que atender o público que estava telefonando, pedindo socorro. A enchente atingiu 13 metros e 40, uma coisa assim. Na época, o Nelson Rosembrock, este que aqui está falando, ficou no microfone, sem interrupção, durante 72 horas. Digo para ti que, quando parei, estava com a língua inchada de tanto falar. Era dia e noite, três noites e três dias, falando, atendendo telefone. O Juiz de Direito de Blumenau, Dr. Marcílio Medeiros foi à Rádio Clube, chegou, eu ainda estava falando, pediu licença, ocupou o microfone, e fez um discurso, elogiando o meu trabalho. Eu fiquei muito enobrecido. Fiquei muito agradecido, com as palavras. O Sr. Hercílio Deeke, que era o prefeito na época, pediu-me que o ajudasse a conseguir alimentos, roupas, dinheiro, para socorrer a população. Blumenau, em 61, era uma cidade pequena, romântica – hoje já não é mais tão romântica, é mais materialista. Aí, eu comecei a campanha do alimento, do agasalho, da roupa e do dinheiro que muita gente precisava. Olha, Urda, se eu te conto a alegria que senti no momento: Em uma hora, consegui 500 mil cruzeiros em donativos! Em alimentos, em roupas e em dinheiro. Aí, falando com o prefeito de saudosa memória, Sr. Hercílio Deeke, ele disse: "Olha, por enquanto pode parar aí. No Clube Náutico América[3] se amontoam os alimentos. Já estamos separando para entregar. Temos dinheiro, temos roupa à vontade, roupa de cama, colchões, tudo! Então, pára por aí". Fiquei contente! Em uma hora, somente, consegui! E aí continuei o trabalho de atendimento. A gente tinha

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que dar a atenção.[4] E só a Rádio Clube estava no ar, as outras saíram. Tudo bem. Terminada a enchente, eu não podia quase andar. Aí o seu Frank, que era o diretor do Hotel Rex, chamou-me até o Hotel Rex e disse: "Você vai dormir aqui. Eu tenho roupa, e você vai tomar um café, tomar um banho e vai dormir aqui." Eu dormi das nove horas da manhã até o outro dia às cinco horas da tarde. Eles pensaram que eu tinha morrido. É verdade, mas não foi. Eu fiquei contente por poder servir à população, entende, Urda? Passada uma semana, o Sr. José Ziebarth, conheces o seu José Ziebarth, não? O Sr. José Ziebarth é um representante comercial. Ele mora aí na Ponta Aguda. Ele veio e disse: "Olha, Nelson, depois de amanhã, à noite há uma churrascada em tua homenagem, lá no Grêmio Esportivo Olímpico. Então, tu vais. Vai ser às oito horas." Eu fui. Lá fiquei mais contente ainda. Havia mais de 500 pessoas. E lá ganhei uma medalha, a primeira medalha da minha vida, da profissão. Uma medalha de honra ao mérito pelo trabalho que prestei de ajuda à coletividade.

U: *Gostaria que o Sr. falasse um pouquinho sobre quando o Sr. saiu na rua, depois da enchente.*

N: Sim, sim, aí vem, aí vem! Porque eu não era conhecido pessoalmente, em Blumenau. Então andava de lambretinha, e depois da enchente eu ia gravar o programa "A vida com alegria é outra coisa", do leite Frigor, da época, e as pessoas então apontavam: "Olha, aquele lá é ele!" Os maridos diziam para as esposas: "Oh, aquele é o Nelson!" Aí, me tornei conhecido, e as portas começaram a se abrir para mim.

U: *Por causa da enchente.*

N: Por causa da enchente. Foi um desastre para alguns, para mim, foram as portas abertas do comércio, da indústria, e a amizade que eu fiz, sem saber. Era amigo de todo o mundo. Fiz o bem. Tanto, que vou lhe contar uma história: O leite Frigor era o patrocinador do programa "A vida com alegria é outra coisa". Em determinado dia, o diretor-presidente da Cia. Jensen[5], Sr. Guilherme Jensen, num dia de chuva, chamou-me pelo telefone lá na empresa. Eu fui, de lambreta. Cheguei lá todo molhado.

U: *Sem asfalto, nessa época!*

N: Era macadame. Aí eu cheguei lá e ele disse: "Mas por que é que tu estás molhado?" Eu disse: "Eu vim de lambreta." "Tu não tens carro?" Eu disse:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Não, não tenho carro. Eu não ganho para comprar carro." "Está bom." O falecido Pedro Zimmermann, que era o tesoureiro da Cia. Jensen, antes de eu sair da casa do seu guilherme, me entregou um envelope-ofício, dizendo: "Aqui dentro tem o texto que é para tu leres amanhã. Bota ali para não molhar. Lê quando tu chegares lá na cidade." Quando cheguei na rádio, abri o envelope, era um cheque. Um cheque de 1.000.000 de cruzeiros. Sabe lá o que é isso? E um bilhete para eu comprar um automóvel. Portanto, o primeiro automóvel ganhei de presente. Pelo meu trabalho simples, pelo meu trabalho dedicado à população! Não foi uma recompensa, foi um presente do seu Guilherme Jensen. Eu fiquei tão contente! Fui, comprei o meu carrinho, velho na verdade, porque naquele tempo não havia carro nacional, que se pudesse comprar. Tinha a SIMCA, que já se fabricava, mas não era dinheiro para isso. Então, fui a São Paulo, e comprei um Taunus, alemão, 54. Então, o primeiro automóvel, ganhei de presente do Sr. Guilherme Jensen, diretor-presidente da Cia. Jensen, que patrocinou durante muitos anos "A vida com alegria é outra coisa" – um programa que ia nas casas, reunia as famílias, um cantava, outro brincava, pedia músicas, e eu distribuía prêmios. Era uma alegria mesmo, sabes? Como dizia, Urda, "A vida com alegria é outra coisa." E tu sabes que a vida com alegria é outra coisa!

U: Eu sei. Eu sei.

N: Por que quem não tem alegria, não vive.

U: E quem me ensinou isso, foi o senhor, quando eu era criança.

N: Eu ensinei isso a muita gente. Sabiass que a alegria é o lubrificante da saúde?

U: Sabia.

N: A pessoa alegre adoece muito raramente, entendes. Porque ela não pensa em doença, a cabeça é que transmite a doença. Claro, fica doente também, não tem dúvida, mas é mais difícil. "A vida com alegria é outra coisa" então, dava prêmios em dinheiro, eu levava três litros de leite Frigor, levava Café Mooka, do Stein, Massas Alimentícias Stein, e fazia aquela festa na casa do pessoal. Todo o mundo participava.

U: Era gravado no dia?

N: Gravava de manhã e passava a uma hora da tarde. Era um programa gostoso,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que eu gostava de fazer.

U: Vinham os vizinhos?

N: Todo mundo participava.

U: E o que é que o Sr. dizia para as pessoas?

N: Ah! Tudo!

U: Que tipo de brincadeira?

N: Assim, umas brincadeiras. Porque eu tenho uma maneira, acho que uma maneira que consegui aperfeiçoar: conversar, dizer tudo o que quero dizer, e não ofender. Então perguntava para a dona da casa:

- Dona Maria, onde é que a senhora nasceu?

- Ah! Eu nasci lá na Fortaleza.

- E com que idade a senhora começou a namorar?

- Comecei a namorar com 16 anos.

- Quem deu o primeiro beijo na senhora? Quantos anos a senhora está casada, Dona Maria?

- Ah! Eu estou casada, agora, há quinze anos.

- E quantos filhos tem, a senhora?

- Um, dois, três, quatro, cinco filhos. Tenho cinco filhos.

- E que idade tem o mais novo?

- Ah!, o mais novo tem dois anos.

- E o mais velho?

- Tem 16.

- Como? Se a senhora é casada há 15 anos... como é que tem 16 anos? Vai ver que a senhora andou procurando ninho de corujinha antes de casar, heim?

Era aquela brincadeira. Mas eu dizia de tal maneira, que não ofendia. Consegui aprimorar uma maneira de falar com o povo que não ofendesse. Nunca ofendi ninguém, graças a Deus. Nunca causei mal a ninguém através do rádio. E,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

assim era o programa "A vida com alegria é outra coisa." Mas depois, Urda, acontecia lá no antigo Cine Busch[6] , às segundas-feiras, o "Big-Show C-4", à noite. Iam 1.000 pessoas, todas as segundas feiras. Lá, eu fui eleito o Rei do Rádio de Blumenau. O único, até agora. Isso foi por volta de 1963, por aí. Eles quiseram fazer uma brincadeira comigo, e eu topei a brincadeira. Mas quem estava em casa, não sabia que era brincadeira. Pensaram que era verdade. Então, o Nelson Rosembrock tornou-se o Rei do Rádio. Sabes que hoje ainda, há pessoas da época, que quando passam por mim, dizem: "Oh! Rei do Rádio!" É verdade! O Valdir Demarchi, não sei se tu conheces, trabalha na Sandoz, ele foi locutor da Rádio Clube, ele passa por mim e sempre diz: "Bom dia, Rei! Boa tarde, Rei!" Sabe, então tornei-me o Rei do Rádio de Blumenau[7] , numa brincadeira. Depois, tive "O encontro com o turista". Era um programa, acredito, sui-generis, porque ninguém até hoje, focalizou esse lado do rádio. Eu ia todos os dias, de segunda a sexta feira, no Hotel Rex, e entrevistava um turista. Um ou dois. Eles pediam as músicas que queriam, tinha uma hora de duração. Era apresentado das duas às três horas da tarde. Um programa ouvidíssimo. Esse programa esteve no ar uns vinte anos, e nesses vinte anos, só um teceu uma crítica. Eu perguntava: "O que é que você acha de Blumenau?" Todos diziam: "Ah! Uma maravilha." Porque a pessoa que visita uma cidade, ela não tem coragem de dizer dos defeitos da cidade. Ela também não quer magoar a população. Mas apareceu um gaúcho, que disse: "Está tudo bem, Blumenau é muito bonita, mas eu não concordo com essa criação de marrecos aqui do lado do hotel Rex." *(risadas)* Foi a única crítica que eu ouvi.

U: E de quem eram os marrecos?

N: Eram do Sr. Frank, do hotel. O Sr. Frank era o dono, o diretor do hotel.

U: E ficava onde?

N: Do lado, hoje foi construído na rua Sete. Ali havia uma criação de marrecos. Foi um programa muito bom. Depois apareceu o "Picape da Frigideira".

U: Posso voltar atrás um pouquinho?

N: Pois não.

U: O senhor chegou a entrevistar a Raquel de Queirós?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

N: Raquel de Queirós, Raquel de Queirós? Parece que sim. Eu entrevistei muitos artistas, muitos artistas, mas não me lembro, entende, Urda? É difícil guardar, em cinqüenta anos, meio século de trabalho, tudo o que se fez. A gente guarda, assim, as coisas que marcaram mais. Então, veio o famoso "Picape da Frigideira". O título não é meu. O título foi dado pelo meu colega, então, Altair Carlos Pimpão. Ele é um homem de idéias. Sempre foi um homem de idéias. Então perguntei para ele: "Oh! Altair, como é que vou dar o nome para esse programa, que dá receitas, toca música..." Então ele disse: "Picape da frigideira. E pega uma frigideira, e bate." E eu fiz. Sabe, Urda, que eu chegava a receber , por mês, 3.000 cartas? Fui obrigado a empregar uma menina, uma moça, para abrir as cartas que chegavam, todos os dias, para ver qual eu podia atender, qual não. Porque era uma média de mais de cem cartas por dia. Era um volume enorme de cartas. E foi um sucesso. Se eu voltar a apresentar o Picape da Frigideira, hoje, ele explode na audiência. Eu sei, porque eu fiz durante algum tempo, só aos sábados, aqui na Rádio Nereu Ramos, e alcançou uma estrondosa audiência. Ele penetrou como antigamente. Mas depois, sabe como é rádio. Rádio, às vezes, precisa do horário para outra coisa, têm interesses, é claro, tem de defender o interesse do dono da rádio. Ele precisava mais, e então eu cedi o horário.

U: *Para os futuros historiadores saberem como era, conte um pouquinho do Picape da Frigideira.*

N: O Picape da Frigideira era assim: Eu tinha uma frigideira e batia nela: bembembembembembem e aí dizia: "Alô, Blumenau! Alô, Vale do Itajaí! Alô, Santa Catarina! Nelson Rosembrock abrindo, pela Rádio Clube, mais uma audição do campeoníssimo Super-Picape da Frigideira!" Aí eu apresentava horóscopo, os nascimentos, música que me pediam, mas sempre focalizando a música regional. Eu ia aos bailes, e via os salões cheios com essa música. Então, trazia essa música para o Picape da Frigideira, que teve sucesso absoluto. Tanto, que foi patrocinado durante quinze anos pelo Prosdócimo. Exclusivo. Depois, pelas Pilhas Everedy, durante três anos. Então, democratizei a comercialização do Picape da Frigideira, que acredito que foi um dos meus grandes sucessos no rádio. Eu não sou modesto, não, digo a verdade. Foi um sucesso, não é mesmo? Um sucesso! Mas nós temos muitas outras coisas para conversar.

Nas segundas-feiras, eu tinha das vinte às vinte e duas horas, o "Clube dos Clássicos". Um programa em que eu apresentava música clássica, música

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

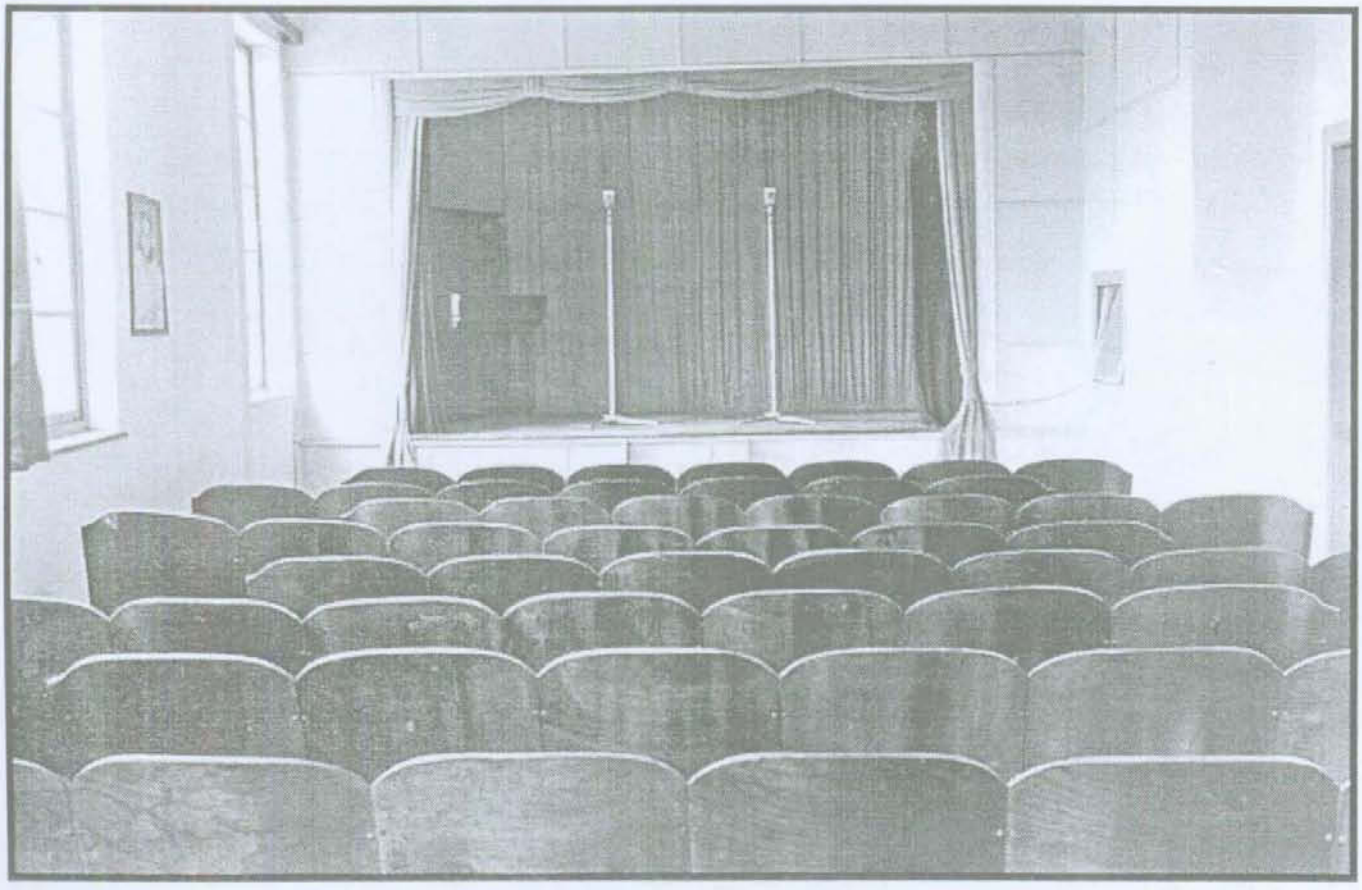
erudita. Mas aí eu tinha um aparelho, que o seu Flávio Rosa me conseguiu, que eu injetava na linha telefônica, e era um toca-discos também, e então apresentava os discos de música clássica do proprietário da casa que visitava. Eu visitei, o falecido Ingo Hering, entrevistei as pessoas mais importantes da cidade, e apresentava as músicas clássicas que eles tinham em casa.

U: *Eles escolhiam?*

N: Eles escolhiam. E o interessante é que um programa de música erudita, clássica, teve um sucesso enorme. Eu fiquei admirado que a música clássica – naquele tempo não tinha televisão – era muito ouvida. Tem mais ainda. Todas as tardes, eu apresentava, pela Rádio Clube, o Disco-Fone C-4,que atendia músicas por telefone. Das três às cinco. A Rádio Clube tinha um auditório, para mais ou menos cem pessoas. Todas as tardes esse auditório estava lotado de meninas e senhoras que iam lá ver eu apresentar o programa.

U: *Eu estive nesse auditório.*

N: Escutando Dalmo Soarêz cantar!



Auditório da PRC-4 Rádio Clube de Blumenau
Edifício "A Capital", rua XV de Novembro.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

U: Isso!

N: Dalmo Soarêz era cantor.

U: Só para a gente situar geograficamente: o auditório era na antiga Rádio Clube, em cima de "A Capital".

N: No antigo prédio de "A Capital".

U: Que hoje é esquina da rua XV com a Nereu Ramos.

N: Exatamente. Lá em cima, no último andar.

U: E ali embaixo havia a feira livre, um posto de gasolina ...

N: Havia! Ali onde é hoje a Caixa Econômica. Ali havia um posto de gasolina da Casa do Americano. E a Praça Dr. Blumenau, na frente, era diferente.

U: E a estátua do Dr. Blumenau?

Prédio de "A Capital" na rua XV de Novembro

N: Também estava lá na frente. Até aconteceu um fato interessante: Um dia de manhã, apareceu a estátua do Dr. Blumenau cheia de pães nos braços, e com uma caixa na cabeça. Foi-se descobrir, e foram quatro radialistas que tomaram

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

um pifão, e pegaram o pão e a caixa e botaram em cima da cabeça do Dr. Blumenau. Foram presos, obviamente, mas depois o diretor da emissora foi e soltou-os. Eram fatos que aconteciam. Mas nós não estamos aqui para contar isso, contar o que os outros fizeram.

U: Mas faz parte.

N: Faz parte. Então, no Picape da Frigideira, eu fiz uma promoção, Urda, que mexeu com a cidade. Era a eleição da Rainha dos Operários de Blumenau. Eu levava todos os anos 10.000 pessoas ao Pavilhão A da PROEB, para assistirem à eleição da Rainha dos Operários de Blumenau. Era uma promoção magnífica! Tão forte, que os Diários Associados tinham o "Miss Santa Catarina", vieram para se associar à Rainha dos Operários, e nos dar parte igual na Miss Santa Catarina, tão forte era a promoção Rainha dos Operários. Nós elegemos várias, a festa era muito linda!

U: Blumenau, nessa época, tinha uns 70.000 habitantes?

N: 80, por aí!

U: 10.000 era muita gente!

N: Muita gente, sim! Então, o Rainha dos Operários me levou mais longe. De coordenador e criador da promoção da Rainha dos Operários de Blumenau, passei a coordenador do Concurso Miss Santa Catarina. Quando da eleição da Vera Fischer, miss Brasil, fui, o coordenador do Concurso em Blumenau, junto com a Brigitte[8], e com dois colegas dos Diários Associados. Eleita a Vera Fischer, no ano seguinte já não participei mais. Fui reprisar o Rainha dos Operários, e já não funcionou mais. Blumenau estava se modificando, ? Blumenau se modificou. E, nós tivemos, então, a época das grandes apresentações de artistas, em Blumenau, de astros, de cantores. O primeiro que veio foi Wanderley Cardoso, bem no início, um jovem cantor. Ele veio, e levou até o pavilhão da PROEB, naquela época, 5.000 pessoas. Ele se apresentou, foi sucesso absoluto. Depois veio Agnaldo Timóteo. Levou 10.000 pessoas! Duas vezes! Veio Nalva Aguiar, Amado Batista. Eu sei que as promoções começaram a frutificar. Tanto que me tornei baileiro. Eu promovia bailes. Tinha o Salão Volles – aluguei o Salão Volles, e todo o Sábado tinha um bailinho. Lá. Fiz minha casa com o fruto do ganho dos bailes. Porque nunca discuti com os meus chefes de rádio quanto eu devia ganhar. Nunca!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nunca pedi aumento de ordenado. Nunca! Eu sempre achava que quem trabalha ganha aquilo que merece. Então, vamos fazer força. Sempre fui tranqüilo, nunca pedi aumento. Sempre fui levando a coisa, e deu certo. Tive sucesso. A Rádio Clube foi vendida para o Grupo Perdigão. Saí da Rádio Clube, e vim dirigir a Rádio Difusora, que pertencia ao Dr. Ingo Zadrozny. Eu dirigi a Rádio Difusora durante três anos. Levantei-a, dei nome outra vez para ela, e me aposentei.

U: *Isso foi em que ano?*

N: Nem me lembro mais! Eu sei que me aposentei, aí, quando fui lá no INSS, o Vitomir, na época era o agente. Ele me chamou e disse: "Tu não queres ganhar o dinheiro da aposentadoria? Tá aqui, já!" Peguei o carnê, olhei e disse: "Barbaridade! Eu vou ganhar o dobro do que estou ganhando atualmente por mês!" Eu ganhava 300.000 cruzeiros por mês, que era um ordenadão, e ia ganhar 700 e pouco na aposentadoria! Eu disse: "Ah!, eu não trabalho mais! Não tem perigo!" Levei a Carteira Profissional e disse: "Bota a baixa aí". Caí fora! Fui para casa. Cheguei em casa, e a Brigitte disse para mim: "Olha, tu vais te arrepender! Tu estás acostumado a trabalhar junto ao povo! Tu vais sentir falta!" Eu disse: "Que nada!" E, dito e feito, Urda, não passou um ano, e comecei a me sentir só. Eu comecei a me sentir abandonado. Abandonado, porque fiquei em casa. Não devia ter feito isso. Aí comecei a caminhar, comecei a procurar serviço. Fui na Rádio Clube, pedir serviço. Disseram para mim assim: "Tá muito velho!" Eu pensei: "Então não dá!" Fui na Rádio Blumenau, a mesma coisa. Me disseram: "É muito velho." Aí eu pensei: "O que é que eu vou fazer, meu Deus?" Então comecei a escutar a Rádio Nereu Ramos. Domingo de manhã, principalmente, eu percebia que a Rádio Nereu Ramos, das seis às nove tocava música. Não tinha nem locutor. Eu pensei: "Vou lá falar com o Edélcio e com o Lazinho." Mas eu com medo: "O que vão dizer para mim?" Mas pensei: "Só pode ser sim ou não". Então, telefonei pro Borba, ele trabalhava aqui, e disse para conversar com o Edélcio, para saber da opinião dele. Se eu soubesse da opinião dele, eu poderia vir mais facilmente. Aí o Borba me ligou e disse: "Olha, podes vir amanhã, às dez horas, que ele te espera de braços abertos."

U: *Só fazendo uma interferência, o Edélcio é filho do seu Lazinho, que criou a Rádio Nereu Ramos.*

N: Sim, o seu Lazinho é o criador.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

U: *Edélcio José Vieira.*

N: É, e o Edélcio é o filho dele, e um dos diretores da emissora, também. Aí cheguei no outro dia, na portaria, falei com a mocinha e disse: "Escuta, eu queria falar com o seu Edélcio. Diga para ele que é Nelson Rosembrock." Ela telefonou para o gabinete dele, e ela desligou o telefone. "Ele disse alguma coisa?" – perguntei. "Não, ele não disse nada". Eu cismei: "Pronto, já deu azar! Deu azar, senão ele poderia ter dito: Não, manda ele entrar! ou, Espera um pouquinho"! Quando eu, já decepcionado, ia virando para ir embora, o Edélcio veio. "Oh! Nelson!" Ele me recebeu de braços abertos. Urda, a alegria que vivi naquele momento, na Rádio Nereu Ramos, foi uma alegria do rejuvenescimento! Eu rejuvenesci! Fiquei um menino! Eu fiquei um menino que queria cantar, que queria falar, que queria comunicar, que queria ir para o rádio. Ele disse: "Oh! Nelson! Que bom que tu vieste!" Abraçou-me, levou-me para o gabinete dele, nisto veio o Lazinho: "O que é que tu queres?" Falei do meu projeto dos domingos. Naquele tempo estava aqui, também, o Edemar Anusek, a Nereu tem uma equipe boa, sempre teve. Então, o Edélcio disse: Então está ótimo! Tu podes começar já no Domingo!" Eu disse: "Não diz bobagem! Hoje é quinta-feira, como é que vou vender o programa até domingo?" "Não, não pensa em vender! Vamos fazer primeiro o programa, Domingo, vamos lá atrás gravar uma chamada, e Domingo tu já fazes o programa!" E de fato, no primeiro Domingo eu já fiz o programa, das seis às nove horas. O primeiro anunciante foi a Joalheria e Ótica Schwabe. O Osvaldo me telefonou de casa, dizendo: "Oh! Nelson, Voltaste! Olha, passa amanhã aqui para pegar um anúncio!" Eu vendi o programa em dois meios-dias. Vinte anunciantes, que até hoje estão comigo. Estou no ar, na Rádio Nereu Ramos, há cinco anos, e os anunciantes são os mesmos. Ninguém sai. Um fato que, acredito, até inédito no rádio, sabes? E eu contente da vida, tu sabes quantos telefonemas vieram, me cumprimentando pelo retorno ao rádio? Em casa e aqui na Rádio, vieram mais de 100 telefonemas, de pessoas cumprimentando o retorno do Nelson Rosembrock ao rádio, à alegria! Eles diziam: "Os domingos não tem mais graça, não tem mais Nelson Rosembrock!" Eu não sei se faço graça, o que é que tu dizes para mim agora?

U: *Eu acho engraçadíssimo!*

N: Achas engraçadíssimo!

U: *Acho!*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

N: É porque eu digo o que os outros não dizem, que não tem coragem de dizer. Eu sei disso. Um articulista do Jornal de Santa Catarina, me chama de "O Inconseqüente". "O Inconseqüente" quer dizer: o que diz as coisas e não mede as conseqüências. Mas não tem conseqüências, é o Inconseqüente porque fala o que os outros não falam.

U: *Aquelas brincadeiras da cegonha! Se o senhor até pudesse contar, uma ou duas brincadeiras daquelas, para ficar registrado...*

N: É muito importante. Eu ensino às enfermeiras como conquistar o marido. Às moças que participam do programa, eu pergunto assim:

- Oh! Matilde, você já tem gato definitivo?

Se ela já é casada, ela diz que sim.

- E a que horas tu sais de plantão?

- Ai, eu saio às sete!

- Vais à missa, hoje, na catedral?

Eu sei tudo dela! Aos poucos eu vou colhendo.

- Não, hoje eu vou para casa!

- Mas vais almoçar na casa da tua mãe!

- Vou, vou almoçar na casa da mamãe!

- E quando tu chegas em casa, o teu marido está dormindo?

- Geralmente está dormindo!

- Então chega devagarzinho, abre a porta devagarzinho, para não acordá-lo, e vai lá perto do ouvido dele, e diz assim para ele: "Miau!" Tu vais ver a felicidade que tu vais viver, durante o dia todo!

E tu sabes que é verdade, Urda? Ela me disse que o marido se porta totalmente diferente, com mais amor, com mais carinho, e, enfim, é uma felicidade a gente poder se comunicar com as outras pessoas que estão em casa!

U: *Conta a historinha da Cegonha que mora no Morro do Aipim...*

N: Ah! Sim! O ninho da Cegonha é lá no Morro do Aipim! Tanto é verdade que o maior número de nascimentos é na maternidade do Hospital Santo Antônio!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sim, fica mais perto! A cegonha não é boba! Diz ela: "Aí eu só preciso voar um pedacinho!" (*risadas*) E assim vai. A vida do rádio, eu digo para ti, se não existisse o rádio, o que é que eu iria fazer? Urda, diz para mim, o que é que eu iria fazer?

U: *Ia inventar o rádio!*

N: Inventar o rádio! Exatamente! O Nelson Rosembrock iria inventar o rádio! Ah! Eu tenho que contar uma coisa! Isso é muito importante! Nós íamos esquecendo! Em 1970...

U: *Copa do Mundo!*

N: Não, era a preparação da Seleção Brasileira. A Rádio Clube deu cobertura aos jogos de preparação da Seleção Brasileira. Em Porto Alegre, contra a Argentina, que perdeu de 2 x 1, depois, em São Paulo, no Morumbi, no Maracanã, no Mineirão. O Sestrem junto, e o Tesoura também.[9] E a Brigite ia em todas. Mas nós íamos transmitir no Rio de Janeiro, Brasil x Paraguai. Era num domingo à tarde. Saíamos no meu carro, às quatro horas da manhã, do Posto de Gasolina que havia ali na frente da Rádio Clube, onde está o edifício da Caixa Econômica, na rua XV. O carro era uma M-Sul, oito cilindros, que voava, e nós íamos para o Rio. Saímos às quatro horas. Por volta de mais ou menos onze horas, nós estávamos no Vale da Ribeira, em São Paulo, no Estado de São Paulo. Onze horas da manhã. Nisso, nós fomos parados pelo exército. Um cordão de soldados com metralhadoras. Era plena ditadura. Eles estavam atrás do Marighela que, dizem, estava escondido naquelas matas do Vale da Ribeira, ali existia qualquer coisa de esquerdistas. O tenente chegou, as metralhadoras estavam apontadas e ele falou para mim:

- Os documentos.

Mostrei os documentos. O Sestrem estava dormindo, atrás, no carro. Vinha um bafo de tigre para frente, que era uma coisa. Ele não acordou. A Brigitte sentada aqui, o Tesoura Júnior ali. O Tesoura estava de óculos escuros e boné. Eu mostrei os documentos e ele disse:

- Tá, tá bom!

O tenente foi para o outro lado, chegou pro Tesoura e disse:

- O senhor tire o boné!

Sabe como é ordem militar. O militar é seco.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- Tire os óculos! - o Tesoura já tremia - Os documentos!

Olhou:

- Está, tudo certo, está tudo bem.

Com a Brigitte também estava tudo bem. E eu disse:

- Esse aí atrás é o meu filho. Eu me responsabilizo por ele, está dormindo.

- Mas eu quero ver o porta-malas.

Mas no porta-malas estavam os aparelhos de transmitir, fiquei com medo por causa disso. Eu abri o porta-malas, e quando esse oficial viu aqueles aparelhos, foi direto. Oh! Ele parece que ia cantar vitória. Eu disse:

- Não, isso aí são amplificadores, são três amplificadores transistorizados, que nós colocamos na linha telefônica para transmitir o jogo.

- Então me mostra como é que é!

Eu botei o fone e disse:

- A gente liga essa chavezinha aqui - abri, mostrei para ele, era simplezinho - Ele não transmite nada, só transmite se botar na linha telefônica.

- Tá bom. Eu quero ver os ingressos do Maracanã.

- Não, nós só vamos receber lá, do nosso representante, o M. Galvão, ele já tem lá providenciado para nós, amanhã.

- Tá bom. Podem ir.

Fomos embora. Na volta, a mesma coisa. Mas passamos, fomos embora. O medo que dá, menina! Depois, o Marighela fugiu dali, foi morto lá na Bahia, infelizmente. Mas isso aconteceu. Mas são coisas da vida! E se não existisse o rádio, o Nelson Rosembrock iria inventar o rádio, Urda! Tenha a certeza absoluta! Esta é a minha história. Ah! Eu quero contar mais uma! No rádio, eu encontrei o grande amor da minha vida, sabias? É, a Brigitte. Ela desquitada, eu desquitado, mas ela de uma importante família, eu, um pobre radialista, mas querendo vencer, e nos apaixonamos, contra a vontade dos pais dela. Tanto, que mandaram-na para a Argentina, para ver se o cara aqui esquecia – pelo contrário, uniu mais. Ficou três meses na Argentina. Quando voltou, voltou para nossa casa. Até hoje. Trinta e sete anos. Nós vivemos juntos quinze anos. Veio a lei do divórcio. E com a lei do divórcio, nós nos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

divorciamos, pois já estávamos desquitados, era automático. E fomos, em Blumenau, o primeiro casal de divorciados a contrair núpcias, na Igreja Evangélica Centro. Foi casamento no civil e religioso. Faz hoje bastante tempo que já somos casados. Nós temos um filho só, o Marcelo. Ela não tinha filhos; mas eu, quando ela veio para mim, já tinha quatro crianças que a Brigitte criou como se fossem dela. Mais ainda, com muito mais amor, porque nunca houve diferença entre o Marcelo, que era o nosso filho, com a Albani, Maria José, Ema e Reinoldo, que eram os meus filhos. Nunca houve nada, sempre foi tudo igual, tudo distribuído igual, até o amor foi dado igual. Tanto que hoje, quem domina a nossa família são os meus netos, que não são os netos da Brigitte, oficialmente. Mas ela os adora! Temos um na Austrália, o Alexandre Nelson Mazotti que tem 27 anos. Deve vir no final do mês que vem, em junho, deve vir e ficar. Temos o Pablo Mazotti, que hoje já é piloto-instrutor de avião. Temos o Guilherme, que agora está lá em casa. São os filhos da Albani, da nossa mais velha. Depois temos o Victor, que é o filho da Maria José, mas mora com a mãe, e tenho as filhas do Reinoldo e da Dalila, o casal de surdos-mudos, porque meu filho é surdo-mudo, a Daiane e a Danusa. E tenho um bisneto: Felipe, filho da Daiane. E tenho mais dois netos, filhos da Ema e do Marcos. Gente bonita igual ao avô, sabes? Porque o avô é o homem mais bonito de Blumenau.[10] Está, Urda? Era isso, mais ou menos.

U: E os seus irmãos?

N: Ah! Os meus irmãos eu vou contar para ti. A Ruth e a Hildegard, moram em Brusque. O Osni Rosembrock, o professor Osni, como é conhecido. E o Celso Rosembrock, que trabalha na Rádio Difusora de Laguna.

U: Também ligado à comunicação.

N: É, comunicação. Há o José Reinoldo Rosembrock, que é um dos grandes repórteres do rádio, do jornal e da televisão de Santa Catarina. E depois, a Ema Maria Rosembrock. Esses são os meus irmãos. Bacana, não é?

U: Bacana!

N: Bacana! Mas, volto a repetir: se não existisse o rádio, eu iria criar o rádio. Muito obrigado, querida!

U: Eu que agradeço.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

[1] Trata-se do Sr. Evelásio Vieira, ex-prefeito de Blumenau e ex-senador da República, proprietário da Rádio Nereu Ramos.

[2] Gilvan é o técnico de som da Rádio Nereu Ramos de Blumenau, onde estava sendo gravada a entrevista.

[3] Clube Náutico América: Clube social e de regatas, não mais existente, situado no começo da Rua XV de Novembro, ao lado da Praça Hercílio Luz, onde hoje há um prédio que teve a construção embargada há muitos anos.

[4] Esse trabalho de rádio é comumentemente feito nas enchentes, em Blumenau. A população usa o rádio como meio de comunicação, para mandar recados, para pedir ajuda, etc. (Nota da entrevistadora)

[5] Cia. Jensen: empresa situada no Bairro Itoupava Central, que produzia leite, laticínios, frios, etc. Era dona da famosa marca Frigor, conhecida em grande parte do país, e pertencia à família Jensen. Hoje, não existe mais. (Nota da entrevistadora)

[6] Cine Busch: Cinema que não existe mais, situado no começo da Alameda Rio Branco, próximo ao Grande Hotel Blumenau. (Nota da entrevistadora).

[7] Na época, os concursos de Rei e Rainha do Rádio, eram muito populares no Brasil. O mais famoso eram os do Rio de Janeiro, onde havia verdadeiras batalhas de votos entre as cantoras/apresentadoras Marlene e Emilinha, acompanhadas por todo o Brasil. (Nota da entrevistadora).

[8] Dona Brigitte: esposa do entrevistado.

[9] Sestrem: radialista muito conhecido na cidade.

Tesoura: Tesoura Júnior, radialista esportivo, também muito conhecido na cidade.

[10] O entrevistado costuma usar a expressão "O homem mais bonito de Blumenau" nos seus programas de rádio. Trata-se de uma brincadeira. (Notas da entrevistadora)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

As Escolas Paroquiais: meta para a Igreja afirmar sua presença na sociedade

TEXTO:
CLARICIA OTTO *

A legislação e a ação da Igreja[1] católica no Brasil, durante os períodos colonial (1500 – 1882) e imperial (1882 – 1889), foi controlada pelo Padroado[2] e assim, por muito tempo, ela viveu sob o ponto de vista político, um processo de estabilidade, segurança e privilégio devido à sua dependência total do Estado.

Com a implantação do regime republicano (1889), a Igreja acabou perdendo o apoio oficial do poder civil, o qual, tornou-se constitucionalmente neutro em matéria religiosa, o que significa dizer que a República foi implantada sob o *signo liberal do laicismo*[3] e sua constituição determinou a extinção do Padroado e, dessa forma, a separou do Estado. Se por um lado a separação deixou a Igreja alarmada, por outro, possibilitou a sua expansão e a articulação em se adaptar às mudanças, principalmente por entender a laicização do Estado como um mal a interferir na fé do povo católico. Na concepção dos Bispos, o Estado laico seria o equivalente a um Estado ateu: *não queremos ser nação sem religião e sem Deus; não queremos ser governados por um governo ateu.*[4] No entanto, simultaneamente à expansão da Igreja, operou-se a ampliação das funções do Estado, algumas das quais conflitaram com as já exercidas pela Igreja.[5] Entre as questões que derivaram dessa situação está a introdução do ensino leigo nas escolas, sobre a qual centrar-se-á a atenção neste artigo. A hierarquia católica preocupou-se em sustentar o respeito da Igreja na sociedade, lançando mão do projeto educacional, especificamente através da criação das escolas paroquiais,[6] como forma de combater o ensino laico.

O ponto de partida do presente texto caracterizou-se pela investigação do discurso religioso[7] contido num vasto corpo documental,[8] produzido no período da *República Velha*. Nos pronunciamentos dos Bis-

* Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina na linha de pesquisa Relações de Poder, cultura e sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. Artur Cesar Isaia e bolsista do CNPq.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pos, aparece de forma explícita a preocupação com as escolas, preocupação esta relacionada ao seu caráter laico. Entre os documentos pesquisados destacam-se: as *Resoluções do Concílio Plenário Latino Americano*, o jornal *A Estrella*,[9] o *Boletim Eclesiástico* da Diocese de Curitiba, as *Cartas Pastorais* de Dom José de Camargo Barros, de Dom Duarte Leopoldo e Silva, de Dom Adauto Aurélio de Miranda, de Dom João Becker, de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, a carta *Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro*, a *Resenha Eclesiástica* e as *Resoluções dos Sínodos da Diocese de Florianópolis.*

Se na fase imperial a Igreja gozou de privilégios, pode-se dizer que, na republicana, experimentou uma liberdade de ação que nunca desfrutara no país e, assim, reorganizou suas jurisdições diocesanas[10] para uma abrangência mais efetiva. Entre a multiplicidade de funções e tarefas diversificadas o que teria sido o ponto central da preocupação para que a Igreja se ocupasse da educação? Para quais finalidades a hierarquia católica privilegiou tão intensamente as escolas paroquiais?

No período pós-proclamação da República, a Igreja expandiu seus domínios, bem como passou a contar com um grupo de intelectuais cujo principal objetivo era o de defender propostas que garantissem a hegemonia da religião católica e possibilitassem a continuidade de sua intervenção no campo educacional. O prelado desenvolveu uma mentalidade clericalista, pessimista e conservadora, repudiando a laicização do Estado[11]; passou a condenar o ensino leigo nas escolas, como bem o demonstra a carta pastoral de 1900:

Decretou-se que nossas escolas primárias e superiores fossem seminários de ateísmo, onde nada se ensinasse de religião, nada de Deus. Este nome adorável poderão os mestres proferir para insultar ou negar; não terão liberdade de infundir na inteligência e no coração dos alunos conhecimentos e amor do Deus Criador deles e do universo.[12]

O episcopado brasileiro argumentava contra toda a ordem de liberdade religiosa, visto ser o Brasil um país tradicionalmente católico; alertava acerca dos riscos que o novo regime trazia para o catolicismo. De fato, uma das teses proferidas pela Igreja é que, devido à falta de uma educação alicerçada na religião, proveniente da laicização do Estado, a Nação seria conduzida ao caos e à anarquia. O Bispo Dom Adauto Aurélio de Miranda, em carta pastoral, expressa-se nessa direção:

Suponhamos irmãos e filhos caríssimos, que [...] por falta de religião nas escolas primárias, o catolicismo chegasse a extinguir-se entre nós. [...] Privados então os pais, patrões e todos os governos do meio mais poderoso de conter o homem na submissão e no dever, teriam necessidade de opor a males extremos, remédios não menos extremos. Quanto menos reprimem a religião, tanto mais terão as leis civis que reprimir.[13]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A hierarquia católica, a partir dos seus discursos, procurou adquirir uma identidade própria através do imaginário social. Instalou-se como modelo formador[14] e elegeu o saber doutrinário como referencial para a organização social. As escolas paroquiais foram edificadas com o objetivo de reproduzir o saber depositado no Magistério da Igreja Católica; a escola paroquial foi utilizada como uma das estratégias da hierarquia para afirmar uma verdade institucional que, na alusão feita por Berger, transformava-se em um canal de mediação com o sagrado.[15]

Segundo Lustosa, os católicos estavam divididos em duas correntes, nelas as elites dirigentes eclesiásticas comandavam o processo das lutas em defesa dos interesses da Igreja. A primeira delas era *conservadora* e se concentrava em criar um clima de aversão e hostilidade ao regime republicano, repudiando seu estatuto político. Uma segunda corrente, porém, levada pelas promessas do novo regime, julgava-o mais apropriado aos tempos modernos. E reivindicavam uma legislação favorável à Igreja Católica.[16] A maioria dos discursos utilizados no presente artigo provém do discurso do primeiro grupo; os partidários do conservadorismo monárquico e ultramontano enfatizavam, sobretudo, o "ateísmo social", presente nos decretos constitucionais que, na sua opinião, levariam à desagregação da sociedade cristã. Desse modo, esse grupo tornara-se portador de um discurso defensor da escola católica, contrapondo-se à escola laical. Dom José de Camargo Barros, Bispo de Curitiba, em carta pastoral fez o seguinte apelo:

Nestes tempos, em que não somente não se ensina nenhuma palavra de religião nas escolas públicas, mas leva-se a intolerância ao ponto de nem permitir a presença do padre; nestes tempos em que se pretende seqüestrar a infância de todo o contato com o sacerdote e de toda a influência religiosa; nestes tempos a necessidade das escolas paroquiais se impõe como a necessidade da luz, do ar e da vida.[17]

Nela o autor continuava enfatizando que *a escola sem Deus é falsa, e, num país católico, sacrílega.* Para Dom José de Camargo, tanto a escola primária como a instrução superior são instituições da Igreja e a escola paroquial, sob a imediata **vigilância e supervisão** do pároco, é o **ideal** de Igreja. Havia um grande empenho em estabelecer escolas paroquiais como uma exigência da missão religiosa, além do ensino da própria religião. Dom José de Camargo fundamentava tal afirmativa buscando apoio no ensino de Pio IX, no *Syllabus.*[18] Em diversos boletins eclesiásticos continuava advertindo acerca da importância das escolas, destinadas à *regeneração das paróquias e salvação das almas;* enfatizava que a escola seria católica, e não leiga; pois, *para remediar os males desta, é que ela é fundada.*[19] Divulgava as notícias enviadas por diversos sacerdotes, em forma de relatório, comunicavam ao Bispo a situação e o andamento da citada obra católica: as escolas paroquiais. Nas referidas notícias,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

era constante a ênfase dada ao ensino do catecismo e da história sagrada, da freqüência à missa e dos exames para Primeira Comunhão, como parte essencial do currículo, bem como a separação entre os sexos, isto é, uma classe de meninos e outra de meninas. As demais matérias resumiam-se à aritmética, língua portuguesa, geografia, ao canto e às prendas domésticas para as meninas.

Na opinião de Dom Mariano Casanova, arcebispo de Santiago do Chile, as escolas públicas pervertem os meninos e *usando da plenitude de nossa autoridade, anatematizamos, e condenamos a ímpia, blasfema e imoral resolução de excluir da instrução pública o ensino moral e a educação religiosa.*[20] Entre as muitas exortações que fez ao clero e fiéis pode-se observar:

A vós pertence, amados cooperadores no sagrado ministério, e estamos certos que sabereis cumprir os vossos deveres além até do sacrifício, opor o ensino religioso e o exemplo das vossas virtudes ao ensino racionalista e ateu; a propaganda católica à propaganda ímpia. Admoeste os pais de família e ensinai-lhes a grave obrigação que têm de instruir cristãmente a seus filhos, de formá-los na fé e de vigiar pessoalmente para que recebam a educação religiosa na forma e no modo devidos. Adverti-lhes a responsabilidade grande de que se farão **réus** *[sem grifo no original] na presença de Deus se descuidam o cumprimento de tão sagrados e primordiais deveres.*[21]

Sabendo-se que o discurso é um instrumento de poder, seus locutores procuravam utilizá-lo não somente como um meio para serem compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados e *reconhecidos.*[22] Esse aspecto é uma constante nos diversos documentos, tal como ainda se verifica nas cartas pastorais de Dom João Becker, primeiro Bispo da Diocese de Florianópolis, de modo especial quando faz alusão à origem, à dignidade e aos deveres do Bispo. Conforme consta na primeira carta, compete ao Bispo o ofício de

governar os fiéis. [...] Em virtude deste ofício deve o Diretor Espiritual conservar unidos os fiéis por mandados e proibições, deve afastá-los dos perigos e caminhos perniciosos, cumpre-lhe excitá-los à virtude e arredá-los do mal. [...] proteger os fiéis contra qualquer ***invasão de idéias rebeldes*** *[sem grifo no original]. [...] muitas vezes tem passado a hegemonia terrestre de um povo a outro, o poder dos Bispos conservou-se imutável e inalteravelmente lhes pertence. São uma geração imortal.*[23]

O discurso do prelado revela a relação com a mentalidade ultramontana, presente numa hierarquia conservadora que, imbuída de um projeto de romanização do catolicismo brasileiro, procurou de todas as formas influir na área educacional. O apelo do episcopado deu-se também no sentido de encontrar colaboradores para o setor da educação religiosa do povo. Tal empenho foi uma reação da hierarquia católica diante do ensino leigo. Atuou com firmeza, visando a preservar sob sua tutela o setor educacional.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dentro desse contexto, e atendendo às solicitações dos Bispos, os religiosos missionários trazidos para o Brasil passaram a contribuir de forma eficaz. Com esses religiosos, a educação seguiu uma orientação marcadamente européia, com ênfase na ordem e na disciplina, em padrões conservadores.

A difusão de uma Igreja tridentina fez pensar e acreditar que fora Deus quem criou a hierarquia e, assim, atribuiu-se ao direito divino aquilo que é de direito histórico. Dessa forma, a hierarquia sempre se impôs nos processos decisórios, fazendo prevalecer a opinião dos mais altos poderes constituídos em qualquer decisão, como se essa fosse a opinião de Deus.

[...] para nós parece uma evidência palmar que é próprio da ideologia apresentar como natural aquilo que é histórico e como divino aquilo que é humano. Assim o humano passa a ganhar um valor inquestionável imposto a todos e o histórico um elemento de dominação congeladora da história.[24]

A dominação tem um aspecto ideológico que parece estar cristalizado no âmbito do sagrado de forma acentuada, especialmente nas afirmações discursivas categóricas de que, quando o Papa ou o Padre falam, não se discute, porque falam em nome de Deus.

A terra é o lugar de preparação, cujo fim e consumação é o céu. Deus, que nos deu a vida, determinou, em sua sabedoria, que só pela luta alcançaremos a coroa. Para essa luta deve ser fortificado o corpo e armada a alma; eis o fim da educação [...] podemos inferir e avaliar o errado e pernicioso do sistema de modernos educadores que vão buscar seus ideais e princípios da pedagogia pagã.[25]

Observa-se que a hierarquia católica, nesse período, entendeu que, diante da ausência de sua doutrina, e conseqüente "ignorância religiosa" do povo, era necessário empreender o projeto de redoutrinar através da educação. Não há exagero em afirmar que, por trás da preocupação do "vazio de catolicismo", expressava-se uma mentalidade autoritária que se apresentava como a única capaz de oferecer a "Salvação". Transparece, todavia, a forte preocupação do período, que consistiu em combater o "ateísmo" do Estado que colocaria em jogo a preservação da fé, bem como o combate às doutrinas heterodoxas e ao liberalismo considerado como o primeiro passo para o socialismo comunista e ateu. *Vemos nas escolas, desde as ínfimas até as superiores, erguerem-se cátedras de pestilência a escalar os seus miasmas deletérios, e enquanto nesses santuários poluídos de ciência os professores do ateísmo pervertem a incauta mocidade sedenta de saber.*[26] Os Sínodos,[27] realizados na Diocese de Florianópolis, foram eivados de discussão e resultaram em normas diretivas para as escolas paroquiais.

Dom João Becker, como *Mestre* e *Santificador*, pediu que se empregassem os meios de salvação oferecidos e, como diretor espiritual, esperava *obediência e docilidade.*[28] Entre os meios de salvação oferecidos encontravam-se as escolas paro-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quiais, conforme se pode conferir em sua segunda carta pastoral.

Achamos insuficiente o número de escolas católicas [...] e sendo leigo o ensino oficial [...] compete a nós, Bispos e Sacerdotes, promover e patrocinar a educação religiosa da infância e da mocidade [...] Como, porém, não se pode separar o ensino religioso da instrução, impõe-se a necessidade imperiosa do estabelecimento e manutenção de escolas paroquiais.[29]

Ao expor a finalidade da educação, o Bispo afirmava que o homem deve ser educado não somente para o mundo, mas também para Deus e para a eternidade, e nisso consiste a importância dessa missão.[30] Nessa carta, por diversas vezes ele acabou associando a pedagogia moderna à pagã, e ressaltava a necessidade de se estar atento aos livros que possam trazer perigo à fé e aos bons costumes ou sejam contrários à doutrina da Igreja. Exortou os pais, realizando uma espécie de ameaça: *educai vossos filhos para a vida e eternidade, para que não tenhais de lamentar sua desgraça presente e futura.*[31] Além do texto supracitado, contido na segunda carta, a ênfase recaía sobre a vigilância e fiscalização necessárias, que deveriam ser exercidas pelo pároco, conforme *mandamento*:

Todos os Reverendíssimos Párocos e mais Sacerdotes empregados na cura das almas estabeleçam e mantenham escolas primárias paroquiais, tanto na sede das freguesias e curatos, como junto às capelas provisionadas. Todas devem chamar-se paroquiais sem outra adjetivação e sejam dirigidas exclusivamente pelos respectivos Párocos, e pessoas designadas pela Autoridade Diocesana, ficando terminantemente proibida qualquer ingerência estrangeira na administração.[32]

Dom Joaquim Domingues de Oliveira não deixou de se pronunciar acerca dos problemas da instrução. Para ele, entre as associações disciplinadas, a Igreja é a melhor escola de respeito e disciplina e que *não há, na Diocese, poder algum que se sobreponha à autoridade do próprio Bispo.*[33] O perigo maior de não haver escola católica relaciona-se à perda da fé; Dom Joaquim descreveu a atitude da Igreja perante as escolas em geral:

Condena as más. [...] Por escolas más se entendem, principalmente as em que há perigo próximo contra a fé e bons costumes. [...] nas circunstâncias atuais em que se acha a Igreja diante do ensino leigo, é de necessidade inadiável que em todas as paróquias haja escolas primárias católicas a que se chamam paroquiais. Exorta e ordena, por via de regra, a afastar os filhos de pais católicos das escolas em que se exclua a autoridade da igreja e todo influxo salutar da religião.[34]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dom Joaquim Domingues de Oliveira
Fonte: Arquivo da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas - Joinville-SC

Em 1920, o Episcopado da Província Eclesiástica de Porto Alegre, em sua primeira conferência, destacou o ensino diocesano como um dos assuntos que exigiam maior uniformidade de pensamento para comuns deliberações. Nas resoluções elaboradas por essa conferência destaca-se a seguinte determinação: todos os *prédios das escolas católicas, juntamente com os respectivos terrenos, hão de ser propriedade paroquial, devendo, para lhes garantir os efeitos civis, ser passada escritura em nome da Mitra das respectivas Dioceses.*[35] Outro destaque da conferência é o alerta feito aos pais que decidem educar ou instruir seus filhos em religião acatólica; eles, segundo resolução do episcopado, estariam sujeitos à pena de excomunhão.[36]

A *Pastoral Coletiva* é incisiva ao ter registrado que o papel da Igreja católica

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Frei Polycarpo Schuhen - fundador da *Companhia das Catequistas*, hoje, Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Foto de 1925.
Fonte: Arquivo Histórico da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas - Joinville-SC

é ser guarda e defensora da integridade da fé, e encarregada por Jesus Cristo, seu divino fundador, de ensinar a todas as nações as verdades reveladas por Deus para o bem da humanidade.[37] Essas diretivas foram aplicadas nas paróquias, cujos vigários estavam em contato com os respectivos documentos. Em correspondência ao Bispo, Frei Polycarpo Schuhen, ao mencionar a questão escolar, escreveu: *todos aqueles que trabalham diretamente para destruir uma escola paroquial pecam e pecam mortalmente.*[38]

Ressalta-se que a hierarquia não hostilizava a República por sua estrutura política ou social, mas pela organização jurídica que eliminava a posição privilegiada que a religião católica ocupara na época imperial. Reclamava somente contra o caráter laicista da primeira constituição republicana, e não contra possíveis injustiças de ordem econômica e social. Não se tratava tão somente da repulsa e do combate ao liberalismo e ao laicismo que conduziriam a república à "anarquia e ao caos", mas também do desejo que a hierarquia tinha de ocupar um espaço político dentro do aparelho estatal. A educação congregada à família foi o alvo que possibilitou maior influência da Igreja, no sentido de readquirir sua posição anterior.

Michel Foucault afirma que o poder é efeito de posicionamentos estratégicos; é uma prática social que se constitui historicamente como relação; que se efetua e se exerce, está presente em toda

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

As três primeiras catequistas *(Le Maestre)* das escolas paroquiais. No centro, Amábile Avosani, à esquerda Maria Avosani e à direita Liduina Venturi, com traje das camponesas casadas do Norte da Itália, tornado o vestida das novas professoras/ catequistas. Foto de 1915. Fonte: Arquivo Histórico da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas - Joinville-SC

a existência e se dilui nas várias estratégias. Dá-se, portanto, a circulação de uma nova forma de poder no campo religioso, ou seja, *o que está em questão é o que 'rege' os enunciados e a forma como estes se 'regem' entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis.*[39]

A hierarquia para ser acreditada, respeitada e reconhecida utilizou-se do discurso educacional. A retórica desses discursos contribuiu para retomar o espaço perdido e conquistar um lugar de projeção na sociedade brasileira. Dessa forma, o episcopado brasileiro firmou-se portador do Poder, pois *desprezar a divina autoridade da Igreja é desconhecer a origem divina dos seus poderes sobre os homens.*[40]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

1 O termo *Igreja* pode ser foco de variadas interpretações. Neste artigo, refere-se à *Igreja – instituição.*

2 Os direitos do Padroado foram transferidos da Coroa Portuguesa à Coroa imperial desde 1827. Competia ao Imperador indicar para os principais cargos eclesiásticos do Brasil os sacerdotes que, uma vez confirmados pelo Pontífice, recebiam seus salários do Estado.

3 LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A igreja católica no Brasil república.* São Paulo: Paulinas, 1991, p. 10.

4 Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fiéis das Duas Províncias Eclesiásticas do Brasil. Rio de Janeiro: Tip. Leuzinger, 1900, p.22.

5 O registro e casamento civil e a secularização dos cemitérios, também foram alvo de conflito entre as duas instituições, a ponto dos Bispos defenderem a tese de que a República havia-se transformado num regime despojado de valor ético e ilegítimo. Pode-se aprofundar esta questão verificando os ataques e combates no jornal *O Clarão* (1911-1916) na Biblioteca Pública de Florianópolis.

6 HEERDT, Moacir. *As escolas paroquiais (1890 – 1930).* Florianópolis: 1992. p. 02. Dissertação de Mestrado em História na UFSC.

7 *O discurso é o espaço em que o poder e o saber se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, e a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber (o saber institucional), é gerador de poder.* Ver em BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso.* 4. ed. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1995, p. 31.

8 Os documentos originais escritos em português, e neste artigo transcritos, são, em sua maioria, escritos em português do século XIX. Para o melhor entendimento do conteúdo tratado nos referidos documentos, o português foi atualizado de acordo com as normas gramaticais vigentes nos dias de hoje.

9 O jornal *A Estrella* foi um órgão católico da Diocese de Curitiba, fundado em 1897. O jornal de 05 de abril de 1903, em seu edital, traz a seguinte afirmação: *tem procurado dar aos seus leitores uma doutrina pura, doce e isenta de erros e de incentivos a paixões desordenadas.*

10 A criação de dioceses, e conseqüente aumento de paróquias, a seleção do clero, a criação de associações que obedecessem às suas preponderâncias.

11 Destaca-se que a Igreja embora tenha denunciado a falta de legitimidade ética do regime republicano, devido o seu caráter laico, sempre apregoou a necessidade da obediência aos detentores do poder, oferecendo aos líderes republicanos a sua colaboração para a manutenção da "ordem social". A década de 30 é o período que marca os últimos tempos de existência das escolas paroquiais, bem como deu-se a reaproximação definitiva entre Estado e Igreja, iniciada sobretudo na década de 20.

12 Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fiéis das Duas Províncias Eclesiásticas do Brasil, Rio de Janeiro: Tip. Leuzinger, 1900.

13 Carta Pastoral de D. Adauto Aurélio de Miranda, Bispo da Paraíba, publicando a encíclica *Acerbo Nimis* sobre o Ensino da Doutrina Cristã, Paraíba: 1905, p.19.

14 BACZKO Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi,* Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 309.

15 BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.* São Paulo: Paulinas, 1985, p. 124.

16 LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Op. cit., p. 23-26.

17 BOLETIM ECLESIÁSTICO da Diocese de Curitiba. Ano I, n.03, 02 de março de 1900, p.25-32.

18 Catálago de 80 proposições condenadas pelo Papa Pio IX em 1864. Acompanhava a encíclica *Quanta Cura* que é a plataforma oficial do antiliberalismo eclesiástico.

19 BOLETIM ECLESIÁSTICO da Diocese de Curitiba: Ano II, n. 04, julho e agosto de 1901, p. 52-55.

20 Jornal *A Estrella,* Curitiba: Ano VI, 19 de abril de 1903, p.04.

21 Jornal *A Estrella* , Curitiba: Ano VI, n. 03, 26 de abril de 1903.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

22 BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas.* São Paulo: Edusp, 1996, p. 91.

23 Primeira Carta Pastoral de Dom João Becker ao clero e ao povo de sua Diocese. Porto Alegre: Tip. do Centro, 1908, p.08-22.

24 BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder.* 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1982, p.120-121.

25 Segunda carta pastoral de Dom João Becker. Sobre as Escolas Paroquiais. Florianópolis: Tip. Brasil, 1909, p. 07.

26 O Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fiéis da Igreja do Brasil, São Paulo: Tip. Salesiana, 1890, p.65.

27 A finalidade do Sínodo era a correção dos abusos que desvirtuavam as leis da Igreja e a adoção de medidas a incrementar a vida religiosa.

28 Primeira carta pastoral de Dom João Becker. Op. cit., p. 08-22. Interessante observar que essa mesma obediência e docilidade o clero de Rodeio - SC, esperava dos imigrantes italianos.

29 Segunda Carta Pastoral de Dom João Becker. Op. cit., p.05.

30 Idem, p.05.

31 Ibidem, p.14.

32 Ibidem, p. 25 e 26. Este texto foi sintetizado, pois o *Mandamento* contém vários artigos.

33 Carta pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Florianópolis: 1923, p.16.

34 Resenha Eclesiástica. Florianópolis: Ano VI, n. 01, outubro de 1916, p.16.

35 Resenha Eclesiástica. Ano III, n. 11, janeiro de 1914, p.11.

36 Resoluções do Episcopado da Província Eclesiástica de Porto Alegre, tomadas na sua primeira conferência. Porto Alegre: Tip. do Centro, 1920, p. 12.

37 Constituições Eclesiásticas do Brasil. Nova edição da Pastoral Coletiva de 1915. Rio Grande do Sul: Tip. La Salle, 1950, p. 298.

38 Carta de Frei Polycarpo Schuhen, para Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Rodeio, 20 de março de 1921. Frei Polycarpo nasceu na Alemanha aos 17 de outubro de 1873 e foi assassinado em Porto União, SC aos 22 de agosto de 1939. Foi pároco em Rodeio, SC, nos anos 1911 a 1917 e de 1920 a 1926 onde, em 1915, fundou a *Companhia das Catequistas.* A finalidade desta "associação" era a de se dedicar ao ensino e à catequese nas escolas paroquiais. Ver em VALANDRO, Ede Maria. *Um chamado se faz caminho.* Joinville: s/ed. 1986; *Em resposta ao clamor do povo.* Joinville: s/ed. 1990 e GASCHO, Maria de Lurdes. *Catequistas Franciscanas: uma antecipação do "aggiornamento" em Santa Catarina (1915 – 1965).* Florianópolis: 1998. Dissertação de Mestrado em História na UFSC.

39 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 04.

40 O Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fiéis do Brasil, São Paulo: Tip. Salesiana, 1890, p.74.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Meus Tempos de Colégio - III
O Ginásio (2)

TEXTO:
*ARMANDO LUIZ MEDEIROS**

Meus Tempos de Colégio - III
O Ginásio (2)

As aulas do curso ginasial começaram de maneira dura para quem vinha do Primário, tendo ou não passado pelo "Pré" e quisesse levar o curso a sério. Línguas estrangeiras (Latim e Francês), História da Civilização e Análise Lógica eram assuntos nunca antes estudados.

O Latim era ensinado por Frei Eurico, em velocidade muito própria. Em todo um semestre cobriu nada mais do que duas das cinco declinações, mas o fez de maneira extremamente bem feita. Começou ensinando Português. Sujeito, predicado, objeto direto, objeto indireto, conceitos essenciais para entender um pouco do Latim. Aos poucos foi sendo mostrado quanto o Português e o Latim eram parecidos, e as dificuldades foram desaparecendo. Infelizmente Frei Eurico deixou-nos depois de apenas aquele semestre; foi para a Sorbonne fazer pós-graduação. Seu substituto foi Frei Odo, grande conhecedor de Grego e Latim, mas professor de Física (do Científico) e Secretário do Colégio, melhor administrador do que professor. Dele falarei em outra ocasião. Mais tarde, o ensino do Latim foi completado por Frei Severino, piloto de avião e grande latinista. Algum dia contarei os incidentes por ele causados com a distribuição, prévia e seletiva, das questões da "Segunda Prova Parcial"

O professor Max Kreibich, grande vascaíno (e ex-jogador do E.C. Brasil) discorria de maneira divertida sobre a História Universal, contando coisas sobre os egípcios, assírios, babilônios, hebreus, medos, persas, gregos, romanos e quantos mais houvessem deixado algum registro nos dois ou três milênios que antecederam a era cristã. Suas histórias eram

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quase roteiros de filmes de cinema. Longas listas - guerras, batalhas, conquistas, reis, rainhas, datas, rios (ah, os rios! estes eram os prediletos do mestre!) e de outros registros com a mesma utilidade - eram cobradas da memória dos pobres alunos. Frases célebres, supostamente ditas por grandes figuras da história, eram igualmente impingidas aos meninos. *Alia jacta est!* (Júlio César). *Melhor, combateremos à sombra!* (Leônidas). *Viajor, quando fores a Esparta diz lá que aqui morremos cumprindo o nosso dever* (Idem). *Soldados, do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!* (Napoleão Bonaparte). E por aí afora. Nos intervalos entre as várias histórias antigas, Max nos contava sua versão das próprias peripécias como soldado legalista na Revolução de 1924 ...

Canto Orfeônico era o pomposo nome dado às aulas de teoria musical, chamadas pelos alunos simplesmente de *Música*. Na terceira série (ou teria sido na quarta?), o professor de tal matéria não era outro senão o mesmo Max, violinista amador e, fã incondicional de um tal Pery Machado, violinista profissional em fim de carreira, mas que havia tido certa relevância nacional. A história de sua vida era assunto quase obrigatório de todas as aulas de Música, às quartas-feiras. "*Isto me faz lembrar Pery Machado!*" E aí começava o Professor a repetir a mesma história - "*violino debaixo do braço ...*" - de como a cocaína acabara com o grande músico, de tal forma agora dependente, que necessitava uma injeção da droga antes de cada concerto. - "*Bis, nem falar! O efeito já havia passado*" - Certo dia, quando a história estava ainda em suas introduções - "*Isto me faz lembrar*" - alguém (acho que o Bramorsky) complementou, em alta voz: "*Pery Machado!*" O castigo para todos foi copiar cinco vezes o Hino Nacional. A história do violinista nunca mais foi contada, e o castigo acabou perdoado. Muito mais tarde, quando já eu freqüentava o segundo grau, descobri no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, um convite para a missa de sétimo dia de Pery Machado; recortei e levei-o para o Professor. Max não pareceu afetado; o incidente em nossa turma talvez tenha acabado por fazer a história do violinista cair no esquecimento ...

Na segunda série começava outra língua estrangeira, o Inglês, decentemente ensinado pelo professor Heriberto Müller, também docente de Canto Religioso, quando, ao piano, acompanhava os desafinados alunos cantando músicas do *Texto*, um livrinho de capa preta, também chamado de *Cecília* em homenagem à Santa, música.

Verdadeiro santo também era o professor João Mosimann. Ensinava Português, Geografia e História do Brasil. Não me lembro de tê-lo jamais visto perder a paciência, apesar do que a turma fizesse. O máximo de descontrole era

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para ele a expressão "*Ora, cebolas!*", muito raramente pronunciada.

Frei Euzébio, o Prefeito do Colégio, era o professor de Trabalhos Manuais nas duas primeiras séries. De Trabalhos Manuais, não se fez nada, mas a matéria deixou na memória sólidos geométricos montados a partir de seu desenvolvimento em cartolina, quem sabe, numa breve introdução aos conceitos da geometria multi-dimensional.

As aulas de Educação Física eram à tarde, duas vezes por semana, sob responsabilidade do professor Ergard Arruda Salomé, que tinha sido o massagista da seleção americana de futebol na Copa do Mundo de 1950.

No primeiro ano, o programa de Português foi dado por Frei Cássio, que além de organizar passeios de bicicleta e excursões ao sítio do Colégio na divisa com Gaspar, no ano seguinte nos deu dois meses de História das Américas, até que foi transferido para o Norte do Paraná (onde parece que acabou prefeito de uma cidade). No Colégio, foi substituído por Frei Marciano, que nunca se entrosou bem com a turma, pois no seu primeiro dia de aulas, sem conhecer ninguém, teve a infeliz idéia de aplicar uma prova (valendo nota), sem ao menos procurar saber como estava o andamento do programa. Ainda por cima tentou mostrar que a maioria da classe havia respondido de forma errada uma certa questão, já que como Fernão de Magalhães fora assassinado durante seu trajeto à volta do mundo, a primeira viagem de circunavegação fora na realidade efetuada por seu imediato, Sebastião del Cano, coisa que a turma considerou como estupidez inaceitável, estigmatizando-o sem nenhuma dó.

Frei Capistrano nos ensinou um pouco de Gramática Histórica e de Literatura, no Português da quarta série. Deixou boas lembranças.

Professor de curta passagem pela Cidade foi também Frei Celso, da Geografia da primeira série. Pelo que sei, está até hoje na Baixada Fluminense.

Não quero terminar estas reminiscências sem registrar uma menção honrosa e uma referência especial aos mais dedicados dos professores daqueles anos, começando por Frei Fulgêncio. Suas aulas de Ciências Naturais eram excepcionais, cobrindo em dois anos os rudimentos de física, química e biologia, numa excelente introdução ao Científico, ao mesmo tempo suficiente como conhecimentos gerais de quem terminaria sua formação no Ginásio.

O seguinte nesta lista é o professor Germano Sussueger, patrono da Matemática durante todo o Ginásio, cujo programa começava com uma revisão da Aritmética (mais uma!), passando, na segunda série, à Geometria, na terceira, à Álgebra, terminando, na quarta, com a resolução de sistemas de equações. A di-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dática de Germano era impecável. Sua disciplina era germânica, embora sem exageros.

Os exageros existiam, mas ficavam por conta do professor Luís Schwarz, nome com que termino esta menção. Ah, o Schwarz! Este era um caso à parte. Seus métodos antigos eram o terror dos alunos. *Ü, menino, ü, boca de bexo, boca de bexo, ü.* E aos poucos ia saindo um francês com forte sotaque alemão. (Aliás, sempre achei que Schwarz fosse originário da Alsácia ou da Lorena, o que explicaria seu acento. Será que alguém ainda saberia dizer?) Sua grande preocupação era com as provas. Todos os anos, logo ao início da período letivo, pedia um caderno, *não muito fino nem muito grosso*, para ser usado como caderno de provas. Invariavelmente, o mesmo era usado apenas uma vez, desaparecendo nos braços do Professor no dia da primeira das provas, que, daí por diante, eram feitas em folhas avulsas ... Diziam as más línguas que aquele era seu sistema de conseguir cadernos baratos para seus muitos filhos, mas se isto fosse verdade, por que limitar a espessura máxima? Uma tal apropriação na verdade não teria sentido, até mesmo pelo pouco que representava, embora talvez fosse legitimada pelo mísero salário que aqueles heróicos professores então recebiam. Voltemos, porém, às provas. Elas eram feitas em posição à prova de "cola". Cada aluno sentava-se tão afastado dos demais quanto a sala o permitisse, com o braço esquerdo encobrindo sua folha, e com os olhos a não mais de quinze centímetros do papel. Ninguém podia saber onde estava o professor. Ninguém podia olhar para o lado. Ninguém poderia se mover. O silêncio tinha que ser completo ...

Apesar de sua grande excentricidade, a excelência das aulas do Professor Schwarz foi por mim confirmada quando, quase quarenta anos mais tarde, acabei trabalhando para uma empresa francesa. Depois de apenas uma semana em Paris, consegui, embora com vocabulário "emprestado" de meus interlocutores, falar fluentemente o Francês! A gramática e a sintaxe estavam ainda perfeitamente registradas. Obrigado, Grande Mestre!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Carnaval em Blumenau

TEXTO:
*GRETE BAUMGARTEN MEDEIROS**

Blumenau nunca foi uma cidade carnavalesca, embora também em algumas cidades da Alemanha, terra natal de grande parte dos antepassados dos blumenauenses, se festeje o carnaval. Aqui em nossa pequena cidade os festejos carnavalescos se limitavam a bailes à fantasia nos salões dos clubes. Eram verdadeiros bailes à fantasia, pois os foliões todos vinham trajados com as mais variadas indumentárias. Algumas fantasias luxuosas, outras pitorescas, engraçadas e até fazendo críticas. O Clube dos Atiradores do Clube Náutico do América ofereciam em seus salões os bailes. Eram noites muito alegres. Sobravam risos e alegria. Os salões devidamente ornamentados recebiam os foliões com as mais novas marchinhas. As praias ainda não eram muito procuradas e por incrível que hoje pareça, os blumenauenses voltavam a Blumenau para brincar o carnaval.

Vamos lembrar um pouco este carnaval do passado. Usavam-se muitas serpentinas, confetes e lança-perfumes. O uso desta água tão cheirosa era livre, até para crianças. Lembro das marcas Colombina e Rodo. Vinham em frascos de vidro e em vários tamanhos. Devido à fragilidade eram causadores de pequenos acidentes como aconteceu com um nosso amigo. Ele trazia um frasco em cada bolso traseiro da calça quando caiu sentado. Melhorou quando surgiu o Rodo Metálico. Travavam-se verdadeiras batalhas de confetes e lança-perfumes. Brincadeira inocente, era mais para atingir os olhinhos das meninas ... Ninguém podia imaginar que algum dia fosse proibido o uso tão cheiroso.

No mês de janeiro, os jovens se reuniam para a formação dos blocos. Era preciso escolher que fantasia usar e conhecer as novas marchinhas. Revistas traziam como complemento folhetos com letra e música das novidades. Podiam assim começar os ensaios. Cada bloco guardava maior segredo de tudo. Talvez

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Trajes de Carnaval - Década 20

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fosse esta a melhor parte...

A entrada no salão também era de grande importância e tinha que ser bem ensaiada. Finalmente era chegada a grande noite. Havia um pequeno cerimonial para a entrada do bloco no salão. O grupo se identificava e pedia para ser anunciado. O salão era esvaziado e o bloco liberado para entrar e fazer suas evoluções, cada grupo tinha sua marchinha bem ensaiada. Os músicos que animavam o salão do Clube Náutico América eram todos da terra, prata da casa. Alguém lembra dos Irmãos Scheefer... ou do grupo Ahi Hein... todos tocavam com entusiasmo e muito contribuíram para maior festa.

Em 1934 destacou-se o bloco de "Granadeiros" pela animação e fantasia luxuosa. Em 1935 foi eleita uma Rainha do Carnaval. Foi a garota Nazir Olinger, ela fazia parte de um bloco de 20 pares com fantasia de cigano.

Naquele ano, Blumenau teve um belo carnaval de rua. Na tarde de terça-feira houve um desfile de caminhões enfeitados, automóveis de particulares e principalmente muitos foliões brincando e cantando pela rua Quinze. Muitas marchinhas são até hoje lembradas como "O teu cabelo não nega", "Arrasta sandália aí, morena", "O pão maior do mundo Deus fez sem ser padeiro", etc. Deixaram saudades sim, estas músicas tinham melodias e as letras diziam alguma coisa ...

Os festejos de carnaval terminavam terça-feira, à noite com o último baile. Quando os ponteiros se encontravam, meia-noite, os músicos guardavam os instrumentos, tudo acabava ali ... Era em respeito à "Quaresma" que inicia na Quarta-feira de Cinzas.

O carnaval daquele tempo era quase uma festa de família. Todos se conheciam, os sócios dos clubes eram amigos, tanto eles como seus filhos. Muitas vezes já me perguntei por que sempre achamos o melhor tempo aquele que passou. Não será porque éramos jovens?

Restam as lembranças, mas feliz daquele quem as tem...

Tenho saudades do tempo que passou, mas sou feliz por tê-lo vivido.

Até ano que vem, se Deus quiser.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Coisas Tenebrosas

Divertimento de Blumenauenses

TEXTO:
*URDA ALICE KLUEGER**

Coisas Tenebrosas

A minha infância foi muito marcada pelo terror semanal, às vezes até diário, emanado pela igreja católica pré-Concílio Vaticano II. Não era nada agradável para uma criança de 5, de 8, de 10 anos ouvir, em quase todos os domingos, o Frei João, nosso padre no Bairro do Garcia, em Blumenau, falar sobre o fogo eterno do inferno, sobre o sofrimento requintado e interminável destinado às pessoas que não conquistavam o céu, sobre o grande inimigo chamado Diabo.

Havia uma alternativa para não se ir para o inferno, é claro: a Igreja Católica. E ela nos impingia quase o tempo todo a imagem de um deus sofredor, um Jesus Cristo torturado, pregado a uma cruz, retorcido de sofrimento. Brevemente, em tempo de Páscoa, falava-se de Jesus Cristo ressuscitado, mas o efeito era pequeno, depois de toda quaresma a se curtir com volúpia os atrozes sofrimentos do filho de Deus. Para que gente comum, como nós, pudesse um dia ter acesso ao maravilhoso céu que Jesus Cristo um dia conquistara para nós, havia que sofrer nesta vida. E os heróis que a Igreja Católica nos apresentava eram os mártires da fé, pessoas que tinham sofrido horrores horrorosos sem abjurarem a sua fé. O mais popular era o São Sebastião, cuja imagem eu podia ver na igreja, bonito moço todo trespassado de flechas. O que mais terror me causava era São Lourenço, que fora assado numa grelha para que desistisse do cristianismo. São Lourenço, além de não desistir, ainda avisava aos seus algozes quando estava bem assado de um lado, para que o virassem. Com certeza não eram aquelas as imagens adequadas a uma criança.

É claro que com todo aquele clima de terror,

* Escritora e Professora. Membro da Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

eu queria ir para o céu, embora achasse o céu bem enfadonho, com todo mundo cantando e rezando eternamente, sem tempo para brincar. Mesmo muito pequena, eu já arranjara autonomia para separar as coisas e tinha compartimentos estanques para a vida religiosa e para a vida real, e a vida real era ótima, e nela eu podia imaginar milhares de histórias, todas sem sofrimento, todas cheias da mais pura felicidade. E ainda era muito pequena quando o Diabo foi personificado no mundo em que vivia: passou a chamar-se comunismo.

Fez furor, naqueles tempos, o livro de um padre católico que fora preso e torturado na China comunista. Eu já fora alfabetizada e li o livro, e aquele padre passou a representar o ideal moderno de mártir da fé. As pessoas faziam a maior cara de piedade ao falar nos sofrimentos do padre, mas eu tinha a minha secreta opinião pessoal: não gostava nada, nada do sofrimento, principalmente do sofrimento físico. E como, dia a dia se avolumava no Brasil a idéia de que o Comunismo era uma grande ameaça, que o Comunismo poderia tomar conta de nosso país, aumentava o meu pavor de que, chegando o Comunismo, eu iria ser torturada. A Igreja Católica botava a maior lenha na fogueira contra o Comunismo, e a opinião geral era de que chegaria a haver uma guerra.

Sempre fui muito prática. Com a idéia da guerra comunista, achei logo uma solução para não ser torturada: iria me esconder. Eu levaria para o morro um caixote grande, para dormir dentro, garrafas com água, e uma boa quantidade de farinha de mandioca, já que tal farinha poderia ser comida sem ser cozida. Ficaria lá até a guerra passar e os comunistas irem embora, e, assim, não seria torturada. Só que eu não sabia quanto tempo demorava uma guerra: dois dias, cinco dias? Fui perguntar isso, então, a minha prima Hélia, que já era moça de ginásio, a mais sabida de todos nós. Quanto tempo durava uma guerra? Fiquei arrasada com a resposta de Hélia: a última grande guerra durara mais de quatro anos! Prática como sempre fui, pensei numa alternativa: virar comunista para escapar à tortura. Só que aí dava com a cara na parede: virar comunista significava ir mais tarde para o inferno, para uma tortura maior. O que fazer?

Foi tenebroso o que a igreja fez com as crianças do meu tempo. Foi tenebroso o que as autoridades fizeram, permitindo que se disseminasse entre nossa ignorância tal medo do comunismo. Tive de viver muito, tive que ir a um país comunista (Cuba), para ver o quanto tinham nos mentido. Eu amei Cuba, até escrevi um livro sobre minha viagem (Recordações de Amar em Cuba II) – as pessoas em Cuba são felizes e cultas, muito mais cultas que nós, mais cultas que o europeu comum. Não vou dizer que o regime comunista é o melhor do mundo, como não é o melhor do mundo esse capitalismo selvagem em que vivemos. O

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que quero dizer é que encheram a minha infância de terror injustificado, e que tenho ainda, laivos de mágoa por terem me mentido assim.

Blumenau, 02 de junho de 1996.

Divertimento de Blumenauenses

Sexta-feira à noite, e fui jantar na casa do jovem e grande escritor MaiconTenfen, do qual todos vocês ainda irão ouvir falar muito. A comida estava uma delícia; o papo, melhor ainda, tão bom que nem demos importância à grande quantidade de chuva que não parava de cair. Era uma da manhã de primeiro de fevereiro, quando saí de lá, no bairro Escola Agrícola, e vim para o centro de Blumenau. Imaginava que estava indo diretamente para casa, para um bom sono repousante, quando, no caminho, senti que havia algo diferente – havia jeito de enchente no ar. Na primeira ponte por onde passei, muitas pessoas estavam paradas, olhando para o ribeirão da Velha encoberto pela escuridão, e meus sentidos de blumenauense me mandaram parar.

- Vem enchente? – perguntei incrédula.

- Parece que vem. O rio estava com 8,12 m à meia-noite, e deve estar com 9 m às sete da manhã!

Puxa vida! Uma enchente chegando e eu tomando a cerveja de Maicon Tenfen sem saber de nada!

Uma enchente é uma coisa muito séria na vida de um blumenauense. Ela pode ter só dez metros e meio e durar só dois dias, mas também pode chegar aos 16,37 m, como em 1983, e durar uma eternidade, quase um mês, e estraçalhar com a cidade. Uma enchente gera preocupações e prejuízos, mas também gera a coisa mais bonita desta minha cidade: a solidariedade. Povo naturalmente pouco comunicativo, o blumenauense esquece toda a sua reserva, durante uma enchente, para demonstrar uma solidariedade que a gente não imagina nele no dia a dia dos tempos de vacas gordas. A perspectiva de uma enchente faz com que o povo da minha cidade seja tomado como que de um frenesi, talvez causado pela antecipação da solidariedade que virá, e todos têm que ir ver o rio.

Há lugar certo para se ver o rio: na curva da Avenida Beira Rio, atrás do Banespa. É claro que me esqueci de que ia dormir e me dirigi para lá, prestando atenção nos lugares baixos por onde passava, a ver como as pessoas já estavam tirando tudo o que havia dentro de casas e lojas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na curva da Beira Rio, àquela hora da madrugada, quando a cidade deveria estar deserta, havia congestionamento de carros cheios de gente que queriam ver o rio. Achei um lugarzinho para encostar o meu, e fiquei prestando atenção:

- Ali na subida do Biergarten, às dez horas, ainda havia carros estacionados. Agora a água já cobriu tudo...

- Será que continua chovendo no Alto Vale?

- Como estará a maré em Itajaí?

Dono de altíssimo know-how relativo às enchentes, basta o rio dar uma subida para o blumenauense relembrar todas as informações que traz do berço, que o faz um alegre destemido na hora das cheias. Ali na Beira Rio, no seu divertimento predileto dessas horas, começava um grande congraçamento baseado em informações e hipóteses, e fiquei prestando atenção como até gente muito jovem sabia as coisas das chuvas do Alto Vale e das marés. Teríamos todos ficado por muito tempo curtindo nossa distração de ver o rio, caso uma nova chuva torrencial não nos tivesse tocado, a todos, embora.

Fui pra casa e liguei o rádio: notícias a cada minuto informavam a situação da enchente iminente, e começaram os telefonemas: você já sabe que vem enchente? Quem vai ficar na casa de quem? Minha irmã Margaret não se conformava: deixara para ir ao supermercado no sábado de manhã, e estava sem comida em casa. Pensava-se nas estratégias para a enchente: é melhor ficar-se em casa de fulano porque tem mais facilidade de se sair de canoa; há que se ajudar beltrano, cuja casa será, fatalmente, invadida. Conclusão: fui dormir pelas três e meia da madrugada, podre de cansada.

Depois de umas escassas três horas de sono, com o rádio ligado direto, acordei estremunhada, para cumprir o ritual de blumenauense: fui ver o rio. Lá, na curva da Beira Rio, atrás do Banespa, era grande a afluência de pessoas que também cumpriam o ritual. O rio já estava com 9,40 m, mas parecia que se estabilizava. Cumpri o grave dever de blumenauense, ao explicar, tintim por tintim, a um polaco do Paraná, como agir durante uma enchente, já que ele era novo na cidade e não tinha o nosso know-how.

O rio parou de subir quando atingiu os 9,50 m, e a enchente não veio por um triz. Mas como nos divertimos indo olhá-lo, lá atrás do Banespa!

Blumenau, 02 de fevereiro de 1996.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brasil Sport Club: em 18 anos três fundações

G. E. Olímpico - Sede Própria

TEXTO
*AURÉLIO SADA**

O futebol, já em si é um esporte apaixonante, tem lá uma infinidade de episódios bem estranhos – seja nos gramados ou fora deles – chegando a confundir aqueles que se atrevem a rebuscar assuntos já tragados pela ação do tempo.

Fatos acontecidos num passado bem distante, relacionados ao começo das atividades do futebol da cidade, há mais de oitenta anos, não chegavam a repercutir com intensidade na imprensa, até porque os órgãos de comunicação, bastante limitados, se resumiam a um ou outro jornal de circulação temporária e de número de páginas reduzido.

Alguns deles, em edições escassas, ainda fazem parte do bem-cuidado Arquivo Histórico do Município, valendo mencionar, por exemplo, a existência de poucos números de O NACIONAL, que se dizia "Órgão Independente e Noticioso", saindo às ruas semanalmente.

A edição de nº 22, datada de 26 de maio de 1918, em meio a notas diversas sobre a vida de então na cidade, divulgou uma que julgamos interessante transcrever.

"Brasil Sport Club

Do nosso jovem conterrâneo Affonso Veiga, na qualidade de secretário, recebemos um ofício comunicando a fundação nesta cidade do "Brasil Sport Club", sendo aclamada a seguinte diretoria: Presidente Victorino Braga, Vice-Presidente Fritz Gassenferth, 1º. Secretário Affonso Veiga, 2º. Secretário Abílio Gomes Chacon, Tesoureiro Alfredo Campos, adjunto Arthur Breithaupt, procurador Arno Schadrack, e orador, Carlos Sada.

Segundo estamos informados, o referido Club vai dedicar-se ao "Foot-ball", um dos sports bastante apreciado e que Blumenau já conta alguns experimentados sportsmen.

Agradecendo a comunicação, almejamos para

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o novo Club muita prosperidade e longa existência."

Como se vê, nada dito sobre o dia, hora e local dessa fundação.

Surpresa

Essa notícia surpreende e contraria, de certo modo, a crença geral de que a data oficial do surgimento do Brasil no cenário futebolístico blumenauense se deu na tarde do dia 19 de julho de 1919, tendo como primeiro presidente o desportista Arthur Ruediger.

Na referida data, segundo consta do Diário de Alfredo Campos, o encontro dos fundadores aconteceu desta maneira:

"Ontem, pelas 3 e meia da tarde, numa das salas do Hotel Esperança, à rua XV de Novembro, nesta cidade, reuniram-se Arthur Ruediger, Hernani Carpinetti, Fritz Gassenferth, Carlos Sada, Humberto Sada, Victorino Braga, Alfredo Campos, Fritz Amann, Armando Rios, Affonso Veiga e Annibal Barbosa. Nesta reunião, ficou deliberado por consenso unânime dos presentes a fundação de um clube de Foot-ball, com a denominação de Brasil Sport Club, sendo verde e branco as suas cores.

Ficou estabelecido também que o clube utilizaria para seus treinos e partidas o campo existente na rua das Palmeiras, de propriedade da municipalidade. O campo havia sido cedido por Paulo Zimmermann em maio de 1917, quando se pretendia reorganizar o "Anita Garibaldi".

A primeira diretoria do Brasil Sport Club ficou assim constituída: Presidente, Arthur Ruediger; Vice-Presidente, Carlos Sada; 1°. Secretário, Fritz Gassenferth; 2°. Secretário, Victorino Braga; Tesoureiro, Alfredo Campos; Orador, Armando Rios e Fritz Amann como encarregado da parte esportiva. A sede temporária do clube será no Hotel Esperança, por oferecimento do proprietário, Sr. Kausch."

Nesse grupo, quatro remanescentes da fundação de 1918: Fritz Gassenferth, Carlos Sada, Victorino Braga e Alfredo Campos.

3°. Brasil

A 12 de abril de 1936, divulgou o Cidade de Blumenau uma nota bem curiosa:

"Foi fundada há dias nesta cidade uma agremiação que lembra o antigo campeão de nossos campos, Brasil F. C.

Aliando o espírito esportivo ao recreativo, a nova sociedade tem como meta desenvolver, entre nós, Foot-ball e proporcionar a seus associados prazer e alegria, por meio de danças, excursões, festivais e pic-nics."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

E assim foi vivendo o Alviverde, até 23 de outubro de 1937, quando a diretoria, presidida pelo tenente Paulo Clementino Lopes, deu a conhecer, pela imprensa, a resenha elaborada pela Comissão Administrativa, correspondente ao período de 5 de abril a 5 de outubro daquele ano.

Pra começar, estes detalhes:

"Registro dos Estatutos Sociais.

Tendo este clube sido fundado em 27 de março de 1936, continuava ainda a dirigir-se por um regulamento provisório.

Tratamos então de dar-lhe existência definitiva e jurídica, e, na Assembléia Geral realizada a 18 de maio, foram aprovados os Estatutos Sociais, que a 17 de junho foram transcritos no Cartório do Registro de Títulos e Documentos desta Comarca."

Tudo isso confirma que o Brasil Sport Club, com esta ou outra denominação de 1918 a 1936, teve sua trajetória marcada por três fundações, talvez a mais sensata solução encontrada, naquelas ocasiões, para livrá-lo de situações mais complicadas, inevitáveis até mesmo em tempos de aparente calmaria no amadorismo.

O Palmeiras passou por crises de assustar, já nos primeiros anos de sua existência, lidando com o sério problema causado pela cheia do Itajaí-Açu e a falta de dinheiro para a restauração de tudo... água, tinha de sobra.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

G. E. Olímpico – Sede Própria

Depois de usar por longo e sofrido período (em torno de 17 anos) as amplas dependências da Sociedade Gymnastica, seja em promoções de cunho esportivo ou social, viveu a Sociedade Desportiva Blumenauense dois dias (9 e 10 de abril de 1939) por demais felizes em sua história, ao proceder à tão aguardada inauguração do seu estádio de futebol, à Alameda Rio Branco, fruto de um demorado trabalho e rara dedicação de sua gente no sentido de preparar a "casa própria".

A diretoria do clube, presidida por Otto Abry e, tendo no vice, Walter Meyer, verdadeiro gigante a lutar pela consecução da obra, com a discrição e modéstia que lhe eram peculiares, veria coroado de êxito tanto esforço e sacrifício na busca da expansão patrimonial da SDB, generosamente apoiada por setores diversos da comunidade.

Nada foi feito sem persistência e esforços inauditos, muito mais em períodos de inevitáveis apuros de ordem financeira, eis que um empreendimento desse porte, sumamente dispendioso, exigiu verdadeiros prodígios da administração alvirrubra, sempre atenta na crescente necessidade de obter, onde quer que fosse, recursos materiais para as obras não pararem.

Nomes de expressão (muitos deles) – não esquecido, também, o alto valor da ação e empenho que marcaram a atividade de um notável grupo de colaboradores anônimos – "suaram a camisa", sem esmorecimento, para abrir e ampliar, na tão sonhada realização, novos horizontes à vida esportiva do Blumenauense, que presenteava a cidade com uma praça desportiva moderna, após haver permanecido por longos anos em "casa alheia".

O futebol da agremiação vermelho-e-branco começara em local próximo ao campo do Brasil, vagando, anos depois, por vários outros locais, "numa peregrinação tenaz e cheia de sacrifícios", diz a história.

A construção do estádio próprio da SDB teve amplo apoio popular, merecendo destaque especial o excelente gramado com medidas oficiais máximas, sem igual em SC, pista para corridas, vestiários provisórios, já em boas condições, dotados de chuveiros e, ainda, um bar.

O muro da parte frontal do estádio estava quase todo ele erguido e, após o ato inaugural, já se falava na risonha possibilidade de serem introduzidos outros importantes melhoramentos, entre eles arquibancada, canchas de voleibol e basquete, todas iluminadas. Esses projetos seriam concretizados na década de 40.

A constante ameaça da ocorrência de enchentes na região era, em meio a tanta euforia, a única preocupação da gente alvirrubra, justificando-se esse temor geral com o passar do tempo, quando o fenômeno viria a causar sérios danos à

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

agremiação, inutilizando e fazendo desaparecer documentos importantes de sua vida.

Como foi

A festiva e concorrida inauguração do belo estádio, realizada no período matinal do dia 9 de abril de 1939 (um sábado) e prestigiada por crescido número de autoridades, teve sua extraordinária importância ressaltada pelo orador oficial da Sociedade Desportiva Blumenauense, Dr. Edgard Barreto, um dos mais brilhantes advogados da época, que citou nomes e fez agradecimentos de todo merecidos a quem se entregara de corpo e alma ao estupendo empreendimento.

Seguiu-se a cerimônia de hasteamento da Bandeira Nacional, evidenciando-se, no conjunto da obra, a beleza do campo de futebol, que logo se tornaria o melhor do Estado. Era, em verdade, autêntico tapete verde.

Fim de torneio da Classe B: Fluminense 1 x Ypiranga (de Encruzilhada) 0.

À tarde, sagrando-se campeão de torneio da classe A constante do programa e que teve ainda a participação do Blumenauense e Recreativo Brasil B, Vitória, América (mais tarde Guarani) e Palmeiras, o Amazonas derrotou os gasparenses do 21 de Abril por 1 a zero.

As festividades populares alusivas ao evento, tão a gosto de um público que se divertiu a valer, com muita coisa pra beber e comer e, ainda, dança ao ar livre, começaram na manhã do dia seguinte, domingo, ficando reservado para a parte da tarde mais um clássico do futebol da cidade, o incomparável Bra-Blu.

Aí chegou a vez do Brasil mostrar mais força que o rival da Baixada, refletida no elevado marcador de sua vitória: 6 x 2.

Foram 4 gols de Augusto e 2 de Mário Sada para o time alvi-verde, que teve Vahldick; Carstens e Maar; Zequinha, Generoso e Irineu; Mário Sada, Janga, Augusto, Mesquita (Cachaça) e Schuermann.

Hahn e Schadrack, os autores dos gols do Blumenauense, que perdeu com Koenig; Arthur e Arécio; Longo (Meyer), Tigy e Krepsky; Lucas, Willy Pawlowski, Hahn, Margarida e Schadrack.

Arbitragem a cargo de Arnaldo Silva.

Fase Crítica

Essa goleada doeu, mas não chegou a surpreender o Blumenauense. Mais preocupado com a evolução patrimonial, o clube estava mal de bola naquele tempo, pagando preço bem alto pela imprudência de se atirar a uma louca aventura, seja, apresentar-se como disputante do campeonato da ASVI (Associação Sportiva do Vale do Itajaí), ao lado de outras duas associações blumenauenses, Brasil e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Amazonas. Isto, a partir de maio de 38.

Aliás, por filiar-se àquela entidade, o Alvirrubro perdera o campo da Sociedade Gymnastica e vários jogadores.

Havia sido eliminado pelo Brusquense (1 x 0) no torneio de abertura daquele certame e, no jogo de estréia propriamente dito, fracassara por completo, tornando-se presa fácil do Brasil, perdendo por 6 a 1.

Na segunda partida, o Alvirrubro toma novo banho, desta vez do Lauro Muller: 6 x 0.

Na terceira apresentação, mais um fiasco do Blumenauense: Amazonas 6 a 2.

Depois de tanto apanhar, acabou desistindo de encarar o Brusquense, para no compromisso seguinte passar por outra terrível humilhação, ao ser esmagado pelo Marcílio Dias por 7 a 2.

Foi o bastante para o clube da Baixada fraquejar de vez, passando a entregar os pontos a todos os adversários, por antecipação. Não ganhou um sequer nessa competição que terminaria bagunçada, em conseqüência de séria crise administrativa surgida na ASVI.

1938 houvera sido um ano de sérias conseqüências para a SDB, no campo esportivo, depois das dificuldades resultantes da perda do campo da Sociedade Gymnastica, já na temporada anterior. Restava ao clube, porém, a satisfação de se voltar por inteiro à construção do estádio.

Administração

Passados onze dias da inauguração oficial do estádio de futebol da Baixada, a Sociedade Desportiva Blumenauense, exatamente a 20 de abril de 1939, em assembléia geral convocada para o cumprimento dessa determinação estatutária, elegia e empossava a nova diretoria para mais dois anos de gestão, representando, a recondução de Otto Abry e Walter Meyer aos cargos de presidente e vice, respectivamente, uma demonstração inequívoca do reconhecimento e aplauso dos alvirrubros ao esplêndido trabalho executado pela dupla de grandes dirigentes no desejo incontrolável de fazer o clube prosperar em todos os sentidos.

Figuravam nos outros postos do conselho diretor:

1°. Secretário – Benjamim Margarida.
2°. Secretário – Manoel Pereira da Silva Júnior.
1°. Tesoureiro – Frederico Kretzschmar.
2°. Tesoureiro – Rolf Schadrack.
Direção esportiva – Lindolfo Natal, Carlos Werner e Ulrich Koenig.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Comissão Fiscal - Helmuth Hacklaender, Mathias Fabian, Willy Belz, Henrique Rischbieter e Arthur Jaehrig.

Organização do Infantil - Nilo Silva.

Capitão do 1º. Quadro - Willy Pawlowsky.

Capitão do 2º. Quadro - Oswaldo Boos.

Guarda Esportivo - Nilo Silva.

Novo Amanhã

O tempo ruim foi ficando para trás, a SD Blumenauense superando os problemas do departamento de futebol, renovando para melhorar, até exibir notável poderio com aquela brilhante e inesquecível equipe que em 1943, iria levá-la à conquista de campeã invicta do terceiro certame oficial da Liga Blumenauense de Futebol, numa campanha toda ela composta só de vitórias.

A praça de esporte da Alameda Rio Branco, erguida com tanto sacrifício, iria se converter, na década de 40, em alicerce de uma crescente projeção do clube, transformando-o em verdadeira potência do futebol catarinense, refletida - para citarmos as proezas de maior vulto - na obtenção de dois títulos estaduais, quando era Grêmio Esportivo Olímpico, não mais S. D. Blumenauense, a partir da noite de 24 de março de 1944.

Sempre Melhor

A "mansão olímpica", dotada, ainda, do melhor e mais bem cuidado gramado de SC, onde os associados do GEO se entregam à prática do futebol descontraído, foi tomando enorme incremento ao longo dos anos, sendo a primeira a contar com arquibancada (demolida há muito tempo), refletores para jogos noturnos (ainda em funcionamento) e alambrado para maior segurança dos espetáculos (não mais existente).

A conservação de tudo é constante e dispendiosa, mas o GEO tem suas finanças equilibradas, o superavit é preocupação permanente da diretoria, presidida com mão firme pelo desportista Guido Brandt.

Perdida, em 1970, a grande chance de uma terceira consagração na competição de maior envergadura do futebol catarinense, o Olímpico riscou de sua vida, há pouco mais de 31 anos, um profissionalismo que o cobriu de glórias, é verdade, mas terminou por deixá-lo em situação lastimável sob todos os aspectos,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

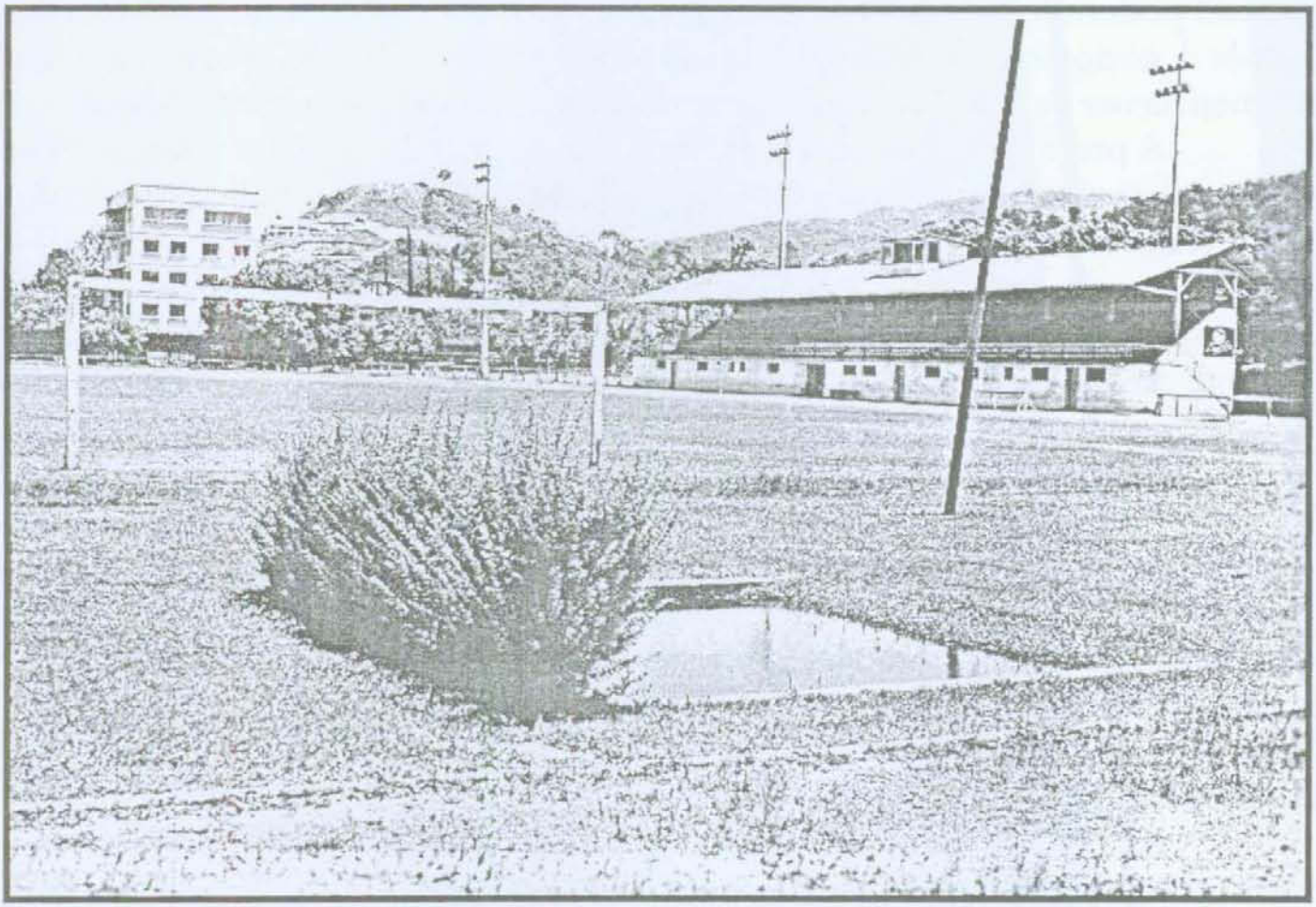
com o estádio em ruínas, após haver passado por fases de acentuada expansão, dias e noites sumamente festivos.

Vai Bem

Nos dias presentes, gira em torno de 320 o número de associados rigorosamente em dia com o pagamento das mensalidades, impedindo o clube de se entregar a novos empreendimentos de monta.

Seja como for, o reduto gremista, bem cuidado em todas as dependências, está realmente bonito, oferecendo aos associados da agremiação de 81 anos um vasto número de opções de lazer e atividades esportivas bem saudáveis.

Lá tem muita coisa que atrai. É só escolher. Quem não conhece o Olím-



Inaugurado a 9 de abril de 1939, o campo de futebol do Olímpico sempre mereceu cuidados especiais dos dirigentes, muito mais quando invadido, o estádio do clube da Alameda Rio Branco, por enchentes de conseqüências bastante danosas ao patrimônio alvirrubro.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenau Cidade Limpa.

Blumenau, além de cidade limpa, deverá ser um jardim **para abrigar o Centro do Turismo no Vale do Itajaí**[1]

Iniciado, com pleno sucesso, o plantio de azaléias na Alameda Rio Branco– 1º /23º Regimento de Infantaria colabora decisivamente com a iniciativa da Comissão Municipal de Turismo – Augostinho Schramm fala à reportagem sobre os planos da CMT (Comissão Municipal de Turismo) – Círculo de Orquidófilos vai prestar seu apoio ao ajardinamento da cidade – Poderemos ter hortências ao longo das vias de acesso à cidade – Escolares vão dizer como se pode manter uma cidade limpa.

O que de há muito previámos e defendíamos através das colunas deste jornal, finalmente vem se tornando uma realidade palpável, que deverá redundar em futuro não muito remoto na implantação em termos definitivos de uma florescente indústria do Turismo, que carreará para Blumenau juros altíssimos sobre o esforço e trabalho que até lá se desenvolveram em nosso Município em seu favor.

O Grupo de Trabalho nomeado pelo Executivo local integrado por homens de larga experiência e visão, vem desenvolvendo um sem número de estudos que paulatinamente se transformam em iniciativas palpáveis e de grande resultado em favor da criação dos meios básicos necessários para que possamos oferecer o máximo de beleza e limpeza aos visitantes que acorrerem à nossa cidade.

Flores

Confirmando plenamente confiança neles depositada pela Municipalidade, os integrantes da Comissão Municipal de Turismo tiveram a feliz e prática idéia de – na ausência ainda de recursos financeiros para iniciativas de vulto maior – tentar tornar a nossa Blumenau um autêntico jardim.

1 Fonte: A Cidade de Blumenau - 16/set/1967. Sucursal. A Notícia, 14 de set/1967.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Pretendemos – disse-nos o senhor Augostinho Schramm – fazer sentirmos todos os blumenauenses, da validade de nossa idéia em reviver os belos jardins públicos e particulares do passado, que criaram uma imagem de bucolismo e de policromia, que muitos ainda têm, quando se lembram de nossa cidade".

"Queremos, seguir afirmando, criar uma cidade-jardim nesta progressista Blumenau. Desejamos, e temos certeza de que o conseguiremos com o apoio do poder público e da iniciativa privada, que nunca deixaram de prestigiar as promoções de vulto em nossa cidade, plantar e conseguir o plantio de flores, sejam quais forem, tanto nas áreas urbanas como sub-urbanas".

E se este é o pensamento da Comissão Municipal de Turismo, a mostra de sua vontade, a afirmação de seu interesse em criar um cinturão de jardins em volta de cidade, já está plenamente demonstrada com o êxito de sua campanha em favor do plantio de azaléias na Alameda Rio Branco. Justo será o se ressaltar que, para este primeiro trabalho, já contaram os homens do Turismo não apenas com a inestimável colaboração de populares que dispuseram de mudas da planta solicitada, bem como de soldados do 1°/23° Regimento de Infantaria, colocados à sua disposição para o ajardinamento da citada via pública, pelo Comando do "Sentinela do Vale", que uma vez mais diz presente a um movimento de interesse da grande coletividade.

O trabalho de ajardinamento, contudo, não ficará somente nisto. Segundo nos enfatizou o senhor Augostinho Schramm, o plantio de azaléias será estendido a outras ruas, e mais que "mesmo ao longo das vias de acesso à cidade, nos locais sombreados, tentaremos a fixação de hortências, planta que tanto celebriza determinada região do Rio Grande do Sul, que aqui poderá ser aproveitada com sucesso".

Adiantou mais nosso entrevistado que a Direção da Estrada de Ferro Santa Catarina igualmente autorizou estudos com vistas ao plantio de flores ao longo das barrancas do leito de seus trilhos, o que sem dúvida alguma facilitará a iniciativa da Comissão.

Outras das informações que conseguimos na oportunidade da entrevista que mantivemos com o senhor Schramm, foi a de que o Círculo de Orquidófilos de Blumenau, através de seus mais reputados colecionadores, deverá nos dias seguintes estudar uma forma de conscientização popular no sentido de que os jardins particulares sejam mais e melhor aproveitados na criação de uma nova e positiva imagem para a cidade. Conhecendo como conhecemos o espírito de amor pela floricultura que domina os integrantes do Círculo de Orquidófilos local, temos a tranqüilidade de aguardar o melhor resultado possível de sua colaboração neste setor.

Limpeza

"Se de um lado pensamos em ajardinar a cidade – seguiu afirmando o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

senhor Augostinho Schramm – não poderíamos nos esquecer do efeito que uma cidade limpa oferece a qualquer visitante".

"Por isto mesmo – aduziu – encetamos um movimento de esclarecimento popular com vistas à solução do problema, e criamos um concurso que atingirá aos estudantes dos primeiro e segundo ciclos, premiando aos melhores trabalhos que forem apresentados acerca do melhor meio de se manter limpa Blumenau.

Queremos levar aos jovens uma idéia que nos parece justa, da formação de uma mentalidade de que não compete apenas aos "garis" a limpeza urbana, mas sim que a mesma será, como o é, uma decorrência da ação de cada um, isoladamente, de vigilância e de se evitar jogar detritos às ruas".

Cada blumenauense que vê diariamente, jovens e adultos, sem pejo algum jogarem às calçadas palitos de fósforo, maços vazios de cigarros, papéis os mais diversos e restos de lanches, certamente sentirá a procedência de tal argumento.

Vamos, amigos, a uma cidade de flores e limpa. Daí caminharemos, com certeza para a formação de um núcleo de turismo que virá beneficiar diretamente ao Comércio e Indústria, e indireta e positivamente a todos os que trabalham nesta dinâmica e ativa Blumenau.

Vamos colaborar. Plantando flores ou mantendo a cidade limpa, estaremos indo ao encontro do pensamento – certo – dos homens que serão amanhã responsáveis pela criação de meios para que mais e mais visitantes acorram à nossa Blumenau, aqui deixando o resultado do esforço concentrado de uma comunidade que soube abrir caminho para lhes dar as atrações que estavam a desejar.

Flores a uma rainha: Blumenau será ajardinada pela Comissão de Turismo[2]

Blumenau, "Rainha do Vale do Itajaí", jóia de grande valor, encravada numa cadeia de montes verdes de vegetação luxuriante, engalana-se ainda mais, para receber seus admiradores – os turistas.

Um dos primeiros passos da recentemente criada Comissão Municipal de Turismo foi o de ajardinamento das principais ruas da cidade, entre as quais a Alameda Rio Branco, de grande beleza.

Colaboração Valiosa do 1°/23° R.I.

Foram iniciadas, pela Comissão Municipal de Turismo, e preciosa colaboração do 1°/23° R. I., no dia 11 do corrente, os trabalhos de ajardinamento da

2 Fonte: A Cidade de Blumenau. 23/set/1967.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Alameda Rio Branco.

A referida alameda será ajardinada com azaléias, e para tanto, solicitamos colaboração de todos os blumenauenses, no sentido de cederem mudas das referidas flores.

Os cidadãos que desejarem colaborar com o embelezamento da cidade doando mudas de azaléias, poderão telefonar para a Biblioteca Pública Municipal, "Dr. Fritz Mueller", dando nome e endereço, que a Comissão de Turismo se encarregará de mandar buscá-las.

Blumenauenses, cooperem com o embelezamento da cidade, construindo muros e calçadas defronte aos seus terrenos, para darmos, desta maneira, melhor aspecto à cidade.

Colaborando com a Comissão de Turismo, no sentido anteriormente mencionado, estarão colaborando para uma Blumenau cada vez mais florida.

Colaboração dos blumenausenses

Todos, indistintamente podem colaborar para o embelezamento de nossa cidade. Particulares, indústrias e comércio. Através do ajardinamento e da renovação de seus jardins de suas fábricas e suas casas comerciais.

Os jardins blumenauenses são de beleza incomensurável. Flores maravilhosas são cultivadas e apresentam-se, principalmente na Primavera (na qual entramos ontem), com um aspecto formidável, de rara beleza.

Nos moldes de outros centros, conclamamos os blumenauenses a permutarem mudas de flores, entre si, para maior destaque e maior beleza de seus jardins.

Quanto às indústrias locais, nada mais justo que suas diretorias determinem providências no cultivo de jardins, na renovação de pinturas dos prédios e em outras melhorias que virão embelezar consideravelmente a nossa cidade.

Os lojistas da cidade, que tantas e tão valiosas colaborações têm prestado a Blumenau, devem esmerar-se nos arranjos de suas vitrines, na renovação das fachadas de seus estabelecimentos e na iluminação. Cabem-lhes as maiores vantagens. Estabelecimentos bem decorados, fartamente iluminados, com letreiros adequados, serão, indiscutivelmente, os mais visados pelos turistas que aqui acorrem na temporada de veraneio.

Enfim, todos os blumenauenses, da maneira que puderem, deverão colaborar com a Comissão Municipal de Turismo, senão na renovação e na melhoria de suas propriedades, pelo menos conservando a cidade limpa, característica que a identifica em todo o Território Nacional.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Jovem Cabeludo": este formidável controvertido homem do amanhã.

"Jovem Cabeludo": este formidável e controvertido homem do amanhã. [1]

Os jornais do mundo inteiro, diariamente, fixam em suas páginas fotos e textos sobre jovens que, aqui e ali, se constituem em notícias as mais extravagantes e controvertidas, empolgando, entristecendo e alegrando, tudo ao mesmo tempo.

Cabelos compridos, andar displicente, olhar sonhador e uma guitarra. Eis a mistura ideal para o jovem "beatnick", amante do "ié-ié-ié" ou de qualquer outro ritmo que traga mensagem de movimento.

Onde Surgiram

"Os Beatles" ingleses, ao deixarem crescer o cabelo e iniciarem sua vida artística - bons ou maus - são artistas renomadíssimos, nunca poderiam supor que alcançariam o sucesso que alcançaram. Nunca sonhariam que iriam desencadear um movimento do tamanho que desencadearam.

Para a maioria dos "jovens cabeludos", o século do cabelo comprido começou com eles. Na verdade, porém, começou muito antes. Surgiu com os jovens artistas franceses, reunidos em "Montparnasse", "Pigalle" e outros bairros parisienses. Surgiu com os primeiros cafés cantantes, ponto de encontro daqueles que, na Inglaterra, são conhecidos como "beatnicks".

Revistas da época focalizaram estes jovens em todos os seus aspectos. Entre eles haviam cantores famosos, pintores renomados, compositores inspirados, poetas enfermos e vagabundos profissionais.

Desejavam, como desejam os seus seguidores europeus, viverem e viverem. Nada mais lhes interessa. Cabelos compridos. Unhas compridas e sujas. Roupas extravagantes. Bolsos vazios. Primarismo na alimentação e no vestuário. E muita vida.

1 Cidade de Blumenau. Blumenau, 10/08/1967.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os Jovens de Hoje

Os nossos jovens "cabeludos" de hoje diferenciam-se, e muito daqueles, por uma série de razões. Primeira, porque, para o serem, precisam de uma situação financeira privilegiada. Suas guitarras desafinadas, suas vozes incultas, suas canções desconexas, suas vidas plenas de sonhos e fantasias, complementam-se às afinidades e diferenciam-nos dos europeus.

Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Vanderléia, Wanderlei Cardoso, Ronnie Von e tantos outros jovens cantores e compositores brasileiros são seguidos, imitados, confundidos. Tudo o que dizem, que vestem, que usam, são repetidos, vestidos e usados pelos jovens daqui e do Brasil inteiro.

Suas canções correm o Brasil de ponta a ponta. São interpretadas pelos mais famosos ídolos da canção brasileira. São criticadas, aplaudidas e comentadas por todos.

Os Homens do Amanhã

Nós, como jornalista que somos, como pai que somos, como homem e como brasileiro, acreditamos no jovem. Somos daqueles que sabem que o futuro do Brasil depende deles.

Este jovem de hoje, cabeludo ou não, será o homem de amanhã. Será o técnico competente, o administrador competente, o legislador bem intencionado, o militar fiel e o mestre abnegado.

Tudo o que seremos, o que serão os nosso filhos e os nossos netos, dependerá destes jovens. Jovens que se apaixonam com facilidade e que não se vendem nunca.

Incentivá-los, hoje, mesmo com estas extravagâncias, é dar-lhes condições adequadas para um amanhã venturoso e progressista. Combatê-los agora é auxiliá-los a saberem se defender. Criticá-los é dar-lhes meios de formação psicológica. Elogiá-los é incentivá-los. E o círculo está fechado.

O Brasil de amanhã pertence aos brasileiros. E os jovens indiscutivelmente são os maiores brasileiros que existem, pelas suas idéias avançadas e pelo futuro que os aguarda e a história que os chama.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Clube de Xadrez de Blumenau 1917-1947

Abrimos o relato histórico com as palavras do próprio fundador do clube, o enxadrista O. G. Fats, conhecedor profundo da vida enxadrística de Blumenau. Sua exposição tem a força da autoridade, que lhe empresta o testemunho direto:

"O jogo de xadrez, em Blumenau, sempre foi praticado com animação. Consta que já o Dr. Hermann Blumenau jogava suas partidas com os senhores Wendeburg, Stutzer, Friedenreich, Gärtner e outros.

Mais ou menos, em 1909-1915, havia um "grêmio" instalado no pequeno Café Krüger, na Alameda das Palmeiras, de propriedade do ecônomo do Teatro "Frohsinn". Entre os componentes, posso citar o Dr. Méd. Gensch, Nickel, Justen, Walter Schmidt, eu e outros.

Entre 1913 a 1917, existiam dois pontos de concentração, onde as pessoas que sabiam movimentar as peças do tabuleiro não passavam sem serem chamadas a demonstrar seus conhecimentos. O primeiro era no restaurante de Ermínio Moser, apaixonado jogador de xadrez, ficando seu estabelecimento situado na Travessa 4 de Fevereiro, no mesmo local onde funciona, hoje, o jornal "A Cidade de Blumenau". O segundo, o principal pela afluência, na Farmácia Cruzeiro, de Anton & Boehm. No escritório dessa farmácia, o Sr. Georg Boehm, um dos proprietários e grande protetor dos enxadristas de Blumenau, estava sempre disposto a disputar ou piruar uma boa partida. Em certas ocasiões, a freqüência era animadora, notando-se, até, a presença de enxadristas de outras localidades. Assinalo: Dr. Gensch, Dr. Kuebel, O. Rohkohl, Dr. Rehag, Walter Schmidt, Francisco Runze, Demétrio Schead e vários outros

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de cujos nomes não me recordo.

Repetidas vezes, ventilou-se a necessidade de fundar um clube de xadrez, mas, a iniciativa não ia adiante. Certo dia, tomei o leme: convidei, pessoalmente, os amadores que conhecia, e instei, pela imprensa, no comparecimento dos interessados à reunião inicial, no dia 9 de março de 1917, no café Katz, rua 15 de Novembro, esquina da atual alameda Rio Branco.[1]

Nessa reunião, foi fundado o clube de xadrez, com a presença dos amadores que seguem: Georg Boehm, Franz Blohm, Nic. von Czékus, Frederico Blohm, O. G. Fats, F. Kugler, Dr. Rehag, Francisco Runze, O. Rohkohl, Walter Schmidt, Alfredo Baumgarten, Francisco Gestwicki, B. Glasmacher, H. Herweg, O. Herweg e S. Katz.

Organizado e eleita a sua diretoria, o clube tornou-se um centro para onde convergiam os admiradores de Caissa. Com o fim de não cansar o leitor, passarei a fazer uma síntese das suas atividades, abrangendo todo o período anterior ao ano de 1937. Quero esclarecer que a sede do clube foi, inicialmente no Café Katz, no mesmo prédio onde hoje está a Casa Kieckbush. Isto, até o ano de 1923. Posteriormente, a sede teve que ser transferida várias vezes. De 1923 a 1925 – Restaurante A. Laux; de 1925 a 1929 – Café Eimer; de 1929 a 1933 – Clube Germânia;[2] de 1933 a 1937 – Clube Náutico América; e, no mesmo ano de 1937 – Hotel Elite.

Diretorias: Georg Boehm exerceu a presidência desde a fundação até 1927; em seguida, sucedeu-lhe, até 1937, na direção, Otto Rohkohl. Tesoureiro, em todo o período: Walter Schmidt. Secretários, em sucessão: Frederico Blohm e Francisco Runze. Em todo o período, cumulativamente, coube-me a direção técnica e a vice-presidência.

No primeiro torneio que se efetuou, tomaram parte 24 jogadores, sendo em turno e returno. Os cinco primeiros colocados, nesse torneio, concorreram a uma outra prova. A classificação foi esta: 1° – José Kugler; 2° – O. G. Fats; 3° – Francisco Runze; 4° – Bartel Glasmacher; 5° – Frederico Blohm.

Abaixo transcrevo uma das partidas jogadas, na qual noto um final belíssimo. É, para que se possa apreciar como os amadores se defrontavam em 1920, época em que foi feito o torneio.

1 Neste local está edificado atualmente a Casa Flamingo.

2 Como complemento, anexamos as seguintes impressões, registradas especialmente, para esta edição, por um dos freqüentadores das reuniões do clube:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BRANCAS	PRETAS
Boehm	Kugler
1 Pe2 – e4	Pe7 – e5
2 Pb2 – b3	Pf7 – f5
3Pe4 X f5	Cg8 – f6
4 Pg2 – g4	Bf8 – c5
5 Dd1 – e2	Pd7 – d5
6 De2 X e5 x	Re8 – f7
7 De5 – f4	Th8 – e8 x
8 Cgl – e2	Cf6 – e4
9 Df4 – f3	Bc5 X f2 x
10 Re1 – d1	Cb8 – c6
11 Pd2 – d3	Cc6 – d4
12 Ce2 X Cd4	Ce4 – c3 x!
13 Cb1 X Cc3	Te8 – e1 x
14 Rd1 – d2	Dd8 – g5 x!

Seguiu-se uma série de certames, realizados em datas diferentes. Posso citar dois torneios quadrangulares, três torneios triangulares e quarenta matches. Uma lista longa, difícil de reproduzir. Nessas provas, tomaram parte, além dos amadores já citados, alguns como concorrentes de umas e não participantes de outras, os enxadristas seguintes: – Gustavo Lindholm, van Riesen, Freygang, V. Schleiff, Gustavo Thomsen, Dr. W. Schneider, Leiwesmayer, H. Marquart, Dr. H. Pape, Jorge Thomsen, A. Mayer, Dr. Sampaio Neto."

Do exposto, se vê que os apontamentos do amigo Fats são muito valiosos, pelo que deixamos consignados, nestas linhas, os nossos mais expressivos agradecimentos.

Prossigamos. No primeiro campeonato, antes de 1929, patrocinado pelo clube, e nos subseqüentes, aos anos de 1931 e de 1933, em que participaram os mais fortes jogadores daquele tempo, saiu vencedor O. G. Fats, sagrando-se campeão da cidade. Figuram, entre outros, como participantes, no campeonato de 33: – Cássio Medeiros, Heitor Ferraz e Braunsberger.

Foi assentado um matche com os amadores da cidade de Joinville. O primeiro encontro deu-se no Salão Brueckheimer, no bairro "Velha", em 26 de setembro de 1936, tendo vencido a turma joinvillense. Representaram Blumenau: Jorge Thomsen, Francisco Runze, A. Meyer, Gustavo Thomsen, Dr. H. Pape,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A. Lindholm, Willy Gude, H. v. Wieckern; representaram Joinville: W. Fickert, G. Hoffmann, Gutschow, Eberhardt, Schmidlin, G. Leye, W. Meyer, Th. Moestel.

Em 22 de maio de 1937, jogou-se o segundo encontro, na cidade de Joinvile, cabendo, desta feita, a vitória aos amadores de Blumenau. Mais tarde, realizou-se um terceiro, em Blumenau. Neste, venceram, a taça definitiva pertenceria ao grupo que marcasse três vitórias. Provisoriamente, está em poder dos joinvilenses, até que se realize outra prova.

Jogaram, por parte dos blumenauenses, em substituição de outros, O. G. Fats, no segundo encontro, e, no terceiro, O. G. Fats e V. Schleiff.

Abrimos um parênteses para declarar que o Clube de Xadrez de Blumenau, em assembléia geral, no ano de 1937, conferiu, por unanimidade, ao campeão invicto O. G. Fats, o título de "Campeão Veterano de Blumenau" e o de "Sócio Benemérito".

No bairro da "Velha", desta cidade, residiam vários amadores de xadrez. Encontravam-se em casa de um ou de outro, e, na maioria das vezes, na casa de Obermaier, grande animador e entusiasta. Existe, aí, uma árvore frondosa, com sombra amiga e convidativa, tão exalante das emoções dos enxadristas agrupados ao redor, com seus tabuleiros sobre mesas de emergência.

Daí surgiu a idéia de se fazer um torneio, que foi levado a efeito em 1933, numa das dependências do negócio do Sr. Rodolfo Mayer. Nesta competição participaram: Rodolfo Mayer, Leiwesmaier, Francisco Obermaier, Gustavo Lindholm, João Heimann, Walter Schmidt, Dr. Hans Pape, Cássio Medeiros, Domingos Borba, Otto Rohkohl, José Kugler, Victor Schleiff, Francisco Runze.

Resultado final: – 1° Gustavo Lindholm; 2° Francisco Runze; 3° José Kugler.

Mais tarde, realizou-se um novo torneio; tirando o primeiro lugar Francisco Runze. Foi-lhe entregue um belíssimo troféu.

Pode ser que o entusiasmo provocado por essa competição, desse margem a que nascesse a idéia da fundação de um novo clube. Assim, no dia 11 de março de 1934, o veterano enxadrista Willy Gude reuniu os amadores e fundou o Clube de Xadrez da "Velha". Foram estes os sócios fundadores: Willy Gude, Henrique van Wickern, Eugen Brueckheimer, Georg Soechel, Ernesto Obermaier.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Mensalidade: Cr$ 0,50.

Membros da diretoria – presidente: Willy Gude; secretário: G. Soechel; tesoureiro: Henrique van Wickern.

———

Muitos enxadristas de renome visitaram as sessões do clube, que se realizavam às segundas e sextas-feiras. Dentre os visitantes, devemos mencionar o nome do conhecido enxadrista internacional Canal; o mestre paulistano Gilberto Larda; o ex-campeão carioca Luiz Viana; o mestre internacional e conhecido escritor Dr. Seitz; e o profissional Ludwig Engels.

II

Para incrementar e desenvolver o jogo de xadrez em Blumenau, as diretorias dos dois clubes organizados, resolveram fazer uma fusão, reunindo os dois num clube único, o que se efetivou na sessão realizada, para esse fim, em 28 de abril de 1938.

Todos os documentos existentes foram lidos pelo secretário "ad hoc" Cássio Medeiros, e aprovados por ambas as diretorias. Torna-se, aqui, necessário um esclarecimento. O clube fundado no centro da cidade, no Café Katz, era denominado "Clube de Xadrez Blumenau" e o outro, organizado na "Velha", "Amigos de Xadrez Blumenau".

Por ocasião da fusão, mudaram o nome para "Clube de Xadrez de Blumenau".

Composição da diretoria do clube da cidade, naquela ocasião: presidente – O. G. Fats; diretor – Francisco Runze; tesoureiro – Walter Schmidt. Composição da diretoria do clube da "Velha", naquela mesma ocasião: presidente – Willy Gude; vice-presidente – O. G. Fats; secretários – Cássio Medeiros e Eugen Brueckheimer; tesoureiros – Amandus Hoffmann e Henrique van Wickern; diretor de jogos – João Heimann.

Em junho desse ano, a presidência do clube foi entregue ao devotado enxadrista Gustavo Thomsen. Durante sua gestão, o clube promoveu, em uma das salas do Teatro Carlos Gomes, um torneio de freqüência, no qual participaram 27 jogadores: – Dr. Fontes Lima, F. Runze, H. van Wickern, Nicácio Heusi, Walter Seelbach. L. Schiedrich, J. Heimberg, Artur Lindholm, A. Ditrich, H. Antonius, Ariosvaldo Guimarães, Felix Laux, Agenor Novais, Willy Gude, A. Sievert, Cássio Medeiros, Laubmeyer, Timermann, A. Kiel, Dr. Pape, Gustavo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Thomsen, Evaldo Benthien, Frederico Prunzel, Odlion Castro, Eugenio Jahn, John Freshel. Isto em 1940, ano em que passamos a residir nesta cidade. Duas partidas simultâneas foram realizadas com pequeno intervalo entre uma e outra, conduzidas pelo mestre Dr. Seitz e pelo ex-campeão carioca Luiz Vianna. Também jogávamos uma, antes das duas citadas.

Era muito comum haver um esmorecimento nas atividades do clube, notando-se este fenômeno freqüentemente, mesmo ainda hoje. A sede, depois do Hotel Elite, passou para o Teatro Carlos Gomes, e, daí, para a Sorveteria Moderna (1941).

O presidente Gustavo Thomsen convocou uma reunião, que se efetuou no dia 25 de julho de 1941, com o objetivo de dar nova vida ao clube. Nessa reunião, foi eleita a seguinte diretoria: presidente – Nicácio Heusi; secretário – Cássio Medeiros; tesoureiro – Gustavo Thomsen e mais tarde Humberto Sada. Sob a égide desta diretoria, realizaram-se diversas provas que contribuíram para animar o ambiente enxadrístico local. Faremos, delas, um resumo.

Durante a passagem do profissional de xadrez Ludwig Engels, no mês de outubro, foi possível estabelecer o recorde catarinense em simultânea, o de 28 tabuleiros. Engels venceu 27 e empatou uma. No dia 10 do mesmo mês, teve lugar uma interessante competição. Uma partida conduzida por ambos os contendores, às cegas, isto é, "sem ver" tabuleiro e peças. Tivemos que enfrentar o mestre durante duas horas e cinqüenta minutos; acabamos abandonando, depois de 47 lances. O nosso tempo foi de 1 hora e 15 minutos; o mestre consumiu 1 hora e 35 minutos. Aproveitando sua estadia, efetuaram-se diversas outras provas, algumas em consulta, que despertaram muito entusiasmo. Em todas, o mestre demonstrou sua alta classe.

No ano seguinte, no mês de maio, com a participação de elevado número de concorrentes, simultaneamente, o clube promoveu três torneios: veteranos, principiantes e juvenil. Constituíram, inegavelmente, um acontecimento de alta significação, pelo êxito esportivo. Damos, abaixo, os resultados e os nomes dos participantes, pela ordem de classificação.

Torneio dos Veteranos: Frederico Prunzel, Walter Seelbach, Artur Lindholm, Cássio Medeiros, João Heimberg, Ariosvaldo Guimarães, Nicácio Heusi, Henrique Wickern, Eugenio Jang, Ageo Guerreiro, Ludwig Zschiedrich, Erwin Seelbach, Alfons Tiemermann, Luitpold Kest, John L. Freshel, H. Goennemann.

Torneio dos Principiantes: J. Borba, Humberto Sada, Hermann Lang Filho, Ernesto Aiching, Álvaro Silveira, Estefano Blanck.

Torneio Juvenil: Geraldo Blanck, Waldemar Albrecht, Humberto A.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sada, Aurélio O. Sada, Ernesto Blanck, Derby Silveira.

Dado o grande interesse despertado por esses torneios, o Dr. Antonio V. Ávila Filho organizou duas competições entre duas turmas denominadas NORTE e SUL. Na primeira tomaram parte 28 jogadores e, na segunda, 30 jogadores; tendo saído vencedor o grupo do Sul, por 15 X 12.

No dia 20 de setembro, realizou-se um Torneio "Relâmpago", em que tomaram parte vários amadores "veteranos" e "principiantes". Os veteranos foram distribuídos, na eliminatória, em três grupos de seis; participando, no final, os dois primeiros colocados de cada turma. O torneio obedeceu às regras em uso; sendo adotado o relógio especial, adequado à uniformização do tempo.

Entre os 18 jogadores inscritos nessa prova, venceu Bruno Laux, seguido de A. Gruner.

Na turma dos principiantes, inscreveram-se os cinco amadores que seguem, conforme sua ordem de colocação:

Humberto Sada, Marinho Veiga, H. Lang, Antonio Duarte e Antonio M. C. da Veiga.

Campeonato de Xadrez de Blumenau. Esta é a prova máxima que o clube conseguiu levar a efeito. Começou em novembro de 1942 e terminou em maio de 1943, por diversas circunstâncias imperiosas que retardaram o seu término. Teve o concurso dos destacados amadores que seguem: John L. Freshel, Cap. Dr. Moacyr de Azambuja, Dr. Luiz Navarro Stotz, Aggêo Guerreiro, Nicácio Heusi, Cássio Medeiros, Arthur Moellmann, Eugenio Jahn, Frederico Prunzel, Arthur Lindholm, Dr. Antonio V. Ávila Filho, Francisco Runze, Bruno Laux, Carlos Techentin Jr., Arno Gruner, Afonso Dietrich.

A fim de obter-se melhor resultado, efetuou-se uma eliminatória, em turno e returno, na qual os jogadores foram distribuídos em quatro grupos. Classificaram-se para a competição final, em que seria defendido o titulo de campeão de xadrez de Blumenau, os seguintes amadores, considerados como campeões de grupos: Dr. Moacyr de Azambuja, Nicácio Heusi, Francisco Runze e Afonso Dietrich.

Venceu, brilhantemente, o amador Nicácio Heusi, sagrando-se Campeão de Xadrez da cidade de Blumenau.

Houve, novamente, um esmorecimento, que durou quase três anos. No dia 28 de maio de 1945, na reunião que se realizou no salão central do Clube Náutico América, gentilmente cedido para funcionar a sua nova sede, foi eleita a seguinte diretoria: Cássio Medeiros, presidente; Rômulo Silva, secretário; Henrique van Wickern, tesoureiro; Demétrio Schead, diretor de jogos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Foi lido, nessa ocasião, o projeto dos Estatutos que damos abaixo:

CAPÍTULO I
Fins e denominação

Art. 1° – O Clube de Xadrez de Blumenau, fundado nesta cidade, em ... de ... de 19 ..., é uma associação de número ilimitado de pessoas, sem distinção de sexo e de nacionalidade, que se dedica ao cultivo e propaganda do jogo de xadrez.

Art. 2° – Além de promover, quando houver possibilidade, matches com os clubes congêneres, seus fins são:

§ 1° – Realizar, oficialmente, duas ou mais sessões por semana;

§ 2° – Conservar os salões do clube à disposição dos sócios;

§ 3° – Organizar torneios de partidas e de problemas, sessões de simultâneas, uma ou mais vezes por ano;

§ 4° – Instalar uma biblioteca, especialmente de xadrez;

§ 5° – Distribuir prêmios aos vencedores de torneios, de partidas e de problemas;

§ 6° – Comemorar, a juízo da diretoria, o aniversário do clube, e cujas festas poderão assistir todos os sócios quites e suas famílias.

CAPÍTULO II
Sócios: admissão, direitos, deveres e penas

Art. 3° – Para ser sócio, é mister que o proposto tenha boa conduta, posição social e idade, que não poderá ser inferior a 18 anos.

Art. 4° – Há três espécies de sócios:

§ 1° – Contribuintes, os que concorrerem com a respectiva jóia e mensalidade;

§ 2° – Beneméritos, os que prestarem serviços relevantes ao clube, distinção que só poderá ser conferida pela assembléia geral;

§ 3° – Correspondentes, os residentes em outra cidade e que contribuem anualmente com a quota de Cr$ ...

Art. 5° – Os sócios têm direito de freqüentar o clube e gozar de suas regalias, e saber:

§ 1° – Quando quites, assistir às reuniões da assembléia geral, podendo discutir, propor, votar e ser votados;

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

§ 2º – Requerer a convocação da assembléia geral, declarando o motivo, e acompanhado por 10 sócios quites, que deverão assinar o requerimento;

§ 3º – Aceitar e desempenhar os cargos para que forem eleitos ou nomeados;

§ 4º – Concorrer com a jóia de Cr$ ....., no ato de sua admissão, e a mensalidade de Cr$ .....;

Art. 6º – O contribuinte que estiver atrasado em suas mensalidades por mais de três meses, sem causa justificável, perde o direito de sócio.

CAPÍTULO III
Diretoria

Art. 7º – O clube será administrado por uma diretoria , eleita anualmente, composta de presidente, secretário, tesoureiro e diretor de jogos.

Art. 8º – Compete ao presidente: representar o clube, presidir as sessões e dirigir todos os seus negócios.

Art. 9º – Compete ao secretário: substituir o presidente, escriturar os livros e demais assuntos relacionados com o expediente da secretaria.

Art. 10º – Compete ao tesoureiro: promover e arrecadar as receitas do clube e pagar somente as contas visadas pelo presidente.

Art. 11º – Compete ao diretor de jogos: organizar matches, torneios de partidas ou de problemas, de acordo com a diretoria.

CAPÍTULO IV
Assembléias Gerais

Art. 12º – Anualmente, a diretoria realizará uma assembléia geral, obedecendo à seguinte ordem do dia:

a) – leitura da ata da última assembléia;
b) – relatório apresentado pelo presidente;
c) – eleição da diretoria, dando-lhe posse em seguida.

CAPÍTULO V
Disposições Gerais

Art. 14º – O título Clube de Xadrez de Blumenau, adotado por esta sociedade, e seus fins, não poderão, de modo algum, ser alterados.

Art. 15º – A dissolução do clube só poderá realizar-se por deliberação

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da Assembléia Geral, expressamente convocada para tal fim.

§ único – Votada a dissolução, todos os haveres do clube, depois de pagos os débitos, terão a aplicação que lhes der a Assembléia Geral.

Art. 16º – Os casos omissos serão resolvidos pela diretoria, de conformidade com as circunstâncias.

Blumenau, ... (Data)

Comissão Constituída:

Aprovado na Assembléia Geral da
Diretoria Atual

Sob o patrocínio do clube, jogou-se um matche, em outubro de 1945, entre elementos da cidade e do bairro da "Velha", todos pertencentes ao quadro de sócios do Clube de Xadrez de Blumenau.

Cidade: Demétrio Schead, Francisco Runze, Henrique van Wickern, Konrad Zänklein, Willi Willecke, Dr. Lascaris.

Velha: Walter Seelbach, Willi Gude, Heinz Antonius, Rodolfo Mayr, Ernesto Obermaier, E. Brueckheimer.

O turno foi jogado no América, e o returno, na residência do Sr. Obermaier. Venceram os primeiros, por 8 ½ X 3 ½ pontos.

Em março de 1946, deu-se a nova passagem do profissional Ludwig Engels, conhecido mestre de xadrez. Tomou parte em diversas provas, algumas efetuadas no Clube Náutico América, e outras, no bairro "Velha", inclusive uma simultânea de 25 tabuleiros. Resultado desta: + 21 = 3 – 1; durando a sessão três horas e vinte minutos. Empataram, com o mestre, os amadores Cid Oliveira, Erwino Seelbach e Christiano Gude. O veterano enxadrista Henrique van Wickern foi o único a derrotar o mestre.

Os encontros, na "Velha", foram realizados na residência do Sr. Obermaier, onde costumam reunir-se os "amigos de xadrez".

Tivemos oportunidade de enfrentar o mestre, numa partida amistosa; perdemos, depois de duas horas de jogo.

Campeonato da cidade – 1946 – A última competição foi levada a efeito no ano de 1943. venceu Nicácio Heusi, depois de uma luta árdua, em que participaram dezesseis jogadores aguerridos, conquistando, assim, o título de Campeão de Xadrez da Cidade de Blumenau. Com seu afastamento para Rio do Sul, onde fixou residência, o posto ficou vago. No ínterim que medeia entre este ano e aquele, não houve possibilidade de uma nova competição.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Finalmente, o clube conseguiu promover o campeonato da cidade, em bases idênticas às do anterior. Coube-nos a direção técnica. Muito contribuiu para o seu completo êxito, a colaboração eficiente dos esforçados amadores Rômulo Silva e Frederico Prunzel.

Entre os vinte e um participantes, tinham assento representantes dos principais bairros da cidade, o que contribuiu para realçar essa prova.

Alguns dos concorrentes, por residirem distantes, tiveram que percorrer 10 kilômetros, à noite, de bicicleta, para jogar suas partidas, nos dias marcados na tabela de emparceiramento! E com uma pontualidade bem rara, digna de ser imitada como exemplo.

A satisfação experimentada nas expectativas de uma partida de xadrez, não se sente em outra competição. É uma luta que alia sensações emotivas às vibrações do sistema nervoso. Irmana os disputantes. Aproxima e nivela, pela correção, pela espiritualidade e pelos princípios de respeito mútuo.

A frase preliminar obedeceu à seguinte distribuição:

Grupo A – Willy Gude, Capitão Vicente de Brito e Walter Seelbach.
Grupo B – Artur Lindholm, Wilhelm Willecke e Henrique van Wickern.
Grupo C – Walter Schmidt, Djalma Dopheide e Arminio Muller.
Grupo D – Cássio Medeiros, S. P. Lascaris e Ervino Lemke.
Grupo E – Israel Goldhirsch, Francisco Runze e Josef Kugler.
Grupo F – Rodolfo Mayr, Harry Brueckheimer e Alfonso Sievert.
Grupo G – Carlos Budag, Heinz Antonius e Ernesto Obermaier.

Todos se empenharam firmemente, praticando o amadorismo em sua mais alta expressão. A prova decorreu em um ambiente puramente esportivo. Alguns jogadores fortes não conseguiram chegar à fase final, sendo alijados por fatores circunstanciais.

Houve situações interessantes, partidas "duras" e outras sensacionais, que muito contribuíram para renovar o entusiasmo. Após a sexta rodada, encerrou-se a eliminatória; tendo vencido, em seus respectivos grupos, os amadores Willy Gude, Artur Lindholm, Djalma Dopheide, Cássio Medeiros, Rodolfo Mayr, Carlos Budag e Francisco Runze.

Estes sete finalistas competiram na prova decisiva, em que devia sobressair o expoente digno de ostentar o cobiçado título, conquistado em um torneio regulamentar.

Ao terminar essa competição, verificou-se a vitória do veterano amador Francisco Runze, enxadrista distinguido nos meios locais. Além do prêmio a que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fez jus, foi-lhe entregue um lindo diploma, trabalho esmerado da Tipografia Blumenauense S/A.

"Em 1931, jogava-se muito xadrez em Blumenau. A sede do clube estava localizada em uma das dependências do Clube Germânia, onde, em determinados dias da semana se reuniam os amadores, disputando partidas amistosas. Vários exadristas ainda integram o atual clube. O jogador que manteve a supremacia durante quase todo o tempo de vida da antiga agremiação, o Sr. O. G. Fats, até agora, conserva-se em perfeita forma. Em São Paulo, durante sua estadia, brilhou no torneio de duplas, obtendo, com o seu companheiro a primeira colocação.

O clube não cobrava mensalidades e creio que nem fazia relação dos sócios. Quando havia necessidade de reaparelhá-lo, um dos componentes desembolsava, sorridente, a quantia precisa para a compra de um tabuleiro e jogos.

A figura mais "notável", dentre os sócios, era o Sr. X, hoje falecido. Era o tipo do "unha de fome". Não gostava de fazer pequenos gastos, com uma xícara de chocolate com doces, um vinhozinho quente, muito apreciado, então, e que constituía "fórmula secreta" do zelador do clube, que, por sinal, também jogava, com entusiasmo, embora fosse "fundo". O Sr. X não se conformava com uma derrota. Quando isso acontecia, derrubava, violentamente, as peças do tabuleiro, espalhava cinzas nas toalhas e rezingava com os companheiros. Um dia, com bastante tato, o zelador do clube fez-lhe ver que não era mais "persona grata"...

Outra do Sr. X: Se conseguia vencer uma partida contra um jogador mais forte, recusava-se a jogar, durante meses, e, quando o encontrava em alguma roda de enxadristas, sempre dizia que tinha ganho a última partida...

Não se jogava calado, como hoje no "América". As reuniões tinham mais o aspecto íntimo. Alguns assobiavam, outros cantavam, dificultando a concentração no desenvolvimento da partida. Porém, tornava-se divertido. As reuniões prolongavam-se até altas horas. Tomava-se cerveja à vontade. Escutava-se música e comia-se bolinhos recheados com doce. E... também jogava-se xadrez.

A primeira vez que o "rabiscador" destas linhas apareceu no clube, entrou meio desajeitado. Vindo de um ambiente estranho, ignorava a camaradagem reinante entre velhos e moços. Embora não entendesse patavina das palestras em idioma que não o seu, bem depressa habituou-se às noitadas enxadrísticas e passou a ser bem visto pelo pessoal da turma."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Autores Catarinenses

- **Crispim Mira**

- **O Publicitário do Diabo**

- **"São" João Maria e outros assuntos**

TEXTO:
ENÉAS
*ATHANÁZIO**

Crispim Mira

Conversando com um jornalista de outro Estado, em Brasília, ele me dizia que andou por aqui e muito indagou sobre Crispim Mira, em Joinville, Blumenau, Florianópolis e outras cidades, e quase nada souberam lhe dizer. Sua curiosidade pelo escritor e jornalista catarinense fora despertada pela leitura de meus artigos e do livrinho que sobre ele publiquei ("Jornalista por Ideal" – Fundação Casa Dr. Blumenau – 1992). Também não encontrou nas livrarias e sebos um só livro de sua autoria, todos esgotados e em geral desconhecidos. A conversa me deixou a desagradável sensação de que, mesmo tendo escrito inúmeros artigos, em jornais e revistas, além do referido volume sobre Crispim Mira, perdi o meu latim. Até mesmo Joinville, terra natal do escritor e jornalista, muito pouco sabe a respeito dele. Nosso Estado não tem o hábito de cultivar seus expoentes na área cultural e a eles votamos total indiferença. Enquanto em outros Estados são exaltados ao exagero, como acontece com Raul Bopp no Amazonas, Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir no Pará, Da Costa e Silva no Piauí, José de Alencar no Ceará, Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte, José Américo e José Lins do Rego na Paraíba, Gilberto Amado em Sergipe, Jorge Amado na Bahia, Guimarães Rosa e Mário Palmério em Minas, Monteiro Lobato em São Paulo e Érico Veríssimo no Rio Grande do Sul, - isso para citar apenas exemplos, - aqui não sabemos de ninguém, não os conhecemos e, o que é pior, não revelamos interesse em conhecer. Cruz e Sousa, depois da campanha realizada a respeito dele, é lem-

* Escritor e Advogado

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

brado, mas de forma vaga, revelando que é um conhecimento superficial e que a maioria nunca o leu.

E, no entanto, Crispim Mira (1880/1927) foi um jornalista modelar, em tudo destoante do jornalismo cinzento de uma época em que os jornais, em geral, se atrelavam a facções políticas. Investigativo e de combate, dono de agudo senso crítico e de grande coragem, denunciava às claras as falcatruas que já então se cometiam. Numa campanha contra os desmandos que se praticavam na Alfândega de Florianópolis, foi vítima de atentado em sua mesa de trabalho, na redação de seu jornal, a "Folha Nova", recebendo um tiro na boca que lhe custou a vida. O crime provocou imensa revolta das pessoas independentes e a tentativa de abafar as notícias, prática até hoje vigente no país. O processo instaurado desapareceu por mistério e o mesmo aconteceu com os exemplares do jornal do período na coleção da "Folha Nova" da Biblioteca Estadual. Seria uma tentativa de esconder a história? Desde então, uma cortina de silêncio recaiu sobre ele e sua obra. Recebeu algumas homenagens póstumas, dessas feitas para efeito externo, e nada mais. Só Francisco José Pereira e eu procuramos desvendar um pouco mais, sem nenhum sucesso, tanto que o pó do esquecimento continua acumulado sobre sua memória.

Além de jornalista, Mira foi advogado provisionado e escritor. No levantamento que fiz de sua bibliografia, encontrei, a muito custo, 18 obras de sua autoria, sendo 14 livros e opúsculos literários e tratando de assuntos da época e 4 jurídicos, uma vez que era costume publicar em volumes os trabalhos mais importantes da atividade forense. Dentre seus livros, avulta o imenso volume denominado "Terra Catharinense", publicado em 1920, e que é dos mais interessantes repositórios sobre as coisas e a gente de Santa Catarina. Foi redigido, na origem, como tese para um Congresso de Geografia, em Belo Horizonte, o que colocou seu autor como um dos pioneiros dos estudos geográficos em Santa Catarina. Melhorado e aumentado, mereceu elogios da melhor crítica, entre eles de Monteiro Lobato, que lhe dedicou dois artigos, e que era o mais importante crítico da época. Escrito em linguagem elegante e agradável, repleto de dados e informações, fotos, desenhos, estatísticas e tratando dos mais variados temas, é um documento importante sobre a realidade catarinense de então. Hoje extremamente raro, o livro bem mereceria uma caprichada reedição. O exemplar que foi meu, assim como muitos outros livros e documentos sobre Crispim

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Mira, doei ao Arquivo Público de Joinville, por entender que ninguém melhor que sua terra natal teria interesse em preservá-los.

Roubado à vida pela violência dos mandões da época, aos 47 anos de idade, Crispim Mira é figura que não pode e não deve ser esquecida pelo povo catarinense. Sua vida e sua obra precisam ser apontadas como exemplo de coragem e talento dedicados à causa pública.

O Publicitário do Diabo

Novela de Carlos Henrique Schroeder

Esta é uma novela para ser lida de uma assentada, sem interrupção, como queria Georges Simenon, e assim conservar em alto nível a sensação provocada pela narrativa. Isso porque, em linguagem simples e direta, o Autor construiu uma novela que se desenrola num ritmo trepidante, onde os episódios se encadeiam e se sucedem com rapidez de cinema, sem, no entanto, deixar de dizer ou sugerir o necessário. Embora esboçados de forma sumária, os personagens são bem individualizados e agem de forma coerente na seqüência das cenas em que vivem as mais dramáticas e inesperadas experiências.

É difícil, talvez impossível, definir-lhe com precisão o gênero, tantos são os terrenos percorridos pela novela ou que afloram ao longo de suas densas páginas.Tem algo de policial e de surreal, de sobrenatural, de mistério e de suspense. Desvenda um tanto dos bastidores da publicidade, envereda pelos caminhos da boemia e da malandragem, com seus golpes, artimanhas, sexo e violência. Não falta nem mesmo boa pitada de crítica social. Em momentos próprios, sabe aliviar a tensão com uma tirada de humor. Mas no fundo, por detrás de tanta movimentação, está a alegoria que demonstra como, às vezes, se torna insuportável a vida terrena.

A narrativa revela um Autor informado e imaginativo, conhecedor dos fatos em que se baseia e que usa a linguagem com desenvoltura. Não tenho dúvida de que este seu primeiro livro será o ponto de partida para uma grande carreira de escritor.

Circulei pela Feira do Livro, realizada em Florianópolis, no mês de setembro, observando tudo que foi exposto. Confesso que fiquei abismado com o que vi: quase só mediocridades. Os autores catarinenses de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

expressão estavam ausentes, não se viam as obras mais significativas e as informações eram precárias. Até antologias, dessas que cobram por página, sem seleção ou revisão, foram "lançadas." A Feira nem de longe deu uma mostra do que é a verdadeira literatura de nosso Estado. Voltei de lá me perguntando se não seria melhor suprimir eventos desse tipo.

Está circulando a quarta edição do romance "Casa Verde", de Noel Nascimento, publicada pela Editora Brasil Diferente (Curitiba - 2001). Bastante aumentado e aprimorado, agora com 215 páginas, esse é um livro importante sobre o "Contestado". É um romance veraz e absorvente, escrito por um homem de letras de recursos e experiência, autor de várias obras. Com largos dotes de imaginação, embora sempre com os pés na realidade histórica, o autor recriou os acontecimentos da Guerra do Contestado que movimentaram o sertão - a casa verde - entre 1912 e 1916. É um painel pintado com cores vivas e autênticas, merecedor da melhor atenção por parte dos interessados nesse fascinante assunto.

Publicada em Lisboa, pela Universitária Editora, com seleção e coordenação da poeta paulista Mariazinha Congílio, está no mercado a "Antologia de Poetas Brasileiros." Contando com a participação de inúmeros poetas de todas as regiões do país, o livro pretende ser uma mostra da poesia aqui produzida nos últimos cinqüenta anos do Século XX. Entre os mais antigos estão Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Vinicius de Moraes, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e João Cabral, entre tantos outros. Nela também estão os mais novos, ainda em atividade, como Aricy Curvello, Carlos Nejar, Cyro Pimentel, João Manuel Simões, Jorge Tufic, Stella Leonardos, Paulo Bonfim e muitos outros. Santa Catarina comparece com Alcides Buss, Lindolf Bell e a gaúcha radicada em Florianópolis Leonor Scliar Cabral. Como se vê, é uma obra que abriga todas as tendências poéticas e agrada aos apreciadores da boa poesia.

Terminei de ler "Chapecó vista por um forasteiro", de Torres Pereira, agora publicado em sua quarta edição. Embora seja uma súmula histórica daquele município, o autor conseguiu fazer um relato leve e bem humorado, em tudo diferente dos aborrecidos livros do gênero, sem com isso se afastar dos fatos. Usando a fórmula criativa de dialogar com a cidade, vai o autor relatando os acontecimentos desde os idos da fundação até

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os dias de hoje, focalizando os principais eventos e os personagens que os viveram. Lá estão os pioneiros, os caingangues, os madeireiros e os balseiros, os empresários de coragem, os educadores, os políticos e outras figuras, como o célebre juiz Selistre de Campos, defensor apaixonado dos índios, e episódios que marcaram fundo a alma do povo, como o incêndio da igreja da cidade e sua intensa repercussão. Também estão presentes os batalhadores da cultura, esbarrando na permanente indiferença dos governantes, envolvidos na criação do Conselho de Cultura e do Teatro do Silo, além de outras reivindicações, em geral modestas, mas que se defrontam com o desinteresse, quando não com a hostilidade de homens públicos despreparados. Mas o município e a cidade crescem com rapidez, em todos os setores, partindo do vilarejo erguido na clareira da floresta para a metrópole dos dias atuais, e isso tudo num período muito curto. Essa evolução está presente no livro, com seus avanços e recuos, marchas e contramarchas, nada escapando ao autor. E assim, em uma centena de páginas, ele nos fornece um relato vivo e palpitante da biografia da jovem metrópole oestina. Está de parabéns o autor e a ele Chapecó muito fica a dever.

"São" João Maria e outros assuntos

A história e os personagens do "Contestado" povoam a imaginação dos escritores, tanto que é cada vez maior a quantidade de trabalhos novos sobre o tema, hoje constituindo imensa bibliografia. Entre os ensaios está "Monge João Maria – Recusa dos Excluídos", de José Fraga Fachel, co-edição das Editoras da UFSC e da UFRGS (1996), a respeito do qual não vi qualquer manifestação.

Professor de Sociologia da UFRGS, o Autor fazia suas pesquisas quando tomou conhecimento de certas romarias que se repetiam em alguns recantos do Rio Grande do Sul e através delas, por vias transversas, passou a nutrir grande curiosidade pela figura do "monge" João Maria, venerada pelos romeiros. Daí foi um passo no sentido de alargar as buscas e desvendar esse personagem místico e lendário que perambulou pelos três Estados do Sul, deixando devotos em todos eles, celebrado em diversos locais. Tratou, então, de seguir as pegadas do "monge", buscando vestígios

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de sua passagem, tomando depoimentos, ouvindo as pessoas do povo, consultando papéis e publicações amareladas pelos anos e percorrendo vasta e eclética bibliografia. O resultado foi este livro que passou a constituir importante contribuição para o conhecimento dos antecedentes da chamada "Guerra do Novo Mundo."

Iniciadas as buscas, não tardaram a aparecer os rastros deixados por João Maria, canonizado como santo pelo povo das regiões percorridas. E o mais curioso é que João Maria, na verdade, foram dois, tendo um sucedido ao outro nas andanças e pregações, mais tarde unificados na consciência popular e na tradição oral como uma só e única pessoa. "O povo chamava todos os monges de João Maria. Não sendo João Maria não seria monge. Dissesse que se chamava Francisco ou Manuel e, talvez, como por encanto, a crença desapareceria. O nimbo da santidade diluía-se na impropriedade do nome" – escreveu Oswaldo Rodrigues Cabral.

O primeiro "monge", italiano de Piemonte, chamou-se João Maria de Agostinho, tendo surgido em Sorocaba, onde se registrou como eremita. Depois de algum tempo deu no Rio Grande do Sul, de onde foi enviado para Santa Catarina, tendo perambulado pelo Paraná, até se recolher à Ilha do Arvoredo, desaparecendo de forma misteriosa e incerta, provocando muita controvérsia. O segundo "monge", que se identificava como João Maria de Jesus, seria de origem francesa e seu nome verdadeiro Anastás Marcaf. Sobre ele sabe-se bem menos que sobre o primeiro, embora ambos fossem grandes andarilhos, percorrendo enormes distâncias a pé, desde o sul do Paraná, o oeste catarinense e o norte gaúcho. Pregavam suas crenças, oravam. aconselhavam, faziam curas, receitavam ervas. Eram homens bondosos, pacientes, desligados dos bens terrenos, frugais, amigos do povo humilde, atraindo a simpatia e despertando a fé de populações que viviam ao abandono, entregues à própria sorte e sem assistência alguma. A diferença entre eles residia no fato de que o primeiro era indiferente à política, ao passo que o segundo era monarquista e anti-republicano convicto, atribuindo à República todos os males provocados pela crise econômica vivida na região. Esse monarquismo contribuiu, por certo, para gerar o clima revolucionário que se implantaria no sertão e acabaria por explodir na revolta dos jagunços que os historiadores batizaram de "Contestado."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nesse contexto, depois de longo hiato, surge o terceiro "monge", em meu município natal, Campos Novos, no ano de 1911. Miguel Lucena de Boaventura, que se dizia irmão de João Maria de Agostinho, adotou o nome de José Maria de Santo Agostinho, embora o povo o tratasse como "monge" José Maria. Este, ao contrário dos demais, era um "monge de guerra" e com ele se iniciariam os conflitos que irão de 1912 a 1916 – a "Guerra do Contestado." Mas essa já é outra história.

Resta dizer que o livro de Fachel deixa evidente o fascínio provocado pelos "monges" naquele povo de excluídos, recusados pelos governos e pela sociedade, e para o qual esses andarilhos pregadores apareciam como a tábua da salvação.

Silvério da Costa, escritor, poeta, jornalista e incansável agitador cultural, acaba de lançar mais um título na área infantil, o segundo de sua autoria. Trata-se de "As Brincadeiras de Gastão", livro-álbum de excelente apresentação gráfica, ilustrado por Gisele dos Santos, com texto resumido, mas preciso, e muitas ilustrações. É um livro destinado a despertar no leitor-mirim o gosto pela leitura e para isso tem todos os requisitos do gênero.

Francisco José Pereira, "doublé" de escritor e editor, meu colega de Faculdade, está lançando novo romance. "Destinos sem Repouso", editado pela Editora Garapuvu (Florianópolis), é um relato que tem fundo memorialista e histórico, escrito por um homem cujo destino o levou por caminhos ásperos, mas que deixaram marcas positivas de diferentes experiências vividas.

Realizou-se na cidade de Jaraguá do Sul, entre 10 e 12 de agosto, o I Encontro Catarinense de Associações de Escritores, durante a VI Feira do Livro. O evento contou com as costumeiras palestras, debates, mesas-redondas, solenidades e exposição de livros. A repercussão foi mínima, o evento não contou com nomes de expressão e os resultados são desconhecidos. A experiência tem mostrado que essas promoções locais, sem um efetivo engajamento estadual, nada acrescentam.

Com introdução do crítico Lauro Junkes, "Ô Catarina!", suplemento cultural da Fundação Catarinense de Cultura, dedicou um número especial aos cronistas de nosso Estado. O autor da introdução dá uma aula sobre esse gênero literário, explicando a origem da palavra, as suas concep-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ções, a definição e as modalidades da crônica, concluindo com uma abordagem da crônica em Santa Catarina, relacionando seus expoentes, e que são os seguintes: Abelardo Souza, Carlos Adauto Vieira, Flávio José Cardozo, Hamilton Alves, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Júlio de Queiroz, Raul Caldas Filho, Sérgio da Costa Ramos, Silveira Júnior e Silveira de Souza. É publicada, em seguida, uma crônica de autoria de cada um deles. A capa traz uma litogravura de Eduardo Quintana, artista argentino que estudou em nosso Estado, e o suplemento reproduz ilustrações de vários autores, além de fornecer resumidos dados biográficos dos participantes.

Gilberto Callado de Oliveira, Procurador de Justiça, lançou o livro "Filosofia da Política Jurídica", em edição da Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

Faleceu no Rio de Janeiro, onde era radicado, aos 79 anos incompletos, o poeta catarinense Marcos José Konder Reis. Nascido em Itajaí, a 15 de dezembro de 1922, estudou em Blumenau e Santos, formando-se em engenharia civil no Rio de Janeiro. Exerceu vários cargos públicos, inclusive na área cultural, e produziu vasta obra poética, exaltada pela melhor crítica e apreciada pelos amantes da boa poesia. Integrou a chamada "Geração de 45", que pretendia buscar novas formas e conceitos poéticos no pós-modernismo. Destacam-se entre seus livros "Tempo e Milagre", "Menino de Luto", "O Templo da Estrela", "O Pombo Apunhalado" e outros. Colaborou com vários jornais e revistas e teve participação em antologias. Mereceu aplausos de Manuel Bandeira, Edgard Cavalheiro e Sérgio Milliet, tendo sido selecionado pelos dois primeiros para importante seleta. Mereceu verbetes no "Dicionário Literário Brasileiro", de Raimundo de Menezes, e na "Enciclopédia de Literatura Brasileira", de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, além de referências, transcrições e citações em inúmeras outras publicações. Uma perda lamentável para nossas letras.

Recebo carta de um leitor, na qual diz ele: "O nome Natan, do personagem Natan Zilef, é de origem oriental, como Nabor, e do tempo de Davi, pai de Salomão. Natan: "dádiva", "dado". Ele não se limita a ler meus contos, vai averiguar até a origem dos personagens. É um leitor que vai fundo!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual = 6 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual = 6 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 80,00
-) Exemplares avulsos: R$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)
-) Exemplares avulsos: (10) edição bimestral

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2002 (Tomo 43). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R$ .....

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLIII
Janeiro/Fevereiro de 2002 - Nº 01/02

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida *(in memoriam)*

Birô Lindner - Centro de Impressão Digital

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora

FUNDAÇÃO CULTURAL
TOMO XLIII
Janeiro/Fevereiro 2002
NÚMERO 01/02

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense